



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO

A Decisão do Voto nas Eleições Presidenciais de 2022:

Uma investigação qualitativa sobre a formação da opinião e decisão do voto nas eleições para presidente no município de São João de Meriti

JOELMA DA SILVA ROSA CAMPOS

Seropédica

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

A Decisão do Voto nas Eleições Presidenciais de 2022:

Uma investigação qualitativa sobre a formação da opinião e decisão do voto nas eleições para presidente no município de São João de Meriti

JOELMA DA SILVA ROSA CAMPOS

Sob orientação do Professor

Professor Dr.^o Nelson Rojas de Carvalho

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciência Política.

Seropédica

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

JOELMA DA SILVA ROSA CAMPOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciência Política.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29/11/2024

Dr. NELSON ROJAS DE CARVALHO, UFRRJ
(Orientador)

Dr. CARLOS SÁVIO GOMES TEIXEIRA, UFF
Examinador Externo à Instituição

Dr. FABRICIO JESUS TEIXEIRA NEVES, UFRRJ
Examinador Externo ao Programa

Dr. VLADIMYR LOMBARDO JORGE, UFRRJ
Examinador Interno

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C198d

Campos, Joelma da Silva Rosa , 1969-
A Decisão do Voto nas Eleições Presidenciais de
2022: Uma investigação qualitativa sobre a formação da
opinião e decisão do voto nas eleições para presidente
no município de São João de Meriti / Joelma da Silva
Rosa Campos. - Seropédica , 2024.
128 f.: il.

Orientador: Nelson Rojas de Carvalho.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPGCS, 2024.

1. Voto. 2. Decisão. 3. Eleição. 4. Opinião. I.
Carvalho, Nelson Rojas de, 1961-, orient. II
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PPGCS
III. Título.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Joel da Silva Rosa e Enilva da Silva Rosa, minha filha Juliana Rosa da Cruz e em memória ao meu amado Esposo Reinaldo Martins Campos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente de agradeço ao Deus Santo, todo poderoso, criador do céu e da terra, autor e consumador de todas as coisas, a ele seja toda honra, toda Glória e o louvor, para todo o sempre. Amém! Por tudo que ele tem feito na minha vida e da minha família, pois sem sua proteção e misericórdia não seria feito este trabalho de dissertação. Dois anos parecem pouco, mas tantas coisas aconteceram ao logo do caminho, que não seria possível resumir, neste pequeno texto de agradecimento.

Em segundo, quero agradecer a toda minha família que sempre esteve comigo em todos os momentos, minha mãe com seus conselhos e orações, também ajudando a cuidar da minha filha que é especial em todos os sentidos desta palavra, especial clinicamente falando pois é autista, mas também especial pra mim, como filha amada, companheira, carinhosa, a quem amo demais. Também meu pai sempre companheiro, que quando me encontrei enferma no meu do processo de idas e vindas da Universidade, muitas vezes me acompanhou e meus irmãos que também pegaram para si algumas tarefas que eu já não podia dar conta no meu dia-a-dia, por conta da enfermidade e torna-lo menos penoso e assim poder concentrar minha dedicação aos estudos.

Meus sinceros agradecimentos também ao meu amigo e orientador Professor Doutor Nelson Rojas de Carvalho, por toda sua ajuda, dedicação, compreensão e paciência. Ao Professor Nelson Rojas, minha eterna gratidão!

Meus agradecimentos também a todos os professores do mestrado que com generosidade compartilharam, seu saber, comigo e todos os alunos. Em especial a professora de Teorias clássicas: Mirian Santos, por ter entendido minha situação e me auxiliado na conclusão da disciplina.

Por fim, quero agradecer aos meus colegas de todas disciplinas que frequentei durante o curso, principalmente minha amiga Lara a qual fez uma optativa comigo (Natureza, Sociedade e Cultura) lecionada pelos maravilhosos professores Doutores Ana Paula e Felipe com os quais aprendi muito e que ampliaram o leque sobre a ciências sociais de modo geral. Também meus colegas da orientação: Daniel, Tuan, Eduardo e Marilaine, os quais juntamente com professor Nelson, me inspiraram muito em nossas reuniões, pessoas muito dedicadas ao trabalho e muito hábeis na confecção em suas pesquisas. Aos professores Doutores Vladinyr Lombardo Jorge, Fabricio Jesus Teixeira Neves e Carlos Sávio Gomes Teixeira por sua participação na banca de defesa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

A todos muito obrigada!!!

“(...) Sei que a catástrofe pode chegar em algumas horas. Dizem que o câmbio por um dólar é de cinco bilhões de marcos. Os franceses ocuparam Ruhr, em todos os trabalhos há agitadores bolcheviques. Em Munique, Herr Hitler está preparando um golpe de estado (...). Todos têm medo. E eu também.”

Inspetor de polícia Bauer- (Gert Fröbe)
(Filme: O ovo da Serpente) de Ingmar Bergman

RESUMO

O presente estudo tem por objeto de pesquisa a análise da formação da opinião e dos vetores da decisão do voto nas eleições presidenciais de 2022 na cidade de São João de Meriti. Conduzimos uma investigação qualitativa, no formato “pesquisa painel”, ao longo do processo eleitoral; monitorando um conjunto de 21 eleitores, por meio da aplicação de 5 rodadas de entrevistas, utilizando os cortes demográficos de raça, gênero, religião e inserção laboral, ao lado da divisão dos entrevistados em três grupos distintos: eleitores de Lula, apoiadores de Bolsonaro e indecisos. A análise dos dados coletados trouxe os seguintes resultados: ao longo do processo eleitoral, identificamos a coexistência de dois sistemas de crenças distintos subjacentes à decisão do voto: um primeiro de ordem pragmática e um segundo de orientação ideológica. A decisão do voto dos eleitores de Lula se orientou, em conformidade com a matriz da *rational choice*, por uma equação de custo/benefício e pela avaliação do desempenho de governo. A decisão do voto em Bolsonaro, por seu turno, pautou-se pelo posicionamento ideológico e pela associação da imagem do então candidato /Presidente Bolsonaro a valores pessoais e de grupo. Destacamos na investigação como os sistemas de crença foram essenciais no processo eleitoral de 2022, oferecendo *insights* importantes sobre as formulações e a escolha do voto, sendo, por isso, fundamentais para entender como os eleitores interpretam e respondem aos desafios políticos atuais.

Palavras-chave: Opinião; Decisão; Voto; Eleição.

ABSTRACT

The present study has as its research object the analysis of opinion formation and the vectors of voting decisions in the 2022 presidential elections in the city of São João de Meriti that belongs to metropolitan region of Rio de Janeiro. We conducted a qualitative investigation, in the “panel research” format, throughout the electoral process; monitoring a set of 21 voters, through the application of 5 rounds of interviews, using the demographic categories of race, gender, religion and labor insertion, alongside the division of interviewees into three distinct groups: Lula voters, Bolsonaro supporters and undecided electors. The analysis of the data collected brought the following results: throughout the electoral process, we identified the coexistence of two distinct belief systems underlying the voting decision: a first of a pragmatic nature and a second of an ideological orientation. The voting decision of Lula's voters was guided, in accordance with the rational choice theoretical matrix, by a cost/benefit equation and by the assessment of government performance. The decision to vote for Bolsonaro, in turn, was guided by the ideological positioning and the association of the image of the then candidate/President Bolsonaro with personal and group values. We highlight in the investigation how belief systems were essential in the 2022 electoral process, offering important insights into the formulations and choice of votes, and are therefore

Keywords: Opinion; Decision; Vote; Election.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1. A TEORIA E O VOTO.....	21
1.1. A Teoria do voto e a formação dos modelos eleitorais.....	21
1.1.1. Teoria Sociológica: As clivagens sociais e a demografia do voto.....	22
1.1.2. Teoria Psicológica: Partidarismo e Ideologia	23
1.1.3. Teoria Econômica e as <i>issues</i>	24
1.2. Os declínios na década de 1970 e as reformulações dos Paradigmas.....	25
1.3. O Retorno do paradigma econômico e as novas <i>issues</i>	29
CAPÍTULO 2. COMPORTAMENTO ELEITORAL, NO CONTEXTO, 2022.....	31
2.1. O conceito de Ideologia.....	31
2.1.1. Os dois de sistemas de Crenças.....	33
2.2. Definição de Lulismo e Bolsonarismo no processo eleitoral 2022.....	34
2.2.1 A eleição,2022 e a força dos fenômenos Políticos.....	35
2.3. Lula e o retorno do voto Pragmático – (Juízo e Ganho)	36
2.4. A Nova Direita: “Deus, Pátria e Família”	37
2.5. Os fenômenos e as crenças	39
CAPÍTULO 3. “O FORMIGUEIRO DAS AMÉRICAS”	40
3.1. A pesquisa de campo.....	40
3.1.1. As entrevistas – divisão das 5 rodadas	42
3.1.2. Dados dos entrevistados (intenção de voto raiz).....	42
3.1.3. Disposição das perguntas em relação aos objetivos.....	44
3.2. Metodologia aplicada à pesquisa de campo	45
3.2.1. O processo para a obtenção das entrevistas	46
3.2.2. Contingências da Pesquisa.....	47
3.3. O município e a pesquisa de campo.....	48
3.3.1. A milícia e a Baixada Fluminense	51
CAPÍTULO 4. AS HIPÓTESES: DESPOLARIZAÇÃO E ANTIPETISMO	53
4.1. Embasamento das hipóteses	53

4.2. A despolarização – irrelevância e desconhecimento.....	54
4.3. Os ciclos e a despolarização	55
4.4. O “Antipetismo” em segundo plano	59
4.5. O “Antipetismo” e a classe média ressentida	60
4.6. Diferenças contextuais entre “Mensalão” e “Lava-Jato”	61
CAPÍTULO 5. ENTREVISTAS: OS RESULTADOS.....	66
5.1. Formação da Opinião.....	67
5.1.1. O interesse na política	67
5.1.2. Meios de Informação – As influências	69
5.2. O momento da decisão.....	71
5.3. Orientação Ideológica.....	72
5.3.1. Ideologia e o voto ao candidato Lula	74
5.3.2. Os eleitores em Lula que não se posicionaram.....	74
5.3.3. Ideologia e o voto ao candidato Bolsonaro.....	74
5.3.4. Ideologia e o voto dos Indecisos	75
5.3. Os temas dos eleitores.....	75
5.4.1. Identificação partidária e confiança Institucional	78
5.5. Razões do voto.....	81
5.5.1. Razões do voto em Lula	82
5.5.2. Razões do voto em Bolsonaro.....	83
5.5.3. As razões da Indecisão	84
5.6. Razões para oposição ao voto.....	85
5.6.1. O antagonista do voto em Lula	85
5.6.2. O antagonista do voto em Bolsonaro	85
5.6.3. Os Indecisos se opõem ao voto em?.....	87
5.7. Relação candidato / tema.....	87
5.8. Inferências sobre a pesquisa de campo.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	96
APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIOS	106
APÊNDICE 2 – TABELAS.....	122

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Dimensões materialistas e pós-materialistas	28
Figura 2	Mapa Município de São João de Meriti	47
Figura 3	Mapa Região metropolitana do Rio de Janeiro	48
Figura 4	Mapa da Baixada Fluminense	49
Figura 5	Arvore genealógica dos partidos	55
Figura 6	Régua ideológica dos partidos.....	55
Figura 7	A genealogia do Lulismo	56
Figura 8	Dados pesquisa data folha sobre os temas Salientes para os Brasileiros,2011-2023...74	74
Figura 9	Panorama das classes ABCDE – Raça.....	81
Figura 10	Ilustração do (Voto Bolsonaro) o voto espelhado	87
Figura 11	Desempenho de Governo - modelo (Voto Pragmático) e relação custo-benefício 88	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Perfil dos entrevistados da pesquisa de Campo.....	39
Tabela 1	Nível de interesse dos eleitores no processo eleitoral 2022.....	65
Tabela 2	Meios de informação	67
Tabela 3	Orientação ideológica	70
Tabela 4	Posicionamento ideológico (Bolsonaro)	71
Tabela 5	Posicionamento ideológico (Indecisos)	71
Tabela 6	Áreas de interesse dos eleitores- sem dados agregados	74
Tabela 7	Áreas de interesse dos eleitores – dados agregados.....	75
Tabela 8	Identificação Partidária	77
Tabela 9	Posicionamento dos eleitores (Instituições e Movimentos)	77
Tabela 10	Identificação dos eleitores (Instituições e Movimentos)	78
Tabela 11	A evolução do voto.....	79
Tabela 12	Opinião dos eleitores sobre as áreas de atuação dos candidatos	85
Tabela 13	Opinião dos eleitores sobre as áreas de atuação dos candidatos	86

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:

ACM Neto	Antônio Carlos Magalhães Neto
DC	Democracia Cristã
DEM	Democratas
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
FHC	Fernando Henrique Cardoso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NOVO	Partido Novo
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-americana da saúde
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PFL	Partido da Frente Liberal – Atual (Democratas)
PL	Partido Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro, atual (MDB)- Movimento Democrático Brasileiro
PP	Partido Progressista
PPB	Partido do Povo Brasileiro
PPS	Partido Popular Socialista
PRB	Partido Republicano Brasileiro, atual (Republicanos)
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PROS	Partido Republicano da Ordem Social, Atual (Solidariedade)
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PSL	Partido Social liberal
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PV	Partido verde
União Brasil Fusão entre O Democratas (DEM) e o Partido Social Liberal (PSL)	
UP	Unidade Popular

INTRODUÇÃO

A presente dissertação visa a análise da formação da opinião e dos vetores da decisão do voto nas eleições presidenciais de 2022 na cidade de São João de Meriti, situada na região metropolitana do Rio de Janeiro. Este estudo não tem por finalidade resolver todos os pontos da dinâmica do voto, que se trata de um dos mais complexos dilemas das ciências sociais e, em especial, das ciências políticas; mas trazer uma contribuição para o desvelamento dos novos debates sobre o assunto. Para tanto, nos valemos de uma investigação qualitativa, através de “pesquisa painel”, realizada no município de São João de Meriti.

Nessa perspectiva, foi conduzido um estudo de campo no formato “pesquisa painel”, monitorando um conjunto de 21 eleitores desde a oficialização das candidaturas presidenciais, em meados de agosto de 2022 até duas semanas após o segundo turno das eleições, em 30 de outubro do mesmo ano. A investigação compreendeu cinco fases de entrevistas com perguntas semiestruturadas, abrangendo questões abertas e fechadas. Os participantes foram categorizados em três grupos: votantes do candidato Lula; apoiadores do candidato Bolsonaro; e indecisos. Esses participantes foram estruturados com base em segmentações demográficas, incluindo gênero, etnia, religião e inserção no mercado de trabalho (especificamente o setor terciário inferior), levando em conta a significativa adesão ao “bolsonarismo” por indivíduos desse segmento econômico. O estudo analisou a evolução do voto, a formação da opinião, os temas que engajam os eleitores e, finalmente, as motivações para o voto.

A questão central da pesquisa é identificar os elementos que influenciaram a formulação do voto e a escolha do eleitor nas eleições presidenciais de 2022, especificamente, em São João de Meriti. Ao nos debruçarmos sobre a pesquisa, nos deparamos, inicialmente, com a necessidade de entender essa intrincada dinâmica que envolve a formação de opinião e a decisão de voto e foi interessante observar como esses dois processos se entrelaçam, embora não sejam sinônimos. Ter uma opinião não é, necessariamente, sinônimo de tomar a decisão de ir votar. Isso, porque o processo decisório é fluido e instigado pela representação e motivação, sendo mais suscetível à letargia do eleitor do que o é a formação de opinião. Isso indica que um indivíduo, mesmo quando sob “pressões cruzadas”,¹ ou percebendo que o custo de votar supera os benefícios, pode formular uma determinada opinião a respeito do processo eleitoral, sem

¹ O significado de “pressões cruzadas”, ou seja, o pertencimento a diferentes grupos com orientações políticas conflitantes. Conflitos de lealdade de grupo emergem disto resultando na instabilidade da intenção de voto e na demorada decisão sobre em quem votar (Noelle-Neumann, 1993, p. 3). Ainda a respeito das “pressões cruzadas”: De modo geral, quanto maiores forem as pressões exercidas em direções opostas sobre os indivíduos ou grupos, mais provável é que os eleitores em perspectiva se retirem da situação, “perdendo o interesse” e não tomado qualquer decisão (Lipset, 1967, p. 211).

que, todavia, isso garanta que ele efetivamente votará. A diferença se encontra no que a ação deliberada de votar exige. Para que essa ação se concretize, é preciso estar motivado. Essa motivação envolve ter razões para agir, pois o que move o eleitor é o interesse, ou seja, a motivação conectada às demandas individuais. O processo eleitoral é, portanto, o momento de encontro dessas duas dinâmicas que levam o eleitor a votar ou não.

A partir dessas considerações, foram levantadas, as seguintes hipóteses: o não acionamento do “Antipetismo”; a continuidade da depolarização dos eleitores do voto ao então candidato “Lula”.

Justificativas da Pesquisa

No ano de 2018, o Brasil presenciou a eleição do primeiro presidente identificado com a extrema direita, desde a redemocratização. Apesar de essa orientação ideológica ter estado em hibernação por duas décadas, devido ao impacto do “Lulismo” (SINGER, 2021), Jair Bolsonaro alcançou a vitória na eleição sem estar vinculado a um partido político específico, sem tempo alocado na televisão, sem fundos de campanha, ou sem seguir as estratégias de uma campanha tradicional. (ABRANCHES, 2019) Este cenário revelou divisões até então não exploradas em relação a aspectos como religião, raça e gênero. O apoio ao candidato veio, primordialmente, de eleitores evangélicos, masculinos e brancos, com um destaque para os habitantes dos grandes centros urbanos e de áreas metropolitanas (NICOLAU, 2020).

A relevância deste estudo para o campo das ciências sociais é justificada, nesse sentido, pela introdução de um novo domínio de pesquisa derivado dos eventos reportados. Novos componentes foram introduzidos no panorama político, mas ainda permanecem pontos ambíguos pela entropia política gerada pelas eleições presidenciais de 2018; motivo pelo qual trouxeram uma enxurrada de novos questionamentos para o meio acadêmico. Torna-se, portanto, relevante analisar a formação da opinião e a decisão de voto em 2022, lançando luz sobre os novos padrões no comportamento eleitoral e mudanças na dinâmica política do Brasil.

Sobre esse assunto, (LAYTON, SMITH, *et al.*, 2021) questionam a origem das divisões ideológicas, afirmando que elas provavelmente não surgiram repentinamente nas eleições de 2018. Os autores salientam que, diferentemente de outras partes do mundo, as divisões demográficas raramente influenciam o voto nas eleições presidenciais em países latino-americanos. Sobre esta questão propusemos a escolha do município.

Proposta para a justificativa do município

Com o objetivo de compreender a questão levantada por Layton, optou-se por investigar localidades em que o voto em Jair Bolsonaro apresenta características específicas. Nesse contexto, referenciamos dois pontos:

- a) Sobre o impacto das milícias no desempenho eleitoral de Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro. O Sociólogo José Claudio Alves um dos principais estudiosos da atuação das milícias no território da Baixada Fluminense., explica que ao exercerem controle territorial semelhante ao do Estado, contribuíram significativamente para os 70% dos votos recebidos por Bolsonaro na região em 2018 (Caleiro, 2023). Essa dinâmica é reforçada por discursos conservadores e a consolidação de uma cultura miliciana, conforme aponta Bruno Manso: "-- Bolsonaro e sua família são representantes ideológicos de uma cultura miliciana que se fortaleceu no Rio e alcançou a presidência do Brasil" (MANSO, 2020, p. 191).

Dados do Ministério Público do Rio de Janeiro, que estimou, em 2019, a influência miliciana em 14 municípios e 26 bairros, impactando mais de 2 milhões de pessoas. Simultaneamente, grupos de extrema direita ganharam força na região, promovendo discursos conservadores, como o lema “bandido bom é bandido morto” (CARRANÇA, 2024)

- b) O estudo concentra-se no município com maior densidade demográfica da Baixada Fluminense, conhecido como “Formigueiro das Américas”, e utiliza a perspectiva de J. Nicolau, que aponta a expressiva votação de Jair Bolsonaro em cidades com alta concentração populacional. Segundo o autor, esse fenômeno deslocou o Partido dos Trabalhadores (PT) para patamares de votação similares aos do PSDB em 2002, consolidando uma inversão significativa nas bases eleitorais das principais forças políticas do país. Essa transformação evidencia mudanças estruturais no comportamento eleitoral brasileiro, sobretudo em contextos urbanos densamente povoados, como o município objeto da pesquisa (NICOLAU, 2020).

A justificativa baseia-se na alta densidade demográfica e na estrutura histórico-sócio-cultural conservadora da Baixada Fluminense, associada à influência de domínios

paramilitares. Evidenciando a relevância da região para estudos sobre comportamento eleitoral em 2022.

O estudo destaca os seguintes propósitos: de antemão, organizar uma revisão teórica do comportamento eleitoral com base na teoria do voto; na sequência, apresentar definições e conceitos sobre o comportamento eleitoral de 2022; logo após, explicar a metodologia e as justificativas para a área de estudo e quanto ao município; em seguida, identificar os pontos de direcionamento para as hipóteses; e, por fim, correlacionar os resultados, as análises e as discussões provenientes da coleta de dados.

Destacando no estudo que as crenças que os indivíduos desenvolvem sobre si mesmos e o mundo ao seu redor desempenham um papel crucial na ativação de respostas cognitivas e emocionais, influenciando significativamente a interpretação das situações vivenciadas. Essas interpretações, muitas vezes, assumem maior relevância do que os próprios eventos objetivos. Ainda que certas crenças pareçam pragmáticas, elas nem sempre resultam de processos completamente racionais, uma vez que a emoção exerce uma função central na atribuição de significado às experiências.

Dessa forma, a análise do comportamento eleitoral requer a distinção entre dois elementos fundamentais: a racionalidade e o sistema de crenças. A racionalidade pode ser entendida como um espectro linear, enquanto o sistema de crenças apresenta maior complexidade, manifestando-se tanto no campo cognitivo — que abrange desde um raciocínio mais restrito até um pensamento amplo — quanto no campo emocional, que varia entre sentimentos intensos e sutis. Essas duas dimensões, mente e coração, não seguem um padrão fixo, podendo variar de maneira independente conforme o contexto em que o indivíduo, neste caso o eleitor, está inserido.

No processo eleitoral, em particular, o equilíbrio entre razão e emoção se destaca como um aspecto central. A interação entre esses dois domínios é intrincada e essencial para a construção da compreensão das informações e da própria realidade, influenciando diretamente o comportamento do eleitor. Assim, compreender essa dinâmica permite uma análise mais profunda e precisa das decisões individuais no contexto político.

A presente dissertação se encontra dividida nas seções principais de introdução – apresentação do tema e do objeto; justificativa; problematização; objetivos gerais e específicos;

metodologia; e contextualização, desenvolvimento – cinco capítulos que tratam de teoria, conceitos e definições; metodologia; hipóteses; e pesquisa de campo e conclusão. Esses temas de desenvolvimento são apresentados na seguinte divisão.

O primeiro capítulo tem por objetivo organizar uma revisão bibliográfica sobre o comportamento eleitoral, tendo como base a teoria do voto e as suas reformulações ao longo do tempo e foi dividido em 3 seções – na seção 1, foi feita uma revisão bibliográfica dos paradigmas pertencentes à teoria do voto; na seção 2, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre as reformulações pragmáticas, os declínios dos modelos, das clivagens sociais e o alinhamento partidário; na seção 3, foi elaborada uma revisão bibliográfica sobre o retorno do modelo do eleitor racional e a introdução as novas questões do voto.

O segundo capítulo do desenvolvimento tem por objetivo apresentar conceitos e definições sobre o comportamento eleitoral no processo 2022. Por isso, foi dividido em cinco seções: na seção 1, é apresentado o conceito de ideologia e sua relação com os sistemas de crenças; na seção 2, são apresentadas as definições dos fenômenos políticos “Lulismo” e “Bolsonarismo” e suas influências no processo eleitoral de 2022; na seção 3, é apresentada a relação entre o candidato Lula e o voto pragmático; na seção 4, é apresentada a relação entre o candidato Bolsonaro e a nova direita; na seção 5, é apresentada a relação entre os dois fenômenos políticos e os sistemas de crenças.

O terceiro capítulo teve como objetivo explicar a estrutura da pesquisa de campo e a justificativas para o município específico. Foi organizado em três seções: a primeira abordou a estrutura da pesquisa de campo, incluindo rodas de entrevistas, a intenção de voto raiz e a disposição das perguntas; a segunda seção descreveu a metodologia utilizada na pesquisa de campo, o processo de coleta de entrevistas e contingências da pesquisa; e a terceira trouxe a descrição da relevância do município escolhido para a investigação de campo.

O quarto capítulo do desenvolvimento teve como objetivo identificar os postos-chave para o levantamento e o desenvolvimento das hipóteses a partir da literatura sobre assunto. Este capítulo foi dividido em 6 seções: na seção 1, propôs-se identificar os pontos de embasamento das hipóteses; na seção 2, buscou-se a identidade despolarização; na seção 3, buscou-se identificar as características políticas dos governos Lula e Dilma; na seção 4, buscou-se identificar a configuração do “Antipetismo”; na seção 5, buscou-se a identificação das origens do “Antipetismo”; na seção 6, identificou-se como as diferenças contextuais entre “Mensalão” e “Lava-Jato” trouxeram resultados políticos diferentes para os processos eleitorais em relação ao antipetismo.

O quinto capítulo teve como objetivo correlacionar os resultados, conduzindo às análises e discussões inerentes à pesquisa de campo, pelo que foi dividido em 8 seções: na seção 1, foram expostas as formas de correlacionar os interesses entre os grupos e os cortes demográficos da pesquisa de campo; na seção 2, buscou-se correlacionar as influências sobre os eleitores, a partir dos meios de obtenção de informação; na seção 3, foi conduzida uma análise sobre a orientação ideológica correlacionando as respostas dos entrevistados; na seção 4, foram correlacionadas as respostas dos eleitores e os temas de destaque; na seção 5, buscou-se correlacionar as razões do voto e sua relação com os grupos; na seção 6, buscou-se analisar a oposição a determinado voto; na seção 7 correlacionou-se binômio candidato/tema e finalmente, na seção 8, realizou-se um aprofundamento sobre as análises e discussões do capítulo e sua correlação com as clivagens e grupos de eleitores segundo sua intenção de voto.

A conclusão trouxe o resultado de tudo que foi apresentado no estudo, mostrando as inferências a partir dos cortes específicos da dissertação. Destacando que:

No contexto das eleições presidenciais de 2022, a análise dos dados coletados evidenciou a presença de dois sistemas de crenças distintos entre o eleitorado: um, de natureza pragmática; e, outro, de caráter ideológico.

Observou-se que os eleitores apresentavam um nível relativamente baixo de sofisticação política. Nesse cenário, recorreram a atalhos informacionais e cognitivos como estratégias para reduzir os custos associados ao processo de tomada de decisão no ato de votar.

A pesquisa de campo corrobora com as descobertas realizadas, indicando que as motivações do eleitorado estavam intrinsecamente ligadas tanto às suas emoções quanto ao seu raciocínio. Esses elementos, portanto, eram profundamente influenciados pelas crenças dos eleitores e desempenharam um papel central na formação de suas percepções, as quais são moldadas por visões de mundo, bem como por as suas representações simbólicas e os sentimentos de pertencimento. Esses fatores evidenciam a complexidade do comportamento eleitoral, que resulta de uma interação entre processos emocionais, cognitivos e identitários.

CAPÍTULO 1. A TEORIA E O VOTO

O presente capítulo tem por objetivo organizar uma recapitulação dos principais modelos da “teoria do voto”, assim como as suas origens de formação e as suas reformulações e discussões ao longo do tempo. Dessa maneira, buscou-se iniciar a construção do objeto de pesquisa supracitado. Tais postulados estão descritos nos tópicos a seguir, que servirá de alicerce para o desenvolvimento das discussões a partir dos resultados obtidos pela pesquisa de campo.

1.1. A Teoria do voto e a formação dos modelos eleitorais

O estudo proposto insere-se no campo da “teoria do voto”, em que despontam três escolas: a escola de Columbia, capitaneada por Paul Lazarsfeld; a escola de Michigan, cujo destaque vai para Angus Campbell, (CAMPBELL, 1960); e a teoria da escolha racional que teve por expoente Anthony Downs (DOWNS, 1999/1957).

Por um lado, é mister assinalar que os estudos fundadores de (LAZARSFELD, BEREISON e GAUDET, 1948), representaram um dos mais importantes pontos de inflexão sobre a compreensão do ato de votar. Batizados sob a insignia de modelo de Columbia, ou modelo sociológico do voto, tais estudos trouxeram inovações em duas frentes: a) por um lado, com base em metodologia de *survey*, revelaram que o nível de cultura cívica do cidadão comum contrariava frontalmente as expectativas idealizadas pelos teóricos clássicos e normativos da democracia. De forma contrária ao esperado por esses estudiosos, os estudos de Lazarfeld, *et al* demonstraram que o cidadão depositava o voto nas urnas dentro de uma ambiente de baixa informação e escasso interesse cívico; b) por outro lado, e mais importante, os estudos mencionados, a partir de metodologia de painel, verificaram que um baixíssimo percentual de eleitores, algo em torno de 5% dos votantes, alteravam as suas preferências por partidos ou candidatos no curso da campanha eleitoral. Como desdobramento da segunda descoberta, Lazarfeld, e seus colegas defenderam a hipótese segundo a qual as campanhas eleitorais nada mais faziam do que reafirmar ou reforçar disposições latentes e prévias dos eleitores; disposições, as quais, de resto, são dotadas de fortes raízes sociológicas: variáveis como classe e gênero determinariam interesses comuns de grupo, os quais, por seu turno, estariam na base da formação de coalizões partidárias e imagens afins a tais grupos.

1.1.1. Teoria Sociológica: As clivagens sociais e a demografia do voto

O Modelo Sociológico sob o olhar de *The People's Choice* (“A escolha do Povo”) (LAZARSFELD, BEREISON e GAUDET, 1948): Através dos estudos pioneiros, os pesquisadores , no sentido de entender como se desenvolvia a formação da opinião e a decisão do voto durante uma campanha eleitoral e se valendo de entrevistas repetidas sobre um painel de eleitores, no ano de 1940, no estado de Ohio (*Erie county*), durante as eleições presidenciais entre os candidatos Franklin Roosevelt e Wendell Willkie, viram a sua hipótese refutada. Isso, porque, inicialmente, acreditavam que seria a tomada de decisão de caráter psicológico, sendo influenciada pelos meios de comunicação; porém, como exposto nos capítulos “*The political homogeneity of Social Groups*” e “*Nature of Personal Influence*”, as suas conclusões assinalaram que os eleitores tomavam as suas decisões pelo meio social, isto é, com base em seu entorno (ANTUNES, 2008) (MARTINO, 2018).

Para compreender esse processo, os resultados elencaram a mobilização das clivagens sociais como sendo a origem do voto individual. Sobre os meandros pelos os quais perpassam as demandas alinhadas aos diversos grupos componentes da sociedade, os autores determinaram o voto como sendo o resultado do que se é; e não do se acredita. Assim, o voto seria acionado pelos cortes demográficos nos quais o eleitor se inclui. Segundo Lipset (1967 *apud* (FIGUEIREDO, 1991, p. 43) “(...) O comportamento eleitoral tem como antecedente a participação política sendo o voto o ato final de um processo social mais amplo”. Desse modo, argumenta-se que, para se compreender um único voto, é necessário investigar um contexto social, posto que esse comportamento, em relação à política, seria uma extensão do comportamento em relação ao contexto social; e não uma atividade autônoma.

Assim sendo, o que aciona o voto não é o indivíduo, mas as suas predisposições sociais. Ou seja, as decisões de determinado indivíduo devem ser analisadas dentro do contexto social no qual ele vive (LAZARSFELD, BEREISON e GAUDET, 1948). Logo, o eleitor sempre buscará entre os partidos concorrentes o endosso de seus pares (grupos sociais); classe (socioeconômicas); gênero; raça; sindicatos; associações; grupos religiosos; atividade laborais e afins.

Dessa forma também os resultados do estudo encontraram dados que foram paradoxais ao que os teóricos normativos propunham quanto ao ideário comportamento eleitoral, segundo o qual os indivíduos teriam uma alta sofisticação política. Contudo, as pesquisas empíricas apresentaram resultados contrários aos teorizados, deparando-se com eleitores com um baixo conhecimento sobre a política e os seus processos.

Um outro dado importante encontrado nos estudos da Universidade de Columbia foram que essas predisposições não mudavam durante os processos eleitorais e se repetiam nas eleições subsequentes. Esse resultado foi reforçado por estudos posteriores, como um da Grã-Bretanha; assim, começou-se a definir a base de classe da política eleitoral britânica, por exemplo. Um marco na pesquisa eleitoral europeia foi o estudo de Seymour Martin Lipset e Stein Rockkan, de 1967, sobre sistemas de partidos e o alinhamento de eleitores. (LIPSET e ROCKKAN, 1967, p. 50) expressaram a agora famosa conclusão de que “os sistemas partidários da década de 1960 refletem, com poucas exceções significativas, a estrutura clivagem da década de 1920”. Aos quais Dalton nomeou de “clivagens congeladas” (DALTON e WATTENBERG, 1993)

Embora esse modelo fornecesse uma estrutura por meio da qual era possível identificar quais atalhos foram utilizados para a decisão do voto, isto é, a votação com base em grupos sociais para a tomada de decisão satisfatória, posto que os eleitores usariam pistas sociológicas para orientar as escolhas de voto; ele se mostrou pouco eficiente quanto se trata de explicar os votos na Europa, e menos ainda quanto aos votos nos Estados Unidos da América em relação aos indivíduos menos polarizados. Além disso, esse modelo enfatizou processos de longa duração (continuidade e estabilidade).

1.1.2. Teoria Psicológica: Partidarismo e Ideologia

Devido às limitações do modelo sociológico, a escola de Michigan propôs um modelo alternativo, que foi batizado como “modelo psicológico”, o qual, em comum com a orientação dos estudos de Columbia, vedava ao momento eleitoral qualquer estatuto de relevância na conformação da escolha dos eleitores. Para a escola de Michigan, a variável básica subjacente a essa e outras escolhas do cidadão no mundo político consistiria em um conjunto de predisposições psicológicas anteriores ao jogo eleitoral, segundo o qual a identificação partidária ocuparia um lugar central. Como elemento introduzido na socialização primária e familiar do indivíduo, a identificação partidária atuaria como uma espécie de *a priori* cognitivo nas matérias atinentes ao mundo político, desempenhando papel de filtro de classificação, entendimento e ordenamento, por parte do eleitor, seja de temas de curto-prazo, seja de candidatos.

Muito antes de o modelo psicológico de explicação de comportamento político chegar a esse grau de sofisticação teórica e analítica, Campbell e seus colegas já sugeriam, no “*The American Voter*”, que a duradoura identidade dos americanos com os partidos políticos é “um importante fator na garantia da estabilidade do próprio sistema partidário (Campbell, 1964:67)” (FIGUEIREDO, 1991).

Mais importante, os teóricos da escola de Michigan descobriram que as campanhas pouco alteram esse elemento de lealdade primária, já que o indivíduo tende a se mover de forma consistente ao longo da vida, ou seja, munido de um só filtro de compreensão do mundo político. No máximo, portanto, as campanhas reforçam predisposições existentes.

Embora admitindo que os fatores sociológicos interfiram na formação do partidarismo, esses foram considerados mais como um reflexo das características sociais do indivíduo. A título de exemplo, a classe social não traria nenhum atalho informacional para questões que não utilizam esse referencial. Notadamente, um dos pontos fortes do modelo de Michigan é descrever como a identificação partidária atua para filtrar as visões individuais do mundo político, apontando, dessa forma, que a única decisão sobre o ato de votar parte do ato de apoiar o próprio partido. Além disso, esse modelo serve também como meio para entender questões e candidaturas de curto prazo. Esse caminho tem se mostrado o mais eficiente para gerenciar a complexidade da política para a maioria dos indivíduos.

O paradigma colocado por esse modelo logo foi exportado para outros países, para pesquisas que tinham o intuito de entender os seus respectivos contextos democráticos na década de 1960. Estudos colaborativos semelhantes foram então conduzidos na Suécia, na Itália, Austrália, Japão, Alemanha, Holanda e em uma série de outras democracias.

Para Campbell e os seus colegas, observar as forças atuantes sobre o comportamento individual do eleitor em relação à política tem relação com buscar perceber como essas forças estariam ligadas a uma cosmovisão. Ao medir essa visão de mundo, os investigadores estariam capacitados a explicar as escolhas partidárias do indivíduo.

Ao somarem os efeitos sobre todo o eleitorado, os pesquisadores poderiam então entender os componentes atitudinais de decisão. Os autores acrescentam ainda que essas atitudes não se reformulam a cada eleição, posto que algumas avaliações do eleitor persistiriam ao longo do tempo, assim como certas predisposições de opinião sobre elementos da política (Campbell, 1960).

1.1.3. Teoria Econômica e as *issues*

(DOWNS, 1999/1957), em trabalho publicado originalmente em 1957, inova ao não apoiar a teoria em noções clássicas da prática democrática, pois emprega os pressupostos da “teoria econômica moderna de racionalidade” (DALTON e WATTENBERG, 1993). Nesse sentido, o seu principal axioma será o fato de os indivíduos agirem de forma racional e maximizada na política. Isso significa dizer que o eleitor decidiria a partir da possibilidade de

retorno, seja por parte de partidos, seja por candidatos. Ao priorizar os benefícios obtidos com a sua decisão do voto, o eleitor ponderaria sobre o fluxo de utilidade a partir do desempenho de governo e/ou promessas de campanha que lhe trariam maior “utilidade”, sendo esse o seu “*ceteris paribus*”,² uma vez que optaria pela ação que lhe ofereceria a maior vantagem em relação às outras (DOWNS, 1999/1957).

Segundo (FIGUEIREDO, 1991, p. 69), “As pessoas votam se este ato for visto como potencialmente capaz de trazer-lhes algum benefício social ou econômico, divisível ou não”. O indivíduo, para esse modelo, tem uma visão utilitarista do voto e toma as suas decisões de forma calculista. A chave para esse processo de decisão, portanto, seria a percepção de utilidade do eleitor.

O aspecto pragmático desse modelo é o ponto central para a tomada de decisão do voto, em relação ao qual Downs dedica um capítulo inteiro do livro a fim de explicar como os eleitores reduzem o seu custo. Nesse capítulo, o autor argumenta que não entrará no debate sobre a sofisticação, ou não, do eleitor, mas que os eleitores serão de interesse se possuírem uma base informada para fazer escolhas por meio do voto, analisando o desempenho do governo (passado) e as promessas (futuras) das partes e usando esses elementos como informação para a tomada de decisão (DOWNS, 1999/1957).

Eventualmente, as siglas partidárias, como “Liberal” ou “Conservador”, ou mesmo rótulos ideológicos, podem ser utilizados para as decisões eleitorais. Contudo, os eleitores são vistos como atores individuais, os quais utilizam as informações que possuem sobre os partidos e candidatos para avaliar qual deles será melhor para os seus interesses (DALTON e WATTENBERG, 1993).

1.2. Os declínios na década de 1970 e as reformulações dos Paradigmas

No entanto, se, até a década de 1970, os estudos oriundos das duas grandes escolas de análise do comportamento eleitoral — as escolas de Michigan e de Columbia — fizeram pouco caso dos fatores intervenientes próprios do jogo eleitoral, veremos que as mudanças ocorridas nas últimas décadas no âmbito político e societal, retiraram muito do poder preditivo daqueles associados às escolas de Michigan e Columbia e, ao mesmo tempo, incrementaram o valor explicativo de modelos que seguiram a orientação de Downs.

² *Ceteris Paribus*, ou *Coeteris Paribus* é uma expressão em latim que significa “todo o resto constante”. É termo utilizado na ciência econômica para explicar modelos e teorias que consideram como inalterados outros fatores que possam influenciá-la. Em outras palavras, pode-se dizer que *Ceteris Paribus* é a suposição, na economia, de que se age como uma indicação abreviada do efeito de uma variável econômica em outra (Reis, 2018).

Para (DALTON e WATTENBERG, 1993), o aumento da complexidade política nas últimas décadas é um ponto determinante nas flutuações acerca da formação e da decisão do voto. Essas flutuações estão intimamente ligadas às mudanças de contexto histórico, as quais afetaram a sociedade e, consequentemente, a política.

As pistas cognitivas e os atalhos informacionais são importantes para a diminuição dos custos para o eleitor, e será nesses fatores que ele se apoiará para a formação da opinião e para a tomada de decisão quanto ao voto. Mesmo em democracias industriais avançadas, nas quais os eleitores podem ser mais instruídos no que diz respeito aos processos políticos, esses atalhos prevalecerão. Esse equilíbrio entre as habilidades de tomada de decisão do eleitor e as demandas políticas são uma controvérsia central sobre como o eleitor orienta a escolha e o comportamento quando se trata do processo eleitoral.

Os três paradigmas apresentados concorrem nas pesquisas sobre o processo eleitoral. Embora os modelos tenham se reformulado, a partir das novas *issues*, na atuação sobre o eleitorado, e os seus elementos possam se apresentar eventualmente na tomada de decisão do voto, é necessário questionarmos: Os eleitores estão tomando decisões pautados nas predisposições sociais, ou psicológicas, de longo prazo; ou interpretando as opções políticas atuais? Responder a essas indagações significa começarmos a entender a capacidade do processo democrático (DALTON e WATTENBERG, 1993).

As clivagens de classe foram atingidas pelas novas demandas e desafios na política. Ademais, a proliferação de novos partidos políticos europeus determinou as flutuações no processo eleitoral, concentrando-se mais em nível individual (ANTUNES, 2008). Ironicamente, enquanto se estava discutindo sobre as “clivagens congeladas” da década de 1920, mudanças intensas ocorreram dentro do cenário político, entre essas mudanças estava o grande crescimento econômico do pós-guerra.

As mudanças ocorridas a partir desse momento atenuaram as possibilidades de conflitos políticos de classes e ‘Partidos social-democráticos, socialistas e comunistas, por exemplo, eram vistos enquanto representantes da classe trabalhadora’ (LIPSET e ROCKKAN, 1967). Além do mais, as alterações no nível de instrução dos trabalhadores e o aumento da mobilidade geográfica e da urbanização foram gradualmente suplantando as comunidades fechadas, vilas rurais e bairros operários, os quais passaram a ser trocados por estilos de vida mais abertos, urbanos e cosmopolitas.

As clivagens de classe —, as quais, dentro do escopo do modelo de Columbia, representavam um corte demográfico de maior importância em relação a qualquer outro, pois forneciam as pistas com base na teoria marxista da política e, por conseguinte, eram um fator

de açãoamento importante, que mobilizava a classe trabalhadora para se inclinar para um partido de esquerda; enquanto a classe média era mobilizada por partidos de direita — desmoronaram, afetando a estrutura de todo o modelo. Em resumo, como (LIPSET e ROCKKAN, 1967) afirma: “o voto de classe era um aspecto comum da política eleitoral na maioria das democracias”; agora, pode-se fazer uma afirmação igual, mas em sentido contrário, isto é, de que o declínio do voto de classe é uma característica comum das democracias.

Se a classe social era um dos principais pilares do modelo sociológico; a religião era outro. Datando de antes dos estudos de Columbia, as pesquisas empíricas sobre o comportamento mostravam que afiliações religiosas estavam com frequência fortemente ligadas à escolha do voto (ANDERSON, 1987). Esse declínio tanto da clivagem de classe quanto da clivagem religiosa demonstra claramente a erosão do modelo Sociológico. Não é que essas clivagens tenham se tornado totalmente irrelevantes, elas apenas perderam domínio entre muitos eleitores. E, para aqueles eleitores com laços de clivagem contínuos, as identidades sociais foram fragmentadas em uma série de grupos de referência de classe: religiosos; étnicos; entre outros.

A indefinição das imagens erode o valor das pistas sociais como guia do comportamento político. Portanto, as mudanças sociais alteraram a estrutura simples das clivagens que antes conseguiam se mobilizar e davam ao eleitor um método fácil de tomada de decisão.

O modelo psicológico, por sua vez, sustenta que o partidarismo é sempre relevante porque a maioria das eleições são partidárias. O partidarismo forneceria dicas claras e de baixo custo para o eleitor, sendo ele sofisticado ou não. É também bastante confiável em relação às candidaturas, por normalmente indicar um programa de política que o candidato defende.

Estudos indicam uma conexão significativa entre partidarismo e comportamento eleitoral, especialmente em eleições parlamentares de países como Grã-Bretanha e Alemanha. Isso se deve ao fato de que, em muitas nações europeias, existe uma correlação direta entre afiliação partidária e voto. Em contraste, nos Estados Unidos, os partidos frequentemente representam perspectivas distintas em diferentes níveis eleitorais, resultando em uma distinção clara entre identificação partidária e decisão de voto.

As ligações partidárias generalizadas promovem a continuidade da votação e reforçam a estabilidade do processo político. Por essa razão, foi uma surpresa quando os laços partidários começaram a desmoronar nas democracias ocidentais durante a década de 1970: “O crédito pelo primeiro uso do termo ‘dealignment’ impresso vai para Ronald Inglehart e Avram Hochstein” (DALTON e WATTENBERG, 1993, p. 202).

Quando se trata dos Estados Unidos da América, as evidências de pesquisas empíricas demonstraram que esse desmoronamento foi motivado por três fatores:

- a) o voto dividido: por definição, o voto dividido se refere a votar em diferentes partidos para diferentes cargos políticos;
- b) o declínio da identificação partidária e os dois tipos de independentes: o independente que realmente não se relaciona com nenhum partido; e “O partidário não assumido”, isto é, aquele que se diz ser independente, mas que, na verdade, não quer assumir a identidade partidária que possui;
- c) aumento das atitudes neutras: inicialmente, as pessoas neutras refletiam uma ignorância política geral (converse, 1964); porém, em 1980, essa neutralidade, ou ignorância, se restringiu ao partido, não incluindo mais os candidatos, ou questões políticas. Essa tendência está relacionada à crença americana de que se deve votar pela candidatura; e não pelo partido, porquanto muitos enxerguem o partido muito mais como uma conveniência do que uma necessidade.

Com exceção dos Estados Unidos, o desalinhamento partidário foi encorajado pelo fracassado modo de as legendas lidarem com as controvérsias da política contemporânea. Sobre o viés político internacional, as mudanças sociais geracionais patrocinaram o declínio da polarização, seguindo uma maior fluidez partidária como característica da política eleitoral na maioria das democracias dos países desenvolvidos.

Com o enfraquecimento do modelo sociológico e dado que o partidarismo foi simultaneamente deixado de lado pelos eleitores, as funções, que eram dos partidos, foram abraçadas por *lobbies* de questões únicas, os quais surgiram nos últimos anos e pressionaram independentes dos partidos. Além disso, a mídia de massa tem assumido as funções de informar e divulgar; as quais antes passavam por um controle sectário. Esse fenômeno também foi encorajado pelo fracasso das agremiações políticas em lidar com as controvérsias políticas contemporâneas que vão desde questões econômicas até temas socioambientais, além de outros fatores, como qualidade de vida. Por isso, os padrões internacionais de mudanças sociais e a natureza geracional do desalinhamento partidário sugerem que uma maior fluidez partidária será uma tendência na maioria das democracias dos países desenvolvidos. O ressurgimento do partidarismo parece improvável nos sistemas eleitorais contemporâneos, bem como parece pouco provável um retorno a seus padrões estáveis e estruturados do passado, com base nos quais características sociais e um senso duradouro das legendas determinavam o comportamento eleitoral.

1.3. O Retorno do paradigma econômico e as novas issues

Após o desmoronamento dos modelos sociológico e psicológico e de suas características de longo prazo; as pesquisas voltaram-se para a análise do voto de curto prazo. Esses fatores de curto prazo têm abordagem introduzida pela teoria econômica clássica de Antony Downs. Nesta seção, examinaremos o ressurgimento do eleitor racional, visto através da evidência de votação por questões relacionadas às contingências contemporâneas.

Neste ponto, da votação através das questões, retorna o debate sobre a sofisticação política do eleitor, a partir de uma contextualização com as demandas do período. Na década de 1950, quanto ao eleitor, “*American Voter*”, afirmava-se que apenas uma pequena parte dos eleitores americanos dependiam de questões para decidir seu voto (CAMPBELL, 1960). Ainda que essas questões não se relacionassem diretamente ao declínio dos processos de longo prazo que eram os formadores do voto. Quando as sugestões sociais e o partidarismo deixam de ser efetivos para esse fim, consequentemente, as questões parecem assumir, juntamente com outros fatores, essa função.

Um dos problemas encontrados, no entanto, para um estudo comparativo no que se refere às questões, seja entre épocas, ou entre nações, está no fato de que a variedade de temas — entre eleições, ou entre o eleitorado mesmo, como os comportamentos posicionais entre esquerda e direita, ou liberal e conservador, — pode ser entendida como uma “super questão” (INGLEHART, 1983).

As posições ideológico-partidárias, nesse sentido, se transformaram em atalhos informacionais para baixar os custos no momento da decisão, informando ao votante um conjunto de demandas associadas a determinado posicionamento que o eleitor assume a partir dessas associações. Em outras discussões, tentou-se alargar o alcance, propondo uma régua para o posicionamento ideológico, ou ainda, acrescentar uma outra dimensão além das ideologias esquerda ou direita, com a adição da dimensão materialista/pós-materialista(figura -1), no sentido de explicar temáticas que fogem às da dinâmica das clivagens de classe e de divisão social, como as de fatores econômicos e de segurança (RIBEIRO, 2007).

Figura 1 – Dimensões materialistas e pós-materialistas

Necessidades sociais e de autorrealização (pós-materialista)	Estética/intelectual	Cidades bonitas/natureza
		Ideias contam
		Liberdade de expressão
	Sentimento de pertencimento/comunidade	Sociedade menos impessoal
		Mais voz no trabalho/comunidade
		Mais voz nas decisões do governo
Necessidade físicas (materialista)	Segurança física	Forças armadas fortes
		Combater o crime
		Manter a ordem
	Segurança econômica	Estabilidade econômica
		Crescimento econômico
		Combate à inflação

Fonte: Adaptado de Inglehart (1979b, p. 313).

Fonte: (OKADO e RIBEIRO, 2017)

A individualização na tomada de decisão do voto, portanto, aparece como uma tendência marcante nesse novo cenário, em que as questões³ transformaram os meandros políticos da atualidade. A instabilidade gradual dos processos políticos, com a erosão dos modelos de longo prazo, como as clivagens sociais e o partidarismo, assim como a heterogeneidade dos interesses do eleitorado, indica que a opinião pública tem se tornado mais fluída e menos previsível, fazendo com que partidos e candidatos sejam mais sensíveis às novas demandas e à opinião pública, principalmente, de quem vota.

³ Voto por questões ou temas políticos (political issues), refere-se à ideia de que eleitores escolhem em quem votar baseados em posições políticas específicas que os candidatos ou partidos tomam sobre questões importantes para ele faz suas escolhas analisando como as plataformas de cada candidato correspondem às suas próprias preferências (DOWNS, 1999/1957)

“O bolsonarismo é um alinhamento ideológico de direita no Brasil, (...) Bolsonaro não é um produto de publicidade (marketing), como outro líder semelhante o foi no passado – Collor de Melo –, mas um galvanizador e legitimador de posições sobre temas políticos (political issues). O bolsonarismo é marcado por: reações culturais contrárias a avanços sociais progressistas.” (RENNÓ, 2022, p. 147)

CAPÍTULO 2. COMPORTAMENTO ELEITORAL, NO CONTEXTO, 2022

O objetivo principal deste capítulo é apresentar um esboço do comportamento eleitoral de 2022, buscando conceitos e definições que permitam criar uma representação adequada dessa estrutura. Para tanto, estabeleceu-se uma conexão entre estudos para identificar os elementos que influenciam escolhas eleitorais e o processo de decisão.

O comportamento eleitoral é um espelho da complexidade inerente às decisões políticas dos indivíduos, bem como da interação entre fatores pessoais e contextuais. É fundamental para entender a dinâmica da democracia e suas mudanças com o passar do tempo. A ideologia permanece um componente crucial na política e no comportamento dos eleitores; contudo, seu impacto pode se alterar conforme o contexto, as campanhas eleitorais e os desafios que a sociedade enfrenta.

Para compreender os desdobramentos do comportamento eleitoral em 2022, é essencial considerar os elementos característicos deste período.

As eleições de 2022 no Brasil foram marcadas por forte polarização ideológica, com a direita defendendo conservadorismo nos costumes, liberalismo econômico e nacionalismo, enquanto a esquerda focou em justiça social e igualdade. As redes sociais se destacaram como palco de discursos polarizadores e emocionais, intensificando o antagonismo. Apesar disso, o pragmatismo influenciou parte do eleitorado, que votou com base no custo/benefício e no desempenho de governo.

O primeiro passo foi buscar o conceito de ideologia entendendo sua importância no processo eleitoral 2022.

2.1. O conceito de Ideologia

Norberto Bobbio analisa o conceito de ideologia, destacando que essa palavra possui uma frequência e variedade de significados sem paralelos na linguagem filosófica, sociológica ou político-científica. Bobbio identifica duas interpretações predominantes: o "significado fraco" e o "significado forte".

O "significado fraco" relaciona-se a um espectro amplo de sistemas de crenças políticas, ideias e valores que influenciam o comportamento político coletivo e é visto como um conceito neutro, emergindo do caráter ocasional e ilusório das crenças políticas (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1998).

Na acepção particular, aquilo que é “ideológico” é normalmente contraposto de modo explícito ou implícito, ao que é “pragmático”. E o caráter da ideologia é atribuído a uma crença, a uma ação ou a um estilo político pela presença neles, de certos elementos típicos, como o doutrinarismo, o dogmatismo, um forte componente passional, etc, que foram diversamente definidos e organizados por vários autores. (Bobbio; Matteucci; Pasquino, 1998, p. 585).

Em 1969, Giovanni Sartori diferenciou pragmatismo e ideologia em seus “significados fracos”, considerando-os como dois sistemas de crenças políticas, ambos com aspectos cognitivos e emocionais.

De acordo com o autor, as ideologias são dogmáticas e têm um forte componente emocional que promove o ativismo. Em contraste, as crenças pragmáticas são abertas e menos passionais. Argumenta ainda, que essa diferença é crucial para entender os conflitos políticos, posto que as ideologias são inflexíveis e emocionalmente carregadas; enquanto o pragmatismo é mais flexível e racional. De igual maneira, as ideologias são diversas e, frequentemente, são usadas por elites políticas para a mobilização e a manipulação das massas. Essa distinção mostra como diferentes abordagens às crenças políticas podem influenciar o comportamento e as estratégias políticas. As ideologias promoveriam um ativismo intenso e dogmático; enquanto o pragmatismo favoreceria uma abordagem mais adaptável e menos emotiva.

Para Bobbio ao analisar as interpretações divergentes do termo "ideologia" em seu “significado forte”, observamos que, para Karl Marx, a ideologia é um reflexo das relações socioeconômicas, criando uma consciência ilusória; enquanto para Vilfredo Pareto, ela emerge da consciência individual e é passível de análise psicológica. Essa distinção abre caminho para uma perspectiva neopositivista, na qual as crenças pessoais podem alterar os juízos de valor, convertendo-os em declarações factuais e perpetuando o aspecto enganoso das ideologias.

Considerando o autor a falsidade como distorção da realidade, ou seja, aqui, a ideologia é uma representação distorcida da realidade, sendo o que legitima o sistema de poder e a política, tanto para governantes, quanto para governados. Os dominantes buscam vantagens; enquanto os dominados tentam evitar prejuízos maiores. E ainda, dum outro ângulo, a falsidade como ilusão. Nesse caso, a ideologia engana a consciência, legitimando e justificando o poder. A motivação ilusória é mais importante do que a representação enganosa e serve como critério para avaliar o caráter ideológico das crenças políticas. Essa visão mantém a ligação entre falácia e função ideológica e recupera a ideia marxista de falsa consciência sem depender do conceito de classe.

Sendo esta interpretação da ideologia como falsa inspiração sugere que as crenças políticas podem esconder outros incentivos e fatores de poder. Para entender completamente

essas motivações, consideramos que é necessário investigá-las empiricamente (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1998).

Nesse sentido, resumidamente, temos que toda construção ideológica será pautada em “significado fraco”, um sistema de crenças, ou “significado forte”, uma falsa representação da verdade e da própria realidade, a qual será usada como “falsa motivação” para justificar diversas relações de poder.

2.1.1. Os dois de sistemas de Crenças

I assume that ideology indicates a particular state, or structure, of political belief systems. By definition, then, not all political belief systems are ideological. Two corollaries follow. First, pragmatism is also a state of belief systems. (...) The second corollary is, then, that beliefs are, as such, a common, not a discriminating element. While not every polity need contain ideological publics, no polity can exist without publics that have beliefs. (SARTORI, 1969, p. 400)

A definição de sistema de crenças complementa a elucidação do comportamento eleitoral, que se busca descrever e que foi iniciado com o conceito de ideologia.

Conforme o recorte sugerido pelo estudo, foram reconhecidos dois sistemas de crenças⁴ diferentes, influenciando o processo eleitoral para presidente, em 2022. Um pragmático e outro ideológico (SARTORI, 1969), os quais existem na construção da opinião e na escolha do voto. Os eleitores se valem inevitavelmente de um desses sistemas para buscar seus atalhos informativos e cognitivos a fim de determinar uma escolha eleitoral e orientar-se até as urnas.

Um sistema de crenças pode ser entendido como um conjunto de orientações simbólicas que influenciam a percepção e a ação dos indivíduos. No contexto político, as convicções formam um sistema que guia as ações e as decisões dos indivíduos dentro desse campo. Ideologias e pragmatismo são dois exemplos de tais sistemas de crenças. Assim, podemos afirmar que até o ator pragmático é conduzido por suposições, pois nenhuma política pode existir sem um público que tenha crenças (SARTORI, 1969). Segundo ele, é possível se obter inter-relações entre sistemas de crenças heterogêneos.

Nesse cenário, as dificuldades residiriam no atraso da interação entre as comunidades. As duas ideologias não seriam capazes de dialogar, posto que os seus raciocínios e planos

⁴ “O conceito de crenças remete a um conceito mais amplo que é o conceito de sistema de crenças. Até bem pouco tempo, tinha-se a ideia de que a estrutura humana denominada cultura era a maior estrutura da qual decorriam todas as demais. Entretanto, atualmente, discute-se no meio acadêmico uma estrutura humana mais significativa e sem a qual nem a cultura subsiste: o sistema de crenças (Azevedo; Lemos, 2017, p. 238). Nesse contexto, a crença enquanto estrutura sistêmica, assim como a comunicação e a consciência, assumem um caráter simbólico autônomo com lógica peculiar a cada um” (Azevedo; Lemos, 2017, p. 250).

seriam distintos; em contrapartida, cada conjunto tenderia a transmitir a sua estrutura de pensamento ao conjunto adverso. O que traria como consequência um “jogo cego” quanto às regras e que teria como resultado interpretações e percepções erráticas, um profundo desencantamento e colocaria ainda um emaranhado de desconfianças em evidência.

Com esses pressupostos, podemos inferir que, com a ausência de entendimento acerca da existência de coletivos situados em sistemas de crenças distintos, é provável que se desvaneça a essência do “grande embate”. Se, por um viés, se tivesse a percepção de que embates ideológicos poderiam ser condensados a disputas econômicas, com uma possibilidade de cura a partir de remédios econômicos; e, por outro lado, não se pudesse ter o mesmo entendimento entre a heterogeneidade dos grupos ideológicos com relação à coesão e à solidariedade presente no sistema pragmático, o resultado seria um diálogo entre “homens surdos” (SARTORI, 1969).

Em relação a essas ponderações, foram encontrados votos consolidados, com características diferentes. Enquanto eleitores do grupo de votantes do candidato Lula imprimiam em suas respostas questões econômicas, objetivas e retidas ao cotidiano; os eleitores do grupo do candidato Bolsonaro imprimiam em suas respostas questões ligadas à moral e à ética, ou seja, subjetivas, trazendo à tona uma reprodução de discursos ideológicos impregnados de juízo de valor.

A partir dos conceitos apresentados, buscamos compreender a entrada desses sistemas de crenças no circuito da disputa eleitoral. As inferências indicam o embate entre dois fenômenos políticos, a saber o “Lulismo” e o “Bolsonarismo”, presentes no arcabouço desses mecanismos. Portanto, cabe agora compreendermos esses fenômenos e a sua relação com as crenças.

2.2. Definição de Lulismo e Bolsonarismo no processo eleitoral 2022

Sobre o “Lulismo”, apesar de alguns autores divergirem sobre a definição do termo: um “alinhamento” (MEDEIROS, 2020); “realinhamento”, (RENNÓ e CABELLO, 2010), (SINGER, 2012); resultado de uma eleição “Convertida crítica” (BRAGA e ZOLNERKEVIC, 2020); “populismo”, (SOUTHIER, 2022); todos esses concordam que o fenômeno surgiu no segundo mandato de Lula em 2006.

Esses pesquisadores também têm acordo com relação a que o “lulismo” tenha se constituído a partir do desempenho de governo através de políticas que aumentaram a renda, o emprego, o consumo, o acesso à cultura e às universidades. Essas políticas atenderam demandas

antigas da população, conforme (SOUTHIER, 2022). A agenda do “lulismo” incluía a erradicação da fome e a diminuição da pobreza. A crítica (SINGER, 2012) quanto a que esse seja “um reformismo fraco” aponta que o “lulismo” é marcado pelo antagonismo, uma vez que tenta agradar a todos ao mesmo tempo. Esse modelo conciliador de representar o povo e negociar com as elites levou, tanto ao seu sucesso, quanto ao seu fracasso.

Sobre o “Bolsonarismo”, (AVELAR, 2021) argumenta que o “bolsonarismo” não é fruto de “falsa consciência” (BOBBIO, MATTEUCCI e PASQUINO, 1998), ou “delírio coletivo” de 57 milhões de pessoas em 2018; é um fenômeno complexo, presente em várias escalas, até em nível individual. Segundo esse autor, ele foi construído sobre demandas sociais não atendidas pelo PT, posto que diversos segmentos negligenciados por pesquisadores compõem esse padrão, como os monarquistas, os olavistas (TEITELBAUM, 2020), os terraplanistas, os periféricos de direita, religiosos ou não. O pesquisador afirma que esses grupos são pouco representados e as suas vozes são invisíveis no espectro social. (AVELAR, 2021)

Pesquisadores como (SINGER, 2021) (ROMANO, 2021), e José Claudio Alves(CALEIRO,2023), veem o “bolsonarismo” como um fenômeno de longa duração na estrutura e na consciência política brasileira, que fora ativado por contextos específicos. destaca que a eleição de Bolsonaro em 2018 resultou de um fenômeno mais complexo e multifacetado, uma “bolsonarização” da sociedade (SOLANO, 2019).

A partir do exposto, temos que 2018 representa um alinhamento de espectro de posições temáticas à direita, o qual direcionou o voto do eleitorado para um candidato posicionado com tais temas (RENNÓ, 2020). Todos esses autores concordam que o posicionamento ideológico é o centro de gravidade do voto ao candidato Bolsonaro, uma vez que ele espelha todos os elementos de composição deste voto. As referências postas até aqui indicam que esse voto não é focado em Bolsonaro; mas nas representações simbólicas vindas do “bolsonarismo” (RIBEIRO, 2020).

2.2.1 A eleição,2022 e a força dos fenômenos Políticos

Do primeiro para o segundo turno das eleições no Brasil, em 2022, candidatos aos governos estaduais, cuja disputa foi levada ao segundo turno, tiveram de escolher as palavras antes de declarar o seu apoio aos candidatos à presidência. Segundo a jornalista Juliana Coissi, editora da Agência Folha, os eleitores mostraram que querem continuidade de algum aspecto político anteriormente definido, ou seja, o eleitor mostrou, em muitos estados, que ratifica a força do “bolsonarismo”, ou do “lulismo”. A jornalista argumentou ainda que a “nova direita”

não é percebida como uma onda que vai passar, mas tem se estabilizado dentro do cenário brasileiro.

Enquanto na Bahia ACM Neto (UNIÃO BRASIL) dizia não apoiar Bolsonaro e permanecer neutro para o segundo turno, por conta da força do “lulismo” na região; não fazia sentido que apoiasse a candidatura de Lula, pois ele era o adversário direto de Jerônimo Rodrigues (PT). Em outra parte da Região Nordeste, Pernambuco, Marília Arraes (Solidariedade) e Raquel Lyra (PSDB) também optaram por não apoiar o ex-presidente Lula, pelo mesmo motivo. No Rio Grande do Sul, a situação era oposta. Apesar do apoio formal do PSDB à candidatura de Simone Tebet no primeiro turno, Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul, adotou uma postura cautelosa no segundo turno. Embora o PSDB tenha apoiado Lula, Leite evitou declarar apoio explícito, já que Bolsonaro tinha forte apoio na região. Apoiar Lula poderia fazer Leite perder eleitores conservadores no estado, levando-o a ajustar sua estratégia para não alienar sua base local.

Em Minas Gerais, analistas interpretaram que a disputa assumiu um patamar muito mais amplo, por historicamente o vencedor do pleito à presidência no Estado ser aquele que efetivamente subirá a rampa do planalto, de maneira que o Estado seria um espelho do voto no Brasil de maneira geral. Isso segundo a editora fica bem mais complexo quando houve a vitória de Lula no Estado, porém, nas 20 cidades mais populosas da região, a vitória foi do candidato Bolsonaro. No Rio de Janeiro, o governador Claudio Castro foi reeleito com vitória em 91 dos 92 municípios do Estado. (COISSI,2022)

Em 2022, o “lulismo” ressurgiu com vigor; enquanto o “bolsonarismo” se consolidou como um fenômeno político. Ambos influenciaram simultaneamente o processo eleitoral, moldando a opinião dos eleitores. Diferentemente de eleições passadas, que eram dominadas por um sistema principal, e continham outros secundários, desta vez, dois sistemas políticos atuaram como protagonistas de forma simétrica.

2.3. Lula e o retorno do voto Pragmático – (Juízo e Ganho)

É o único que transparece que vai mudar alguma coisa. Foi o governo em que as pessoas pobres passaram a ter acesso às coisas que não tinham antes. Foi um bom governo, os negros tiveram acesso às Universidades (Pesquisa Painel (2022) (S.J.M.– entrevistado – Luiz – pardo – católico – baixo proletariado – contador)

Em 2022, com o retorno de Lula à competição eleitoral, também foi reintroduzido o sistema de voto “pragmático”, apoiado no desempenho e nos planos de governo (VEIGA, 2013), isto é, se o governo “vai bem”, o eleitor escolhe o governo; se o governo “vai mal”, o

eleitor opta pela oposição (KEY, 1966) por estar fora do espectro ideológico de direita e esquerda. Nessa perspectiva, os votantes estariam na posição de árbitro, podendo penalizar, ou premiar, os governantes (FIGUEIREDO, 1991).

Dada a incerteza no presente, a informação, as experiências passadas e as reflexões são vitais para o comportamento racional. Nesse sentido, o eleitor se torna um consumidor e um investidor. Logo, ele avaliará “ofertas políticas” em cada turno da disputa eleitoral e a decisão será tomada com base no desempenho e nas propostas apresentadas, ou seja, a partir das informações disponíveis (CARREIRÃO, 2000).

Não se percebe espaço para a fidelidade de qualquer tipo, pois os vários grupos políticos na competição eleitoral para o governo serão compreendidos pelo indivíduo como ferramentas por meio das quais o eleitor busca maximizar as suas vontades, sejam elas quais forem. Apesar da ausência de devocão partidária, os votantes a manifestarão, empiricamente, sob a forma de lealdade eleitoral. Essa inconsistência, entretanto, é explicada por Downs (1999) no sentido de que os votantes utilizam essas referências como meio de redução dos custos para a tomada de decisão nas disputas eleitorais (FIGUEIREDO, 1991).

2.4. A Nova Direita: “Deus, Pátria e Família”⁵

“A direita me atrai”; “nenhum partido de esquerda”; “sempre votei em partidos de direita”; “A direita traduz os princípios e valores condizentes com os meus”; “A direita trará de volta o “desenvolvimentismo” do Brasil” (Entrevistados “bolsonaristas”: Diversas clivagens)

Percebe-se ser a direita (conversadora) o centro gravitacional de todas as clivagens “bolsonaristas”, apesar de serem compostos por grupos aparentemente tão heterogêneos entre si. A respeito das manobras da direita sobre os eleitores, (LAKOFF, 2008) argumenta que, quanto às eleições americanas, os conservadores entendem de forma plena como metáforas e “Frames”⁶ fomentam as agendas políticas, enquadrando as questões com sua agenda moral, por meio da utilização de uma linguagem alinhada a seus valores. Desse modo, monta-se uma infraestrutura discursiva, a qual dificilmente sofre infiltração e contra a qual é difícil competir. Por esse motivo, a maioria dos eleitores conservadores são confiantes de que os seus valores,

⁵ Nas eleições de 2022, ouviu-se o slogan “Deus, Pátria e Família” como lema de um dos presidenciáveis, dando ênfase às bases ideológicas do seu governo. O curioso é que esse slogan é uma expressão parte da história do Brasil. O integralismo Brasileiro foi conhecido como o maior movimento de extrema direita da história do Brasil (Ribeiro, 2023).

⁶ “Frames são mecanismos cognitivos através dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo. Novas informações só ganham sentido se forem integradas a frames construídos por meio da interação ou do discurso” (Duque, 2015).

apoados por toda uma vida, continuarão a ser defendidos pelo candidato por eles eleito (MANSOUR, 2021).

No cerne desse tipo de operacionalização reside uma preocupação em compreender o modo como discursos estabelecem molduras de sentido, enquadrando o mundo a partir de perspectivas específicas. Busca-se pensar a maneira como o próprio conteúdo discursivo cria um contexto de sentido, convocando os interlocutores(...)
(MENDONÇA e SIMÕES, 2012, p. 193)

Os quadros sociais, conhecidos como "*Frames*", agem como bússolas, conduzindo nossas ações e moldando as expectativas coletivas. Eles abrangem uma ampla gama de conceitos, desde os mais simples, como a ideia de "família", até os mais complexos, que incluem instituições como "escola", "governo" e "igreja" (AMAGLOBELI, 2017). Frequentemente, o conceito "família", por ser a primeira interação social do ser humano, serve como um protótipo para outros esquemas da sociedade. Nesse contexto, é comum que haja correspondências metafóricas entre os papéis desempenhados dentro da estrutura "família" e os papéis que surgem em outros "*Frames*" sociais (DUQUE, 2015).

A emergência do reconhecimento do papel das emoções e da dimensão do inconsciente no processo decisório forçaria a constatação dos limites dos métodos "declarativos" para o entendimento do comportamento político (...).

O primeiro deles tem como cerne as narrativas morais. Na descrição de Lakoff elas têm duas partes. A primeira sendo a estrutura dramática da narrativa – em que se distribuem os papéis como o do herói, do vilão, da vítima, do salvador e outros. A segunda é a estrutura emocional (por exemplo, medo, raiva ou alívio), inseparável da primeira. Quando narrativas simples são compostas, formando narrativas complexas, diz o autor. (Lavareda, 2011, p. 130).

Nesse contexto, a entrada de Bolsonaro no cenário político instaurou um novo sistema de formação de opinião e decisão do voto com base em princípios e valores conservadores. Como pontos idiosincráticos, destacam-se os seguintes: a mobilização das clivagens específicas e o aspecto de fenômeno metropolitano (NICOLAU, 2020), assim como a mudança de uma "direita moderada ou centro direita" para uma "direita radical". Esse tipo de sistema é movido pelo sentimento e simbolismo que o eleitor usa como atalho para se posicionar ideologicamente (SINGER, 2021). Então, as questões se conjugam, com o intuito de formarem os pensamentos e deliberações do eleitorado. Esses questionamentos se agrupam em conjuntos capazes de abranger toda essa complexidade, acionando certas predisposições (SINGER, 2021), as quais podem, ou não, ser ativadas em determinado contexto eleitoral. Ao passo que esse movimento também obriga que toda a classe política assuma novas agendas e novos discursos para suprir todo esse novo universo que agora habita a política.

2.5. Os fenômenos e as crenças

As entropias políticas provocadas pelo retorno do “lulismo” emergiram com vigor com a reentrada de Lula no cenário político brasileiro. Nas clivagens “bolsonaristas”, cada grupo social utiliza um conjunto específico de questões como atalho para a tomada de decisão eleitoral, mantendo como único elemento comum o posicionamento ideológico. Diferentemente de 2018, a nova direita não se limita mais a uma ramificação do antipetismo; mas, agora, abarca um conjunto heterogêneo de “nova direita”, que confere novos significados a seus atores em 2022.

Em sociedades menos engajadas politicamente, essas crenças podem se mostrar incoerentes, resultando em pontos de vista únicos e específicos. Muitos eleitores sentem-se confusos e com incerteza sobre a política, exibindo atitudes contraditórias. Tais observações são incontestáveis em uma escala mais ampla quando se questiona se o comportamento das pessoas é fundado unicamente em suas atitudes e crenças. Isso, porque, se essas crenças não forem coerentes, torna-se difícil fazer qualquer previsão precisa (FIGUEIREDO, 1991). Nesta análise, a resposta reside em combinar os níveis de construção dos sistemas de crenças com o grau de motivação política desenvolvido pelos indivíduos. Em muitas ações, segundo Converse, “os estados motivacionais representam termos relativamente elásticos e situacionalmente limitados”, constatando a dualidade dos valores e hábitos, que, em algumas circunstâncias, são considerados estáveis e duradouros, mas que, em outras, podem mudar drasticamente a curto prazo (FIGUEIREDO, 1991).

Essa perspectiva ressalta a complexidade do comportamento eleitoral e a importância de entender as motivações subjacentes aos sistemas de crenças individuais. O estudo das eleições de 2022, marcado pelo ressurgimento do “lulismo” e pela consolidação da direita “bolsonarista”, exemplifica como fatores ideológicos e contextuais moldam as escolhas dos eleitores. Ao investigar as crenças e as atitudes políticas, podemos obter entendimentos sobre as dinâmicas eleitorais, o que deve contribuir para uma análise mais profunda das estratégias eleitorais e das motivações dos eleitores quanto à formação e às razões do voto.

CAPÍTULO 3. “O FORMIGUEIRO DAS AMÉRICAS”

Este capítulo tem por objetivo explicar a pesquisa de campo, metodologia, localização geográfica, relevância do município para pesquisa e contingências da pesquisa de campo. Com o intuito de trazer um panorama sobre a conjuntura do campo onde se realizou a investigação. Este capítulo está dividido em quatro seções, as quais desenvolvem os tópicos descritos anteriormente.

3.1. A pesquisa de campo

Estabelecidas as metodologias e as estratégias de trabalho para coletar os dados que analisaríamos, o objetivo foi responder à questão central do estudo, qual seja: Quais elementos influenciam a formação do voto e a escolha do eleitor nas eleições presidenciais de 2022, especificamente em São João de Meriti, na região metropolitana do Rio de Janeiro?.

Para tanto, foram acompanhados eleitores do início da oficialização das candidaturas presidenciais até as eleições de segundo turno em outubro. Dessa forma, os desdobramentos da pesquisa dependeram dessa perspectiva dual, e consideramos os apelos teóricos com os quais se desenvolveram os dados analisados (MINAYO, DESLANDES, *et al.*, 2002, p. 53). O passo seguinte foi alinhá-los a uma metodologia capaz de conceber os referidos meios para efetivamente iniciar a pesquisa de campo. E determinar como emcorporar o rigor científico e reconstruir de forma precisa (POUGAM, 2015).

“A redação de um questionário não pode ser a primeira etapa de uma pesquisa. Ela pode ser feita após um consequente trabalho de contrução do objeto e da probelmática de pesquisa (...)” (ISABELLE, 2015). Em conformidade com essa afirmação, produzimos os questionários a partir dos modelos supracitados, isto é, da teoria do voto, bem como instituímos o devido objeto de pesquisa. O próximo passo foi deliberarmos quanto ao meio de obtenção dos dados; nesse quesito, decidimos pela via telefônica, observando o tempo da ligação, para não fosse estresante ao entrevistado. Assim, propusemos um tempo entre quinze e vinte minutos para a realização das entrevistas.

Sobre os questionários: Foram aplicados cinco questionários semiestruturados (Apêndice 1), com perguntas fechadas, a fim de direcionar o caminho de tráfego dos eleitores entre um questionário e outro; além de perguntas abertas, com a finalidade de traçar quais seriam as mudaças profundas quanto à formação da opinião dos entrevistados, bem como para deixá-

los livres para se expressarem no sentido de enriquecer as informações coletadas. Nossos questionários (Apêndice 1) foram contruídos para analisar a formação do voto e as suas razões.

Dentro desse contexto, buscamos encontrar voluntários dispostos a se submeterem a essa série de questionários (Apêndice 1) recorrentes. Após muitas negativas e algumas desistências, ocasiões em que as pessoas, ou não atendiam aos telefonemas de números desconhecidos; ou, quando atendiam, não estavam dispostas a responder os questionários, por conta de desconfiança, medo, falta de paciência (outra consequência do “novo normal”); ou ainda, até respondiam o primeiro questionário, mas não se mostravam dispostas a dar continuidade à participação na pesquisa.

Assim após um árduo trabalho e muitas tentativas, conseguimos alcançar um número considerável para a realização de nossa investigação. Nossos entrevistados, distribuídos ao longo dos bairros de São João de Meriti. somam 21 indivíduos, dados relacionados na tabela 1.

Tabela 1 – O Perfil dos Entrevistados na pesquisa de Campo

Gênero	Homens	11
	Mulheres	10
Raça	Brancos	11
	Pardos	06
	Negros	04
Religião	Evangélicos	10
	Não-evangélicos	11
Renda	Até 1 salário mínimo	4
	De +1 até 3 salários mínimos	8
	De +3 até 5 salários mínimos	6
	De +5 até 10 salários mínimos	1
	Não Responderam	2
Faixa Etária	De 16 a 24 anos	2
	De 25 a 34 anos	
	De 35 a 44 anos	5
	De 45 a 59 anos	8
	60 anos ou mais	6
Inserção Laboral	Desempregados	5
	Comércio e Serviço	11
	Aposentados	2
	Autônomos	3

Fonte: elaborado pela autora (2024).

3.1.1. As entrevistas – divisão das 5 rodadas

O primeiro questionário (Apêndice 1) foi aplicado após o fim do prazo para registro de candidaturas instituído pelo TSE, em 15/08/2022. Em conformidade com isso, nossa primeira rodada de entrevistas aconteceu entre os dias 16 e 24, contando com um período tempo de realização maior em relação às outras etapas, pelo motivo indicado quanto à dificuldade de captação de voluntários para a pesquisa.

O segundo questionário (Apêndice 1) foi aplicado durante a terceira semana após o início da propaganda partidária. O terceiro questionário (Apêndice 1) foi aplicado durante a semana posterior ao 1º turno das eleições presidenciais. O quarto questionário (Apêndice 1) foi aplicado durante a semana anterior ao 2º turno das eleições presidenciais. O quinto questionário (Apêndice 1) foi aplicado durante as duas semanas posteriores ao 2º turno das eleições.

Na primeira semana, entrevistei os que haviam declarado que votariam no candidato Lula; e, na segunda semana, entrevistei os que declararam que votariam no candidato Bolsonaro, em respeito ao momento de derrota nas urnas do seu candidato e, para que eles tivessem o seu momento de reflexão, antes de responderem ao questionário. Concluímos ter alcançado nossos objetivos de captar informações em busca de entendermos a formação da opinião, as razões do voto e as deliberações sobre as suas decisões durante as eleições presidenciais de 2022.

3.1.2. Dados dos entrevistados (intenção de voto raiz)

Os nomes dos entrevistados são fictícios:

- a) **Edy:** Homem, branco, não evangélico, idade entre (35-44), renda familiar (de 1 a 3 salários mínimos), escolaridade (ensino médio), ocupação (empregado com carteira assinada — motorista de coletivo);
- b) **Cicília:** Mulher, parda, evangélica, idade entre (45-59), renda familiar (até 1 salário mínimo), escolaridade (ensino médio), ocupação (desempregada);
- c) **Romeu:** Homem, branco, evangélico, idade entre (45-59), renda familiar (de 5 a 10 salários mínimos), escolaridade (ensino médio), ocupação (militar das forças armadas);
- d) **Dalva:** Mulher, parda, não evangélica, idade entre (35-44), renda familiar (de 1 a 3 salários mínimos), escolaridade (ensino superior), ocupação (carteira assinada — vendedora em loja de roupas);

- e) **Claudio:** Homem, branco, não evangélico, idade (60 ou +), renda familiar (de 1 a 3 salários mínimos), escolaridade (ensino fundamental), ocupação (autônomo — vendedor de lanches);
- f) **Valentina:** Mulher, negra, evangélica, idade entre (45-59), renda familiar (escolheu não responder), escolaridade (ensino superior), ocupação (desempregada);
- g) **Saulo:** Homem, branco, evangélico, idade (60 ou +), renda familiar (de 1 a 3 salários mínimos), escolaridade (ensino fundamental), ocupação (aposentado);
- h) **Silvia:** Mulher, branca, não evangélica, idade entre (35-44), renda familiar (até 1 salário mínimo), escolaridade (ensino fundamental); ocupação (desempregada);
- i) **Rosimeire:** Mulher, negra, não evangélica, idade (60 ou +), renda familiar (de 1 a 3 salários mínimos), ocupação (desempregada — recebe (*bjc*) de familiar e faz bicos);
- j) **Leandro:** Homem, pardo, não evangélico, idade (60 ou +), renda familiar (de 3 a 5 salários mínimos), escolaridade (ensino superior), ocupação (comerciante — padaria);
- k) **Margarida:** Mulher, branca, não evangélica, idade entre (35-44), renda familiar (de 1 a 3 salários mínimos), escolaridade (ensino médio), ocupação (autônoma — diarista);
- l) **Calebe:** Homem, branco, não evangélico, idade entre (16-24), renda familiar (de 3 a 5 salários mínimos), escolaridade (ensino médio), ocupação (desempregado);
- m) **Pedro:** Homem, pardo, evangélico, idade entre (44-59), renda familiar (de 1 a 3 salários mínimos), escolaridade (ensino fundamental), ocupação (funcionário do centro de distribuição CEASA-RJ);
- n) **F.F.:** Homem, pardo, não evangélico, idade (60 ou +), renda familiar (de 3 a 5 salários mínimos), escolaridade (ensino fundamental), ocupação (comerciante — dono de birosca de bairro);
- o) **Alcione:** Mulher, branca, evangélica, idade (60 ou +), renda familiar (de 1 a 3 salários mínimos), escolaridade (ensino fundamental), ocupação (aposentada);
- p) **Valério:** Homem, branco, não evangélico, idade entre (45-59), renda familiar (escolheu não responder), escolaridade (ensino fundamental), ocupação (comerciante — dono de birosca de bairro);

- q) **Amélia:** Mulher, negra, evangélica, idade entre (45-59), renda familiar (de 3 a 5 salários mínimos), escolaridade (ensino superior + pós-graduação), ocupação (funcionária pública do estado — professora — fundamental 1);
- r) **Beatriz:** Mulher, branca, evangélica, idade entre (16-24), renda familiar (até 1 salário mínimo), escolaridade (ensino médio), ocupação (estagiária de RH);
- s) **Edna:** Mulher, parda, evangélica, idade entre (45-59), renda familiar (de 3 a 5 salários mínimos), escolaridade (ensino superior), ocupação (auxiliar de escritório);
- t) **Valter:** Homem, negro, não evangélico, idade entre (45-59), renda familiar (de 3 a 5 salários mínimos), escolaridade (ensino fundamental), ocupação (motorista de coletivo);
- u) **Flávio:** Homem, branco, não evangélico, idade entre (35-44), renda familiar (até 1 salário mínimo), escolaridade (ensino médio), ocupação (motorista — autônomo).

3.1.3. Disposição das perguntas em relação aos objetivos

Questionário 1 (Apêndice 1): Este questionário apresentou uma gama ampla de objetivos, com perguntas referentes às 5 rodas de entrevistas, as quais eram relacionadas aos níveis de interesse, aquisição de informação, intenção de voto, bem como às justificativas da escolha do candidato, com o objetivo último de analisar e discutir as ondulações existentes, ou não, inerentes a esses pontos, buscando elementos de composição da formação da opinião e das razões do voto representadas pelas questões (12), (13), (17).

Outras perguntas tiveram como objetivo montar o perfil dos entrevistados de acordo com o recorte de pesquisa que nos propusemos a abordar. As questões referentes a esse propósito são as de número (1) a (10); outras ainda foram colocadas para identificar temas e predisposições dos eleitores, são essas as questões (11), (14), (15), (16), (18), (20) e (21).

Questionário 2 (Apêndice 1): Além de objetivar nossa pesquisa painel, ou seja, verificar as mudanças nas opiniões e escolhas dos entrevistados durante o processo eleitoral — correspondendo a esse propósito as questões de (1) a (4); a partir deste questionário, inserimos uma questão, na qual perguntamos em qual candidato o entrevistado *não* votaria e por que (questão 5), a fim de poder enxergar quais eram os motivos que não levariam o eleitor a escolher determinado candidato. O que nos pareceu infrutífero, mas nos trouxe reflexões interessantes sobre as quais nos debruçaremos no capítulo 5.

Trouxemos também neste questionário questões no sentido de perceber as mudanças de opinião durante do processo eleitoral (questão 6), bem como entre eleições (questão 7). Ademais, expusemos outras questões, a partir das quais nosso objetivo era observar de forma geral qual as representações que cada candidato trazia como expectativa de governo (questões 8 a 11).

Questionário 3 (Apêndice 1): Recolheu informações do resultado do 1º turno das eleições para presidente e objetivou à nossa pesquisa painel, ou seja, verificar as mudanças nas opiniões e nas escolhas dos entrevistados durante o processo eleitoral, correspondendo a este propósito as questões de (1) a (6); na questão número (7), trouxemos de novo a indagação a respeito de qual candidato não seria votado e quais as justificativas para essa decisão.

Questionário 4 (Apêndice 1): Além de objetivar nossa pesquisa painel, ou seja, verificar as mudanças nas opiniões e nas escolhas dos entrevistados durante o processo eleitoral, correspondendo a este propósito as questões de (1) a (5); na questão 7, recorremos à mesma pergunta, isto é: Qual o candidato não seria escolhido de forma alguma e por quê? Com a pergunta (8), buscamos perceber mudanças na opinião do eleitor.

Questionário 5 (Apêndice 1): Além de objetivar nossa pesquisa painel, ou seja, verificar as mudanças nas opiniões e nas escolhas dos entrevistados durante o processo eleitoral, correspondendo a este propósito as questões de (1) a (4). A questão (5) foi elaborada para a verificação do nível de interesse; na questão (6), perguntamos sobre o momento da decisão final. Na questão (7), procuramos as mudanças na opinião. Na questão (8), verificamos quem não seria votado pelo eleitor e as justificativas para essa resposta. Na questão (9), quais as áreas de interesse dos eleitores com relação ao novo governo.

3.2. Metodologia aplicada à pesquisa de campo

A pesquisa foi realizada, depois de inúmeras tentativas, por via telefônica, devido ao alerta gerado pelo distanciamento social exigido pela permanência de um alto grau de contaminação da COVID-19, no momento do processo eleitoral de 2022, e que abalou não só a saúde física da população mundial, mas também teve repercussões na saúde mental dos indivíduos infectados, ou não pela doença, por conta da morte de entes queridos, do risco de ser infectado, além da insegurança econômica — para não mencionar o início da guerra entre a Rússia e a Ucrânia —; todo esse cenário fez com que parecesse que nunca antes o fim do mundo era tão possível.

Dentro dessa conjuntura, ao elaborarmos as perguntas, as dividimos em 4 objetivos principais:

- a) As perguntas para a montagem do perfil de nossos entrevitados, com base nas demografias de gênero, raça, religião e inserção laboral. Estas perguntas fazendo parte apenas do primeiro questionário (Apêndice 1);
- b) As perguntas para que observássemos as predisposições. Estas perguntas fazendo parte apenas do primeiro questionário (Apêndice 1), que foi aplicado antes do início do jogo eleitoral para identificarmos as inclinações ideológicas dos voluntários;
- c) A pergunta por meio da qual conseguimos identificar as influências do processo eleitoral no eleitorado. Esta pergunta foi feita nos 1º e 5º questionários;
- d) As perguntas recorrentes para a análise das mudanças no comportamento dos eleitores durante o processo eleitoral, delimitando as flutuações quanto à formação de opinião e decisão do voto.

Essas perguntas estarão melhor detalhadas e serão analisadas no capítulo cinco, no qual trataremos da pesquisa de campo. Após a elebração dos questionários, houve o início de nossas rodadas de entrevistas, as quais foram realizadas da seguinte forma:

A primeira foi feita após o fim do prazo para o registro de candidatura no TSE, em 15/08/2022. Em conformidade com isso, nossa primeira rodada de entrevistas aconteceu entre os dias 16 a 24 de agosto de 2022. (G1, 2018)

A segunda foi aplicada durante a terceira semana após o início da propaganda partidária; a terceira foi aplicada durante a semana posterior ao 1º turno das eleições presidenciais; a quarta rodada foi aplicada durante a semana anterior ao 2º turno das eleições presidenciais; e a quinta e última foi aplicada durante as duas semanas posteriores ao 2º turno das eleições. (G1, 2018)

3.2.1. O processo para a obtenção das entrevistas

O processo de obtenção das entrevistas dos participantes envolveu várias etapas, incluindo a definição dos objetivos da pesquisa, a escolha do tipo de entrevista — estruturada, semiestruturada ou não estruturada — e a seleção dos participantes com base em critérios específicos relacionados ao tema de estudo. As entrevistas foram estruturadas de forma qualitativa, focando na experiência pessoal dos participantes para compreender comportamentos, atitudes e opiniões.

A fase de busca por participantes foi um momento de tensão da pesquisa, não só pela preocupação com conseguir voluntários, mas também com a necessidade de conseguir a sua permanência, pois, mesmo quando conseguíamos que os eleitores aceitassem ser entrevistados, logo que informávamos sobre a recorrência das atividades, as pessoas se negavam a continuar, alegando falta de tempo. Foi preciso persistência, entrega e comprometimento com o trabalho para prosseguir. Perdi as contas de quantas vezes busquei voluntários e, muitas vezes, pensei em desistir.

A quantidade de pessoas que disseram “não” é difícil quantificar; as que aceitaram responder o primeiro questionário e, depois, não quiseram prosseguir com as entrevistas, totalizam 47 pessoas; restando dessa soma, 31; e, a cada etapa, acabei por perder alguns participantes, chegando ao número de 21 participantes que responderam todos os 5 questionários (Apêndice 1).

Para conseguir as entrevistas, tentei diversos métodos: ligar; deixar mensagem no *WhatsApp* para o entrevistado perguntando em qual dia e horário eu poderia ligar de modo que eu não atrapalhasse a sua rotina; mandar o questionário por mensagem via *WhatsApp* para obter alguma resposta; mandar mensagens para pedir esclarecimento sobre as respostas. Enfim, uma “*via crucis*”; mas, depois de ter o material em mãos, senti certo alívio.

O trabalho de campo começa, desse modo, carregado de conceitos preestabelecidos pelas teorias e foi pouco a pouco ganhando “vida própria” e se distanciando da teoria (POUGAM, 2015), trazendo “*insights*” importantes sobre o estudo de campo empreendido em nossa investigação. Esses fatores permitiram reconstruir a nossa visão sobre os acontecimentos passados durante o processo eleitoral de 2022.

3.2.2. Contingências da Pesquisa

O Brasil ainda estava sob os efeitos da pandemia de COVID-19, que vinha se estendendo desde o fim de 2019 / início de 2020, quando foram relatados casos de infectados na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na República Popular da China. A COVID-19 foi, desde 30 de janeiro de 2020, considerada emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) pela (OMS) Organização Mundial da Saúde –, o que representa o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional.

Mesmo que, em 2022, tenha havido um relaxamento das normas sanitárias, por conta da vacinação, a emergência de saúde ainda esteve vigente por todo esse ano, segundo a OPAS — Organização Pan-americana da Saúde. Em novembro de 2022, inclusive, houve aumento de

17% nos casos de infecção na América Latina e Central e, devido a esse fator, recomendou-se o não baixar a guarda com relação aos procedimentos de segurança em relação à contenção da pandemia de COVID-19. (OPAS,2022)É do dia cinco de maio de dois mil e vinte e três a datação histórica do fim da pandemia, conforme a OMS, que decretou o fim do *status* de emergência global, que, entretanto, informou que, apesar do relaxamento nos protocolos de segurança, a emergência sanitária não havia terminado. (OPAS, 2022) Somado a isso, tanto a OPAS, quanto a OMS alertam para as consequências da pandemia para a saúde mental da população em decorrência de fatores estressantes, como a solidão, o medo de se infectar, a insegurança financeira em relação ao mercado de trabalho, o luto pela perda de familiares e amigos, a depressão por conta de tudo que foi exposto anteriormente, mas também por assistir pelos meios de comunicação tantas mortes e o caos econômico e de saúde por toda a sociedade (OPAS,2022).

Assim, devido a toda essa situação, a pesquisa de campo teve as suas contingências e limitações. Mesmo tendo sido realizada através do telefone. Isso, porque o tempo de confinamento modificou o trato nas relações interpessoais e a interação, no início, se mostrou bastante difícil. O estado dos ânimos estava aflorado e, ao mesmo tempo, as pessoas estavam ansiosas depois de um longo tempo de espera pela volta da tão sonhada normalidade, que chegava em doses homeopáticas. As eleições contribuíram para o aumento de todo esse estado psicológico vivenciado por todos. Foi dentro desse quadro que também as respostas abertas, a partir das quais montamos o mapa da formação de opinião e a decisão do voto para a eleição presidencial de 2022, na periferia do Rio de Janeiro, foram desenvolvidas.

3.3. O município e a pesquisa de campo

(...) a vitória do PT nas cidades pequenas (até 50 mil habitantes) é explicada pelo desempenho no Nordeste, pois Haddad perdeu nas pequenas cidades das regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Em contraste, chamo a atenção para a ampla diferença pró-Bolsonaro nas grandes cidades do Sudeste, em especial nas duas faixas com maior população. O candidato do PSL teve ampla votação no território nacional, mas ele foi, sobretudo, um fenômeno eleitoral das grandes cidades e regiões metropolitanas (...) (Nicolau, 2020, p. 59).

A pesquisa de campo foi realizada na cidade de São João de Meriti (Figura-2), conhecida como “O Formigueiro das Américas” (BARROS JUNIOR, 2020), pois tem um histórico de grande densidade demográfica. Com 440.962 habitantes, em um território de 35,216 km², a cidade tem 12.521hab./km² (IBGE, 2022), e foi em pesquisas passadas do IBGE a maior densidade demográfica de toda a América Latina (DMJRACIAL, 2023), sendo atualmente o

município com a terceira maior densidade do Brasil, ultrapassado apenas pela cidade de Tabuão da Serra, com 13.416 hab./km²; e por Diadema 12.795 hab./km²; ambas pertencentes à grande São Paulo.

Figura 2 – Mapa Município de São João de Meriti



Fonte: DAGEOP (2018)

Para Leônio Camino, o eleitor nas campanhas eleitorais, considera tanto a busca por informações quanto a participação em atividades como conversas, comícios, carreatas e ações de boca de urna. Ademais, as tradições políticas da sociedade e das disposições cognitivas e afetivas dos indivíduos. Reconhecendo assim que as campanhas e a participação eleitoral ocorrem no âmbito de uma Cultura Política específica, estruturada por normas e crenças que influenciam atitudes e comportamentos políticos. (CAMINO, SILVA e SOUZA, 1998) Considerando deste modo, importante destacar que as construções realizadas pelos cidadãos durante os processos eleitorais, quanto às concepções e às escolhas do voto, não ocorrem isoladamente. O eleitor não é uma “*tabula rasa*”⁷; antes, esse momento é parte de um contexto muito mais amplo de construção histórica, sociocultural e individual, que se manifesta e se intensifica durante o processo eleitoral. A localização e as características socioculturais e históricas dos indivíduos influenciam nesse processo.

“A Baixada Fluminense retratada por Alves é um pedaço do Brasil, e sua obra é uma interpretação atual desse país(...).” (FONSECA, 2023, p. 278)

Para Fabio Baldaia e seus colegas, os elementos que configuram com regularidades na sociedade brasileira, e cuja consolidação encontrou uma estrutura de oportunidade propícia

⁷ *Tabula Rasa*. Expressão latina tornada célebre por Locke e Leibniz a propósito do debate em torno do *inato* e do *adquirido*. Para Locke, o espírito humano é, desde seu nascimento, como uma *tabula rasa*, adquirindo todos os seus conhecimentos pela experiência (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, on-line).

com a ascensão de Jair Bolsonaro. Observa que a coesão e o fortalecimento desses elementos, associados ao bolsonarismo, foram fortemente influenciados por fatores políticos recentes, em especial pela formação e consolidação de um sentimento de oposição ao petismo e às esquerdas. Dado que tais comportamentos, valores e crenças possuem raízes históricas no contexto nacional e continuam sendo reproduzidos entre gerações e em diferentes espaços, é possível afirmar que o bolsonarismo precede a figura de Bolsonaro e que tende a perdurar, ainda que em diferentes intensidades, após o encerramento de sua trajetória política, aguardando novas condições para sua rearticulação e viabilização política. (BALDAIA, MEDEIROS, *et al.*, 2024)

Por essa razão, analisar as clivagens demográficas dentro de uma cidade com uma das maiores densidades populacionais do país — a única fora de São Paulo — e considerar características relacionadas ao “bolsonarismo”, como o domínio local das milícias do Rio de Janeiro e seu conservadorismo característico dos grupos paramilitares, foi um estímulo para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre este tema.

“O candidato do PL teve ampla votação no território nacional, mas ele foi, sobretudo, um fenômeno eleitoral das grandes cidades e regiões metropolitanas, característica do voto do então candidato Bolsonaro, em 2018. O Estado do Rio de Janeiro registrando um percentual de “55,13%” dos votos para Bolsonaro, contra “44,87 %” para Haddad. Nesta feita o município do Rio de Janeiro registrou “66,35 %” de Bolsonaro contra “33,65 %” de Haddad(G1,2018). Enquanto o município de São João de Meriti registrou “71,46 %” de Bolsonaro contra “28,54%” de Haddad(G1,2018), superando assim tanto a porcentagem de votos do Estado e da Capital, a cidade do Rio de Janeiro, todos estes dados referentes ao processo eleitoral 2018.

Figura 3 – Mapa da Região metropolitana do Rio de Janeiro



Fonte: Fórum Nacional... (2018).

Segundo a lei complementar nº. 184, de 27/12/2018, da ALERJ, é parte da região metropolitana do Rio de Janeiro(Figura-3), que é composta pelos municípios de Belford Roxo, Cachoeiras de Macacu, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japeri, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Petrópolis, Queimados, Rio Bonito, São Gonçalo, São João de Meriti, Seropédica e Tanguá (ALERJ-ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2018). Fazendo a cidade de São João de Meriti, conurbação com outros 20 municípios e a capital do Rio de Janeiro, formando uma única e extensa metrópole (COSTA e ALCANTARA, 2020).

Figura 4 – Mapa da Baixada Fluminense



Fonte: Rocha (2015)

3.3.1. A milícia e a Baixada Fluminense

Em 5 de julho de 1962, Duque de Caxias foi palco da maior onda de saques do Brasil, que se espalhou pela Baixada Fluminense devido à fome extrema enfrentada pela população. Homens, mulheres e crianças lutaram por comida, levando comerciantes a financiar grupos armados para proteger seus negócios. Esses grupos, como a Brigada de Defesa da Família Caxiense e a Turma do Esculacho, originaram as milícias nesta região (CARRANÇA, 2024). (BRAGANÇA, 2024).

Em 2019, o Ministério Público do Rio de Janeiro estimou que as milícias exerciam influência em 14 municípios do estado, além de atuarem em 26 bairros da capital, impactando diretamente mais de 2 milhões de pessoas. Paralelamente, grupos de extrema direita ganharam força na região, promovendo discursos conservadores e difundindo lemas como “bandido bom é bandido morto” (CARRANÇA, 2024).

As milícias no Rio de Janeiro configuram um fenômeno singular. Seu surgimento como um dos principais desafios à segurança pública não é recente, mas resulta de uma trajetória histórica que evidencia sua estreita relação com instituições estatais. Mais do que uma extensão de setores da polícia, as milícias possuem uma dimensão profundamente política (BRAGANÇA, 2024). Nesse contexto, Tiago A. da Fonseca, ao resenhar a obra de José Claudio (ALVES, 2020), um dos principais estudiosos sobre as milícias na periferia fluminense, reafirma a interconexão entre as dinâmicas de poder nestes locais e as estruturas de poder no Brasil de maneira mais ampla (FONSECA, 2023).

Concomitante a estas pesquisas aparece a publicação de Bruno Manso, que em sua análise, enfatiza “(...) tempos de Jair Bolsonaro, o capitão da República das Milícias” (MANSO, 2020, p. 200), destacando que “Bolsonaro e sua família são representantes ideológicos de uma cultura miliciana que se fortaleceu no Rio e alcançou a presidência do Brasil” (MANSO, 2020, p. 191). Dada a relevância desse fenômeno, a presente pesquisa foi conduzida em um dos municípios mais densamente povoados da Baixada Fluminense, que já apresentou a maior densidade demográfica da América Latina.

Para compreender os fatores que moldam a formação da opinião pública e a decisão de voto em contextos como esse, torna-se indispensável investigar regiões específicas, como a Baixada Fluminense.

CAPÍTULO 4. AS HIPÓTESES: DESPOLARIZAÇÃO E ANTIETISMO

Este capítulo visa identificar os pontos de sustentação das nossas hipóteses, as quais foram originadas sob condições específicas e consideram a existência de dois fenômenos políticos simultâneos influenciando as eleições de 2022. É importante lembrar que nossos pressupostos também são vetores relacionados ao “lulismo” e ao “bolsonarismo”, os quais interferiram em processos eleitorais anteriores. Assim, é pertinente revisar tais fatores na literatura, para então proceder com a pesquisa de campo e buscar lograr sucesso na tarefa de confirmar, ou refutar, as hipóteses propostas.

4.1. Embasamento das hipóteses

Com base nos recortes da pesquisa, bem como nas condicionantes apresentadas, foram levantadas as seguintes hipóteses:

- a) O conceito de "pressão cruzada" de Seymour Martin Lipset (LIPSET, 1959/1967), refere-se a situações em que um eleitor é influenciado por forças conflitantes que dificultam sua tomada de decisão política. No caso do **antipetismo** no Brasil, o "não acionamento" desse sentimento em determinadas eleições pode ser explicado pela ausência de fatores catalisadores, como escândalos de corrupção envolvendo o PT. Esses escândalos funcionam como gatilhos que ativam o sentimento antipetista, mobilizando eleitores contra o partido de maneira mais eficaz. Portanto, o antipetismo pode ser visto como uma pressão cruzada que só se manifesta quando há um contexto político que o favoreça, como a exposição de casos de corrupção ligados ao PT durante as eleições.
- b) A continuidade de despolarização ideológica dos eleitores do candidato Lula, que parece ter duas razões: a) o surgimento do “lulismo”, em 2006, que, segundo (SINGER, 2012), teria causado um realinhamento eleitoral, posto que parte do eleitorado teria sido realocado por geografia e classe, a partir do segundo mandato do governo Lula; b) a própria base governista (apartidária) dos governos liderados por Luiz Inácio “Lula” da Silva, bem como a sua proposta de governo conciliador, “paz e amor” (SINGER, 2012) (RENNÓ e CABELLO, 2010), o que tornaria as diferenças ideológicas nulas. A partir de características coletadas na pesquisa de campo, este voto por proximidade/identificação aconteceu circunscrito naquilo que o eleitor desejava/esperava com seu voto. Sob esses

paradigmas, debruçamo-nos sobre o compêndio dessas características delineadas por outros autores, buscando amalgamá-las aos processos de formação de opinião e de decisão do voto (FIGUEIREDO, 1991).

- c) . Isso possibilitou o exercício de tentar entender como se deu o desenvolvimento das hipóteses, bem como quais seriam as suas características.

4.2. A despolarização – irrelevância e desconhecimento

Para Singer, a partir de 2006, no segundo mandato do presidente Lula, ocorreu um realinhamento eleitoral. O “lulismo” foi originado com as políticas públicas de combate à pobreza e à erradicação da miséria aplicadas no primeiro mandato de Lula entre 2003 e 2005, quando uma sub fração de classe, “o subproletariado”⁸, se realocou politicamente a favor do PT (SINGER, 2012). O autor postula então que, entre 2006 e 2014, o “lulismo” teria despolarizado o leitorado brasileiro (SINGER, 2021).

Para Figueiredo, o ato de votar, embora visto como peça essencial da democracia, tem, todavia, uma função inherentemente instrumental estratégico (FIGUEIREDO, 1991), pois os indivíduos votam desde que esse ato possa lhes trazer algum benefício social ou econômico que possa ser dividido, ou não. A ideia de obrigação cívica logo cede lugar ao realismo histórico da luta política, para defender interesses sociais e econômicos, sejam eles individuais ou coletivos. Ideologias, identidades políticas e culturais e valores são reduzidos a um conjunto específico de interesses, de forma a simplificar a obtenção e o processamento de informações necessárias para uma decisão política inteligente (DOWNS, 1999/1957). “*O Homus psicologicus e o Homus sociologicus cedem lugar ao homus economicus*: votando com pensamento nos ganhos” (FIGUEIREDO, 1991). Nesse cenário, o indivíduo só se propõe a votar se o resultado futuro deste ato for suficientemente satisfatório em relação ao custo do ato, ainda que como mero eleitor, o que é o caso da quase totalidade dos membros de uma sociedade de massa (FIGUEIREDO, 1991).

A ideia de racionalidade eleitoral é bem fluída e tem como princípio os interesses individuais ou corporativos. As tentativas de explicar a volubilidade eleitoral acabaram dando ao eleitor um caráter de indivíduo atônito, sem perspectiva, que usa o voto como instrumento de punição ou recompensa aos governantes, atribuindo ao eleitor uma justificativa para acusar aos

⁸ Em 1981, Paul Singer percebeu que havia uma população trabalhadora super empobrecida permanentemente constituída, na realidade, fração de classe, a qual denominou subproletariado, e logrou quantificá-la, concluindo tratar-se de nada menos que 48% da população economicamente ativa (PEA); contra apenas 28% de proletários (Dados de 1976) (Singer, 2012, p. 20).

governantes, bem como às suas políticas de serem responsáveis por uma situação social e econômica individual. Por trabalhar unicamente com dados agregados, sejam ocorridos ao longo do tempo, ou simultaneamente, essa tradição deixou um legado importante: “a teoria do voto cíclico”.

Ao observarmos a “teoria do voto cíclico, o realinhamento eleitoral ocorre imediatamente após o final de um ciclo econômico e se estabiliza paulatinamente, até o esgotamento do novo ciclo, quando então se espera novo realinhamento eleitoral.” (KEY, 1966); (BURMHAM, 1970).

4.3. Os ciclos e a despolarização

O realinhamento lulista confirma que, as eleições de 1989 e 1994, os eleitores de baixa renda buscavam um Estado fortalecido para combater a pobreza, sem aceitar rupturas radicais da esquerda. O lulismo configura um rearranjo no bloco de poder, conciliando políticas sociais inclusivas com a manutenção das estruturas econômicas capitalistas. Esse fenômeno reflete um pragmatismo político que atendeu às demandas populares sem confrontar as elites econômicas (SINGER, 2021).

De acordo com André Singer o ciclo político do Brasil é dividido em duas fases: a primeira, de 1964 a 1992; e a segunda, de 1994 a 2018, com a transição do governo Itamar Franco entre elas. O começo do ciclo de 1964 foi caracterizado pela ascensão da direita, por meio de um governo excepcional (1964-1985). Durante o regime militar, as eleições legislativas e executivas municipais foram preservadas, o que possibilitou “uma abertura controlada pelo calendário eleitoral”. Nesse contexto, a Arena (Aliança Renovadora Nacional) e seu sucessor, o Partido Democrático Social (PDS), construíram uma base sólida para a “direita” que se manteve competitiva e apoiou o regime durante a sua existência (SINGER, 2021).

A mudança para um governo civil foi marcada pela doença súbita de Tancredo Neves na véspera de sua posse presidencial, em março de 1985, resultando na transferência do poder para o vice José Sarney, ex-presidente do PDS e figura proeminente da direita. Por exigências legais, Sarney se associou ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que, influenciado por Ulysses Guimarães, teve um papel importante na nova República. No entanto, o governo recém-formado, iniciou uma coalizão conservadora entre (PMDB) e Partido da Frente Liberal (PFL), enfrentou e venceu um intenso debate no Congresso Constituinte de 1986 sobre o mandato de Sarney. Apesar disso, a natureza ideologicamente mista do governo (PMDB-PFL) poderia ser vista como uma transição ideológica, se não fosse pelo resultado final. (SINGER, 2021)

O autor também enfatiza que, após o encerramento do mandato de José Sarney, em um momento em que a presença da direita no poder parecia estar em declínio, o Brasil elegeu como seu presidente um político proveniente da Arena. Trata-se de Fernando Collor de Melo, ex-prefeito de Maceió, representante do Partido da Reconstrução Nacional (PRN).

A partir de 1994, surgiram novos cenários políticos, com o PSDB e o PT alternando vitórias nas eleições presidenciais (SINGER, 2021).

Afim de contribuir para a elucidação do posicionamento direta/esquerda dos partidos brasileiros , (JORGE, FARIA e SILVA, 2020), foram ao cerne da questão, ao trazer novas metodologias sobre o assunto, buscando proporcionar maior nitidez as oscilações, ideológico-partidárias: O PSDB e o PT demonstraram variações ideológicas ao longo de diferentes eleições presidenciais no Brasil. O PSDB iniciou sua trajetória com propostas alinhadas à direita em 1989, migrando para uma posição de centro-direita em 1994 e 2018, de esquerda em 1998 e de centro-esquerda entre 2002 e 2014. O PT, por sua vez, apresentou um projeto de extrema-esquerda em 1989, mas posteriormente adotou posturas mais moderadas, situando-se na esquerda entre 1994 e 2006 e em 2018, e no centro-esquerda em 2010 e 2014. Essas oscilações refletem ajustes estratégicos de ambos os partidos em resposta aos contextos políticos e eleitorais de cada período.

Em outro estudo, Celso Roma enfatiza que O PSDB, desde sua fundação, enfrentou um dilema ideológico que marcou sua trajetória política e organizacional. De um lado, a adoção de um discurso social-democrata, amplamente manifestado em seus documentos partidários e em iniciativas de formação política, foi determinante para a mobilização de filiados e militantes, conferindo ao partido, em suas origens, um viés mais alinhado à esquerda. Por outro lado, a predominância de uma orientação liberal em seus programas de governo refletiu as preferências ideológicas de seus dirigentes e parlamentares, especialmente aqueles em cargos eletivos. (ROMA, 2002)

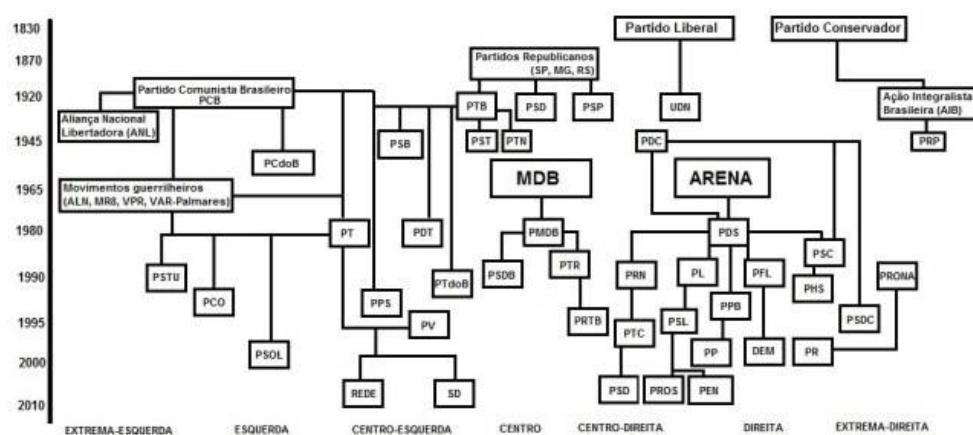
Essa dualidade programática foi decisiva para as estratégias políticas adotadas pelo partido, como evidenciado na formação de alianças eleitorais. Em 1994, por exemplo, o PSDB coligou-se com partido de orientação conservadora, o PFL, demonstrando um pragmatismo político orientado pela viabilidade eleitoral. Assim, o partido consolidou-se como uma força política de centro-direita, distanciando-se, na prática, de suas proposições originalmente social-democratas. (ROMA, 2002)

Dessa forma, o PSDB se posicionou à direita do PT(Figuras 5 e 6) para intensificar a competitividade na captação de votos (REBELLO, 2012), pois “os partidos deslocam-se pelo

espectro ideológico, formulando propostas políticas para atrair votos. Esta seria então uma característica da teoria do modelo econômico de Downs” (TAROUCO e MADEIRA, 2013).

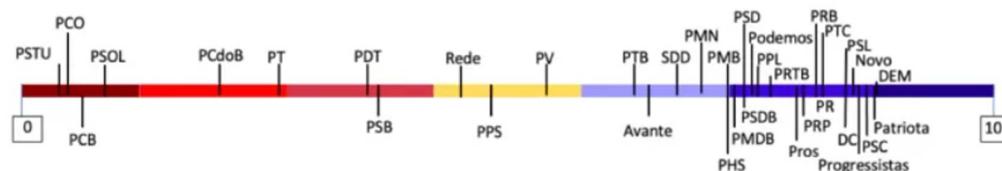
Para a pesquisadora Nara Salles, o modelo de proximidade do voto proposto pelo autor da teoria econômica, os eleitores avaliam o quanto próximas às políticas oferecidas pelos partidos estão de suas preferências pessoais. Quanto maior essa proximidade, mais útil será para o eleitor optar por aquele partido específico. “Em sistemas multipartidários, isso acontece se esse partido tiver chances reais de vitória”. (SALLES, 2020)

Figura 5 – Árvore genealógica dos partidos



Fonte: Duarte (2016).

Figura 6 – Régua ideológica dos partidos



Fonte: Bolognesi, Ribeiro e Codato (2020).

A eleição de Bolsonaro marcou o retorno da direita aos moldes dos governos iniciais da redemocratização, revelando um eleitorado fora das previsões tradicionais e encerrando um ciclo iniciado em 1994 (ALBUQUERQUE e MEDEIROS, 2020). A redistribuição do voto em regiões pobres, impulsionada pelos programas sociais do governo Lula, criou uma nova geografia eleitoral, organizada por classes econômicas em vez da divisão entre direita e esquerda. Com a derrota do PT para um candidato de um partido com pouca expressão e estrutura política de campanha, completava-se a ruptura. Esse evento marcou o fim

do ciclo de hegemonia entre PT e PSDB no presidencialismo de coalizão da Terceira República. (ABRANCHES, 2019)

Campanhas eleitorais foram centrais na ativação de predisposições ideológicas. Entre 1989 e 2002, destacou-se o “conservadorismo popular”, com eleitores menos escolarizados inclinando-se à direita, preferindo a manutenção do status quo, em resposta a fatores contextuais e estímulos externos (FERRAZ, 2009; SINGER, 2021).

O “lulismo” reuniu os cidadãos de menor renda em torno de Lula (PT), enquanto afastou parte da classe média, que se alinhou a Geraldo Alckmin (PSDB). Entre 2006 e 2014, o “lulismo” despolitizou debates ideológicos, priorizando resultados práticos como inclusão social e aumento do consumo, desarticulando o “conservadorismo popular”. Paralelamente, o PT adotou amplamente o modelo de presidencialismo de coalizão (Figura-7), integrando diversas agendas e ideologias para fortalecer a governabilidade, embora enfrentasse críticas por fisiologismo e concessões excessivas, influenciando a dinâmica política pós-redemocratização.

Figura 7 – A genealogia do Lulismo

Lula	
2003	PT-PL-PCdoB-PSB-PTB-PDT-PPS-PV (8)
2004	PT-PL-PCdoB-PSB-PTB-PMDB-PPS-PV (8)
2005 (I)	PT-PL-PCdoB-PSB-PTB-PMDB-PV (7)
2005 (II)	PT-PL-PCdoB-PSB-PTB-PMDB (6)
2005-2007	PT-PL-PCdoB-PSB-PTB-PMDB-PP (7)
2007	PT-PCdoB-PSB-PTB-PMDB-PP-PDT (7)
2007-2009	PT-PCdoB-PSB-PTB-PMDB-PP-PDT-PR-PRB-PV (10)
2009-2010	PT-PCdoB-PSB-PTB-PMDB-PP-PDT-PR-PRB (9)
Dilma Rousseff	
2010	PT-PMDB-PCdoB-PSB-PRB-PDT- PR-PTN- PSC-PTC- (10)
2012	PT-PMDB-PCdoB-PSB- PRB-PDT-PR-PP (8)
2014	PT-PMDB-PCdoB-PRB-PDT-PR-PP-PROS- PSD-PTB-(10)

Fonte: www.cebrap.org.br, www.biblioteca.presidencia.gov.br, www.camara.gov.br.

Fonte França (2016)

Sendo a marca principal dos governos Lula aproveitarem o cenário internacional favorável para fortalecer o mercado interno e adotarem concessões ao capital financeiro para garantir estabilidade política.

4.4. O “Antipetismo” em segundo plano

Nas três vezes em que o PT concorreu estando à frente do governo federal (2006, 2010 e 2014), a agenda de campanha teve um forte caráter plebiscitário, (...) se você quer que as mudanças que o partido implementou sejam mantidas, vote no PT; caso queira a volta ao período em que as políticas públicas favoreciam poucos, vote no PSDB. À oposição praticamente restou fazer críticas pontuais a determinadas políticas públicas e sempre enfatizar a corrupção, que passou a ser o tema prioritário da agenda antipetista desde que as denúncias do “escândalo do mensalão” apareceram, em 2005 (Nicolau, 2020, p. 40).

A partir de 2006, nas disputas presidenciais entre o PT e o PSDB, este último intensificou a adoção de uma estratégia que J. A. Guilhon Albuquerque caracteriza como "voto por oposição". Tal estratégia reflete um comportamento eleitoral em que os indivíduos priorizam a derrota do adversário em detrimento da promoção de seus próprios interesses. Esse fenômeno é sintetizado na lógica: "já que não posso obter o que quero, trato de evitar o que não quero" (ALBUQUERQUE, 1992). Trata-se de uma forma de identificação indireta, mediada pela rejeição ao outro, com um caráter predominantemente pragmático.

A Operação “Lava Jato”, conforme relatado por, revelou um vasto esquema de corrupção liderado pelo PT. A operação causou divisão de opinião quanto à sua complexidade e ao fato de ter havido uma intenção de criminalizar o PT ou provocar a queda de Dilma. Associação da “Lava Jato” com a mídia incitou protestos que se tornaram comuns. Desse modo, o que começou como um projeto promissor, em 2006, acabou como um pesadelo com o *impeachment* de Dilma Rousseff em seu segundo mandato em 2016 (SINGER, 2018).

A negativa identificação partidária, também conhecida como sentimentos partidários negativos, ou “antipetismo” quando em relação ao PT, está fortemente ligada aos escândalos de corrupção (RIBEIRO, CARREIRÃO e BORBA, 2016). O “antipetismo”, que se tornou um dos principais debates de 2014, envolveu críticas do PSDB ao PT, com o candidato Aécio Neves propondo a seguinte solução: “Existe uma maneira de acabar com a corrupção: vamos tirar o PT do governo!” (LOPES e LOPES, 2020).

De acordo com André Singer, nas eleições de 2006, ocorreram mudanças significativas na composição social da coalizão majoritária que sustentava Lula. O escândalo do mensalão contribuiu diretamente para o surgimento e fortalecimento do antipetismo entre setores da classe média, que, até então, haviam sido uma base importante de apoio ao governo petista, mas passaram a se distanciar devido às denúncias de corrupção. (SINGER, 2012)

Em relação à preferência pelo “partido de maior estima”, no caso, o PT, a tendência é a mesma do indicador anterior; ademais, em 2014, a queda foi ainda mais acentuada do que em

2006, com o partido alcançando o seu pior desempenho junto ao eleitorado, segundo as pesquisas do ESEB. As denúncias de corrupção na operação “Lava Jato” (o chamado “Petrolão”) parecem ter sido largamente responsáveis por essa última queda (RIBEIRO, CARREIRÃO e BORBA, 2016).

Ao analisarem trabalhos sobre o assunto, descobriram que as taxas de rejeição ao Partido dos Trabalhadores, manifestados a partir de sentimentos de anticorrupção estão ativos desde 2006” (RIBEIRO, CARREIRÃO e BORBA, 2016). Notadamente a partir de 2014, além da diminuição na preferência, houve um aumento na rejeição ao PT. O estudo examinou os sentimentos dos eleitores brasileiros em relação a aspectos atitudinais e comportamentais, enfocando o “antipetismo” e indicando um crescimento na aversão ao partido.

Eles sugeriram, que, enquanto a competição política permanecer centrada na dicotomia PSDB vs. PT, o “antipetismo” influenciará o voto; no entanto, é complexo antecipar as consequências futuras do sistema partidário no Brasil e os efeitos da crise política atual, que podem acarretar mudanças significativas, ou até o término dessa polarização. Independentemente dos resultados, os “sentimentos” (positivos/negativos) em relação aos partidos continuarão a ser relevantes para a decisão eleitoral (RIBEIRO, CARREIRÃO e BORBA, 2016). Em 2018, o “antipetismo” alcançou o ápice com a derrota do PT na eleição presidencial (AQUINO, 2020).

4.5. O “Antipetismo” e a classe média ressentida

A colocação dos de menor renda ao lado de Lula e da classe média em torno do PSDB teria contribuído para desarmar o “conservadorismo popular”. (FRESSATO, 2020) salienta que a classe média não desenvolveu um sentimento de pertencimento à sua própria classe, o que gerou a ilusão de pertencerem a classes superiores. Isso levou à proteção dos interesses dessas classes superiores, pois acredita-se que, dessa forma, os seus próprios interesses estão protegidos. Com esse entendimento, a classe média desenvolveu sentimentos de ódio e repulsa pelas classes populares, sentindo-se ofendida quando os governos petistas implementaram políticas públicas para as classes mais desassistidas. Com um sentimento de ameaça e medo de perder espaço, a classe média tornou-se mais vulnerável a discursos autoritários e intolerantes, como os do “bolsonarismo”.

Essa cientista social também ressalta que as políticas iniciadas no governo FHC e ampliadas no governo Lula deram origem à ideia de uma “Nova” classe média. Essa noção surgiu em 2008, após a publicação de uma pesquisa do economista Marcelo Neri, que usou o

poder de compra das famílias como parâmetro. Assim, o que Neri chama de “Nova classe média” é a fração da classe popular que se beneficiou das políticas sociais, adquirindo mais bens para as suas casas e experimentando as mudanças estruturais sociais e econômicas conjunturais quantitativas (FRESSATO, 2020).

A pesquisa revela uma emergência recente de uma nova classe média apesar dos sinais de crise externa vindas do EUA se aproximando. De maneira geral, os novos dados da PME⁹ permitem monitorar o desempenho de diferentes seguimentos sociais nas seis principais regiões metropolitanas do País. Depois de Vários anos de crise as metrópoles estão de volta à cena (Neri, 2008, p. 43).

Neri destaca a emergência da “Nova” classe média nos centros metropolitanos e os confrontos com a classe média tradicional como os fatores centrais dos protestos que começaram em 2013 e que se estenderam até a eleição de 2018, quando esses conflitos foram uma marca tanto das manifestações quanto na definição do voto “bolsonarista” (NICOLAU, 2020). É importante lembrar que, nesses eventos, o “antipetismo” também foi um instrumento político significativo incitando, tanto os movimentos de direita, quanto as eleições de 2018. Ao analisar o eleitorado que elegeu Jair Messias Bolsonaro em 2018, Singer argumenta que a eleição foi decidida pelo que ele denominou “direita popular”, com base em critérios de renda e escolaridade (SINGER, 2021). Ainda que de forma indireta, a “direita tradicional” também teve seu papel (FRESSATO, 2020) (NERI, 2008).

4.6. Diferenças contextuais entre “Mensalão” e “Lava-Jato”

“NO DIA 5 DE ABRIL DE 2018, o juiz Sergio Moro, da 13ª Vara Federal de Curitiba, expediu ordem de prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, no âmbito da Operação Lava Jato” (NICOLAU, 2020, p. 58). A eficácia do “antipetismo” na eleição 2018 atingiu um extremo significativo no momento de ano eleitoral, quando um escândalo de corrupção conseguiu, finalmente, corromper a imagem do político Luiz Inácio “Lula” da Silva, uma figura central do bom desempenho dos governos petistas.

A colaboração premiada na legislação brasileira é um benefício legal concedido a um investigado, a um réu, ou mesmo a um condenado numa ação penal que confessasse e aceite colaborar na investigação criminal, podendo delatar seus comparsas, o que pode lhe render em contrapartida um lenimento da pena ou até perdão judicial. Esse benefício é previsto em diversas leis brasileiras: Código Penal, Leis nº 8.072/90, nº 7.492/86, nº 8.137/90, nº 9.613/98, nº 9.807/99, nº 12.529/11, nº 11.343/06 e nº 12.850/13 (MATOS FILHO, 2017, 411).

⁹ Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE).

A “Delação Premiada” tem sido bastante discutida no Brasil na atualidade e tornou-se um elemento central nos casos de escândalo de corrupção, como a Operação “Lava Jato”, que, desde 2014, investiga o maior caso de corrupção e de desvio de fundos públicos da história do país, envolvendo várias autoridades políticas, banqueiros e empresários de diferentes setores da sociedade civil. De maneira similar, embora em proporções diferentes, isso também ocorreu no escândalo do “mensalão” em 2006 (MATOS FILHO, 2017). Apesar das semelhanças entre os dois casos, as diferenças contextuais alteram os resultados.

Quanto à Operação “Lava Jato”, ela pode ser vista como um processo gerado por outros protocolos sociais — em relação ao “mensalão”. Para compreender as conexões, relações e a sua formação como novos espaços problemáticos e resultados de ações diversificadas, precisamos analisar a relação entre forma, ideologia e falácia na atuação. No caso da “Lava Jato”, esses fatores são evidenciados na interação entre o Judiciário e a imprensa, com a narrativa e os seus elementos, com destaque para a “ideologia da forma” (JAMESON, 2006).¹⁰

Ao interpretar a “forma” dessa maneira e, ao mesmo tempo, atribuir à Operação “Lava Jato” a capacidade de reproduzi-la, percebemos que as narrativas não são apenas produtoras de ideologia pelas histórias que contam, mas, sobretudo, pela maneira como apresentam modos de entendimento, engajamento e prática. A “Lava Jato” criou “formas” que impactaram a crise política, social e econômica no Brasil; em outras palavras, a operação construiu narrativas sobre a política brasileira que se tornaram uma força adicional para o processo que levou à crise geral. A força-tarefa da “Lava Jato” foi um dos elementos mais significativos na configuração da nova hegemonia, não apenas por resultar no encarceramento de Lula e impulsionar o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, mas também por produzir novos campos explorados pela direita (BELLO, CAPELA e KELLER, 2021).

No caso do “mensalão”, o contexto gerou outra inferência, sugerindo um processo de individualização, conforme a teoria de (QUÉRÉ, 2005)¹¹, que envolve a descrição, a narração

¹⁰ “Com isso, Jameson tanto desmente o anúncio de que as capacidades explicativas do marxismo teriam colapsado, quanto evidencia como, no fundo, o avanço tecnológico, o crescente papel da imagem, do vídeo e da propaganda, a presença de novas tendências do cinema, de radicais mudanças na arquitetura, na literatura, etc., revelavam para essa tradição novos paradigmas para a compreensão da própria sociedade capitalista, entre elas a de interpretar uma sociedade em que a imagem se sobrepõe às coisas, em que os indivíduos se veem imersos na ideia de ‘presente perpétuo’” (Jameson, 2006, p. 44 apud Marcelino, 2019, p. 85).

¹¹ Louis Quéré , é um sociólogo francês, diretor emérito de pesquisa do CNRS - Centro Nacional de Pesquisa Científica e ex-diretor do Instituto Marcel Mauss (EHESS-CNRS). TEATRO MUNICIPAL DO PORTO, 2021 O Autor teoriza sobre o acontecimento: Muitos dos acontecimentos que nos afetam não são vividos diretamente por nós. São nos relatados, apresentados (em textos, discursos, imagens) e comentados pelas media. E, no entanto, tais acontecimentos tocam-nos, assim como despertam emoções em certa medida semelhantes no público das mídias. Estas emoções podem provocar comportamentos individuais e ações coletivas de vários tipos (QUÉRÉ, 2005).

e a dimensão pragmática dos dilemas públicos apresentados e da normatização do acontecimento. Concluímos que houve um processo de individualização do “mensalão”, que, apesar de sua tipicidade e associação com outros gêneros de fatos semelhantes, é, ao mesmo tempo, único. Ele foi individualizado pelas dimensões descritas a princípio: a descrição que revela um fenômeno cujos significados, problemas e responsabilidades ainda estão em disputa; a narrativa que destaca o ex-deputado Roberto Jefferson e o ex-ministro José Dirceu como protagonistas em diferentes momentos, demonstrando as ramificações do evento; as ações que o constituem e que visam conter sobretudo as responsabilidades pela repercussão do evento; os problemas que expõem atividades político-institucionais contemporâneas permeadas pelo dinheiro; e a normatização, por meio da punição, personificada na figura de José Dirceu, apontado como o “mentor intelectual”, tanto nos relatórios das CPIs, quanto nas ações da Procuradoria da República.

A construção narrativa, a dimensão pragmática e o processo de normatização ilustram a diluição do processo público em personalização. Assim, o evento se desorganiza na experiência, abrindo espaço para a ação coletiva e para se reestruturar de maneiras novas e diferentes do que foi apresentado; um potencial que esteve presente no caso “Mensalão” (SILVA, 2014).

Por conseguinte, os diferentes contextos em que se apresentam os dois acontecimentos revisitam a questão da narrativa, interpretativa. Um levando a um terreno que influenciou a manipulação ideológica, no caso da “Lava Jato”; enquanto o outro se diluiu nos processos de individualização e normatização da punição, no caso do “mensalão”. O “antipetismo”, forma usada pela direita, alcançou seu alvo com a Operação “Lava-Jato”. Porém, em 2022, o palco das eleições presidenciais ocorreu sob um novo cenário.

O primeiro é o fim dos processos criminais: “Mensalão” e “Lava-Jato”, em 2014 e 2021, respectivamente; e, consequentemente, o fim das “colaborações premiadas” e de seus possíveis desdobramentos. Com isso, os atos de corrupção do governo do PT não estavam mais em evidência. Segundo informações do portal do Ministério Público Federal (MPF), a tese do “mensalão”, proposta pelo MPF, foi comprovada pela ação penal 470 do Supremo Tribunal Federal (STF), segundo a qual os ministros entenderam que fora implementado um esquema de desvio de recursos públicos e de Empresas estatais para pagamentos de parlamentares em troca de apoio governamental. O processo foi concluído após 53 seções, com a condenação de 25 réus; mas um dos réus, após entendimento dos magistrados, retornou à 1^a instância, assim, todo o caso foi encerrado em março de 2014 (OLIVEIRA, 2014). Da mesma forma, a Operação “Lava Jato” foi iniciada em março de 2014. Naquele momento, a Operação abordava quatro organizações criminosas, com a participação de agentes públicos, doleiros e empresários, que

passaram a investigados pela Justiça Federal de Curitiba. O curso das investigações apontou irregularidades na Petrobras e na construção na Usina Nuclear de Angra. Em seus desdobramentos, também foram abertas frentes de investigação em Estados, como o Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal. No Ministério Público Federal, as condições da investigação ficaram a cargo dos procuradores da república, que estruturaram o trabalho de investigação em força tarefa: o primeiro, em Curitiba (PR); posteriormente se estendendo para outros Estados. Após seis anos de funcionamento interruptos, em que as atuações conjuntas foram prorrogadas, em 2021, o trabalho foi incorporado pelos Grupos de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado (Gaecos).

Em simultâneo aos desdobramentos da "Lava Jato", iniciou-se no Brasil um estado de mal-estar-social, conforme discutido por Vladimir Safatle (*apud* MAGALHÃES,2022), apresentando uma crítica à desconstrução das políticas de bem-estar social e à retração do papel do Estado na proteção dos cidadãos, especialmente no contexto das reformas neoliberais. Safatle (*apud* MAGALHÃES, 2022) argumenta que a flexibilização do trabalho, a intensificação da exploração laboral e a redução dos salários, típicas do neoliberalismo, colocam os trabalhadores em uma posição de constante vulnerabilidade e dependência das dinâmicas de mercado. Em contraste com o Estado de Bem-Estar Social, que visa assegurar direitos e promover o bem-estar coletivo, o Estado de Mal-Estar Social seria caracterizado pela primazia dos interesses do capital, resultando na precarização das condições de vida e na erosão das redes de segurança social.

Também trazendo uma crítica ao Estado Brasileiro, relacionando o “Estado de mal-estar” aos seguintes eventos políticos: o limite do teto de gastos; a reforma trabalhista; a reforma da previdência social; e todos ocorridos durante os governos Temer e Bolsonaro (MAGALHAES, 2022).

Nos últimos anos, o governo Bolsonaro conseguiu desmontar grande parte das conquistas democráticas obtidas pelos governos do PT; foram anos de caos institucional e guerra entre os poderes, dos quais o desmoronamento de políticas públicas importantes, como a calendário de vacinação regular nos postos de saúde de crianças, jovens e adultos, por exemplo, foi um fruto. Mas, antes de tentar reconstruir as políticas de combate à pobreza e à miséria, pilares dos governos anteriores, o PT precisa primeiro reorganizar a democracia brasileira (BARROS,2022). Finalmente, Lula terá de decidir como reestruturar a classe que ele ajudou criar e que ficou conhecida como a “Nova classe Média”, mas, que, no fundo, faz parte da classe trabalhadora.

Como delineamos até este momento, o “antipetismo” aparece associado aos escândalos de corrupção quando esses estão em foco durante processo eleitoral atuando em primeiro plano e, como vimos, é utilizado como instrumento catalizador de sentimentos manipulados durante as disputas entre o PSDB e o PT (AQUINO, 2020). Além da disputa eleitoral em 2022 fugir a essa regra de disputa, segundo pesquisa (Genial/Quaest) realizada no dia trinta e um (31) de agosto de dois mil e vinte dois, a economia e as questões sociais e de saúde (pandemia) são apontadas como principais problemas do Brasil segundo eleitores. Essa pesquisa ouviu 2000 pessoas, em 120 municípios, entre os dias 25 e 28 de agosto de 2022.

Ao tomarmos esses dados em consideração, a nossa pesquisa de campo, tanto o “lulismo”, quanto o “bolsonarismo” foram verificados como atuando no processo eleitoral de 2022 a partir de um desdobramento em dois sistemas de crenças, funcionando como atalhos para a diminuição dos custos de formação de opinião e de escolha do voto. Em um extremo temos o “lulismo”, que conseguiu criar um descolamento do candidato Lula em relação ao PT, ainda estigmatizado pelos casos de corrupção vindos dos processos do “mensalão” e, principalmente, da “Lava Jato”; esse movimento foi realizado pelas características dos antigos governos de Lula, que estavam interessados em políticas públicas para o aumento das vagas de emprego, combate à pobreza, erradicação da fome e o acesso das camadas mais populares a bens de consumo, por meio de programas, como Bolsa Família, Farmácia Popular, Minha Casa-Minha Vida, Fies, Pronatec, Prouni, Mais Médicos, entre outros; e, ao mesmo tempo, pelo distanciamento da campanha de temas mais polêmicos da agenda petista e que poderiam criar confronto com determinados grupos de maior proeminência social. Na outra extremidade, temos o “bolsonarismo” se consolidando em 2022, com um leque muito extenso de questões a serem abraçadas pelos eleitores, trazendo características de direita, conservadoras e capitalistas, que resultaram em uma montagem de conjuntos quase infinitos de crenças e valores, tendo como único ponto de intersecção a orientação ideológica.

Portanto, ao trazer a literatura sobre os pontos chave que tratam do “antipetismo” e da despolarização do voto em Lula, tivemos como intuito descrever como esses dois fatores, juntamente com outros elementos, influenciam a formação de opinião e a decisão do voto, em determinado contexto eleitoral. Ao mesmo tempo, a partir da pesquisa de campo, pudemos proceder a verificação desde parâmetros das características apresentadas por essa mesma literatura.

CAPÍTULO 5. ENTREVISTAS: OS RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo correlacionar os resultados, as análises e as discussões oriundas da pesquisa de campo, buscando encontrar elementos que influenciaram a formação do voto e a escolha do eleitor durante o processo eleitoral presidencial de 2022 circunscrito ao recorte investigativo de nossa pesquisa, qual seja, a cidade de São João de Meriti, localizada na região metropolitana do Rio de Janeiro. O primeiro entendimento que precisamos ter sobre esse recorte, e sobre aquilo que buscamos analisar, é o funcionamento da formação da opinião e a decisão do voto. Nossas observações trouxeram como proposição que esses dois procedimentos (formação/decisão) são complementares, porém o fato de formar uma opinião não significa necessariamente que a consequência ‘natural’ será o voto.

Visto que essa decisão carrega uma complexidade adicional, pois não se trata apenas de escolher um candidato em detrimento dos concorrentes. O votante também precisa decidir entre votar ou se abster. Além disso, há o fator do tempo de duração do processo eleitoral, período durante o qual o eleitor poderá refletir sobre sua escolha, tanto em relação a votar quanto sobre em quem votar.

Todos esses aspectos devem ser levados em conta quando tratamos da decisão do voto. A razão reside, em que o ato de votar requer uma ação, que, para ser executada, carece não só de representação, que é construída por um conjunto de questões individuais ou de grupo, correspondendo a dados de formação da opinião, mas também de um catalizador que dê conta de suportar a execução dessa ação, ou seja, uma motivação, por meio da qual o eleitor deixará a sua residência e se dirigirá até a zona eleitoral, em que exercerá o seu direito constitucional de votar.

Por que, afinal, nos envolvemos no debate sobre sistemas de crenças? Existe um delicado equilíbrio entre o sentimento e o raciocínio na forma como avaliamos as informações; uma interação intrincada que faz parte da construção da nossa compreensão do mundo. Nossas crenças sobre nós mesmos e sobre o mundo evocam respostas cognitivas e emocionais, as quais, por sua vez, moldam nossas interpretações de uma dada situação. É interessante notar que essas interpretações, muitas vezes, se tornam mais significativas que a situação em si. Por isso, mesmo que nossas crenças sejam pragmáticas, é importante lembrarmos que elas não são equivalentes ao modelo da “escolha racional”. Posto isso, compreendemos que a escolha racional opera em um único espectro; enquanto um sistema de crenças é bidimensional operando tanto no âmbito cognitivo quanto no campo emotivo.

5.1. Formação da Opinião

A formação da opinião é um processo complexo e multifacetado, no qual os indivíduos desenvolvem e ajustam suas crenças, atitudes e preferências em relação a diversos temas, incluindo as questões políticas. Esse processo é influenciado por uma variedade de fatores, como influências sociais, mídia, experiências pessoais, crenças e valores individuais, bem como conjunturas específicas. Embora a formação da opinião não se restrinja ao processo eleitoral, são os momentos de disputa política que atuam sobre o eleitor de modo mais evidente. Esses períodos destacam como as diversas influências interagem e moldam as decisões e os comportamentos eleitorais.

5.1.1. O interesse na política

Tabela 2 – As variações do nível de interesse no processo eleitoral em 2022

Grau de interesse	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a
Muito interessado	10	3	2	5	15
Pouco interessado	8	12	13	11	2
Completamente desinteressado	3	5	5	4	4
Não sabe /NR		1	1	1	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Para compreender o nível de interesse dos eleitores, utilizamos como base a teoria de que esse interesse influencia diretamente o tempo necessário para a tomada de decisão e exerce impacto sobre a escolha de participar ou não do pleito. Essa perspectiva está fundamentada na obra *The People's Choice* (Capítulo 6) de Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1948, p. 53).

Com base nesses postulados, para testar o nível de interesse dos entrevistados ao longo do processo eleitoral, as perguntas foram formuladas com o objetivo de obter respostas que confirmassem essa relação, resultados expostos na tabela 2, trazem as conclusões destas enquetes.

Então, para avaliar o interesse dos voluntários no processo eleitoral de 2022, foram aplicados questionários em diferentes fases. O questionário -1, (Apêndice 1) perguntou sobre o nível de interesse no processo eleitoral com as opções: “muito interessado”; “pouco interessado”; ou “completamente desinteressado”. Duas semanas após o início da propaganda política, o questionário-2 (Apêndice 1), verificou se os eleitores assistiram aos programas de propaganda em várias mídias. As rodadas 3 e 4, (Apêndice 1) seguiram a mesma abordagem para monitorar o envolvimento contínuo dos eleitores. Na última rodada questionário-5

(Apêndice 1), após o segundo turno, o foco foi o acompanhamento da apuração dos votos, considerando que esse seria o momento de maior interesse para os eleitores engajados.

Os resultados, descritos em nossa tabela - 2, mostram uma parábola com a concavidade para cima, ou seja, os eleitores iniciam o processo eleitoral muito engajados, há um declínio, que foi retomado ao final do processo, o que, em termos de números, demonstra um nível maior de interesse em relação ao início do jogo político.

Aqui, passamos ao desmembramento desta primeira observação mais geral: Os resultados da pesquisa não indicaram oscilações significativas, tanto com relação às clivagens sociais (raça, gênero, religião e inserção laboral), quanto com relação aos grupos de entrevistados (eleitores de Lula, apoiadores de Bolsonaro e indecisos), mostrando consistência em referência a nossa tabela sem dados agregados. Assim, nossa análise se concentra na detecção de casos particulares.

Um caso particular de interesse foi o do entrevistado Valério, que, inicialmente, se declarou muito interessado no processo eleitoral, no entanto, também declarou estar indeciso sobre o voto. No questionário-2, (Apêndice 1), ele manifestou um desinteresse total e indicou a intenção de votar no candidato Ciro Gomes. Contudo, no dia das eleições do primeiro turno, ele escolheu apoiar Lula, declaração descrita no questionário 3 (Apêndice 1). Ao longo da quarta rodada questionário-4 de entrevistas (Apêndice 1), Valério expressou uma motivação moderada e confirmou que apoiaria Lula na segunda etapa. Surpreendentemente, ele se absteve no segundo turno, como relatado no questionário-5, (Apêndice 1), contradizendo as expectativas teóricas sobre a relação entre a abstenção e a falta de interesse, posto que Valério voltou a expressar um alto nível de interesse acompanhando atentamente a apuração dos votos desde o início. Essa mudança de comportamento ilustra a complexidade e a volatilidade das decisões eleitorais, em que diversos fatores emocionais, sociais e contextuais podem influenciar o voto, levando a atitudes que não seguem previsões teóricas simples.

Este caso pode ser interpretado como um exemplo da fluidez e dinamismo do comportamento eleitoral. Valério iniciou o processo com grande interesse, mas a sua trajetória ao longo da campanha evidenciou uma oscilação entre diferentes estados de engajamento e decisão. Essa oscilação pode ser atribuída a vários fatores, incluindo influências externas, como conversas com amigos e familiares, bem como mudanças internas nas percepções e prioridades políticas. O caso de Valério destaca a importância de considerarmos a dimensão temporal e a evolução das atitudes eleitorais ao analisar o comportamento dos eleitores e sugere que modelos teóricos devem incorporar a possibilidade de variações significativas entre motivação e escolhas ao longo do processo eleitoral.

5.1.2. Meios de Informação – As influências

Tratamos de analisar agora tabela de aquisição de informações, buscando encontrar elementos que auxiliam na compreensão da formação da opinião.

Tabela 3 -Aquisição de informação sem dados agregados

Aquisição de informação	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a
Televisão	16	15	15	13	10
Rádio	2	3	1	1	
Jornais		2	1	1	
Conversas com familiares e amigos	8	7	7	6	6
No ambiente religioso		2	1	1	
No Ambiente de trabalho		1	3		
No ambiente educacional	1	3			
Mídias digitais: Redes sociais, YouTube, podcasts etc. (internet)	12	11	13	10	9

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Segundo o site de notícias CNNBrasil , Pesquisa Ipespe/Abrapel divulgada em 03/09/2022, mostra que 50% dos eleitores se informam “Metade dos eleitores se informa por rádio e TV, diz pesquisa Facebook, Twitter e Instagram ficam em segundo lugar” (PEREIRA, 2022)

Na tabela 3 a presença dominante da televisão e da internet no cenário atual é esperada, devido ao alcance e acessibilidade dessas mídias. Não obstante, ao considerar a influência de familiares e de amigos, que ocupam o terceiro lugar, é essencial refletirmos não apenas considerando a frequência, mas também a intensidade dessa interação. A proximidade emocional que essas relações exercem tem um impacto significativo na formação das opiniões dos indivíduos. Isso ocorre, porque as informações compartilhadas por pessoas próximas tendem a ser tomadas como mais confiáveis e emocionalmente relevantes, criando um domínio sobre as opiniões e decisões dos indivíduos em comparação com outras fontes de informação.

Sobre a fonte de informação, desde a década de 1940, o impacto dessas influências sociais é notado. A teoria subjacente é de que, ao consumir propaganda política em qualquer mídia, os indivíduos estão preparados e, portanto, são menos suscetíveis à persuasão. Em contraste, as informações recebidas de familiares e amigos em conversas inesperadas têm uma

probabilidade significativamente maior de influenciar os eleitores. Essas informações tendem a despertar as emoções antes de alcançar a cognição, o que aumenta a sua eficácia devido à proximidade emocional com a fonte da informação. Esse fortalecimento dos laços familiares e de amizade pode ser atribuído à pandemia de COVID-19, durante a qual as pessoas se sentiram mais vulneráveis e os laços interpessoais foram reforçados. Apesar de não ocupar o primeiro lugar, a influência dessas interações interpessoais tem uma penetração significativamente maior quando consideramos a formação da opinião. Logo, podemos concluir que as interações sociais desempenham um papel crucial na formação do voto e nas escolhas eleitorais, especialmente em tempos de crise, como evidenciado durante a emergência de saúde mundial. Essa dinâmica ressalta a importância de levarmos em consideração os contextos social e emocional ao analisarmos os processos de formação da opinião pública e do comportamento eleitoral.

Para explorar a dinâmica das conversas com familiares e amigos na formação de opiniões eleitorais, analisamos o caso da entrevistada Alcione, pois a sua trajetória de mudança de opinião durante o período eleitoral nos oferece uma visão aprofundada sobre a influência dessas interações sociais. A entrevistada apresentou uma notável oscilação em suas preferências eleitorais: inicialmente, era favorável à candidatura de Lula; posteriormente, mudou o seu apoio para Ciro Gomes, votando nele no primeiro turno; e, finalmente, após o segundo turno, optou por Bolsonaro.

No primeiro questionário (Apêndice 1), Alcione disse: “Dos que eu conheço, ele parece ser o melhor. Quando governou, o salário era melhor”, justificando que inicialmente apoiava Lula por acreditar que ele traria melhorias para o país. No segundo questionário (Apêndice 1), ela respondeu: “Porque ele é o melhor, na minha opinião, por enquanto”, escolhendo Ciro Gomes pela boa administração de Rodrigo Neves, ex-prefeito de Niterói e membro do partido de Ciro, fato que influenciou a sua decisão e a de seus familiares, que moram em Niterói.

No terceiro questionário (Apêndice 1), ela disse: “Porque gostei da campanha dele”, justificando que votou em Ciro Gomes no primeiro turno, influenciada pela candidatura de Rodrigo Neves como explicamos. No quarto questionário (Apêndice 1), ela respondeu: “Indecisa após o primeiro turno”, justificando que ficou dividida após o primeiro turno por conversas com familiares que apoiavam diferentes candidatos e apresentavam preocupações com relação às suas promessas. No último questionário (Apêndice 1), ela respondeu: “Votei em Bolsonaro no segundo turno”, justificando que decidiu votar em Bolsonaro na reta final, pôs foi

influenciada por falas dos familiares mais próximos que moram em São João de Meriti e que enfatizaram a importância da segurança.

A trajetória de Alcione demonstra a complexidade da formação de opinião e a significativa influência das interações sociais. As suas justificativas refletem como as conversas com familiares e amigos podem levar a reconsiderações e a ajustes nas preferências eleitorais ao longo do processo. Esse caso ilustra que as interações interpessoais, muitas vezes inesperadas e emocionalmente carregadas, podem ter um impacto profundo e potencialmente maior do que as influências diretas da propaganda política na mídia tradicional.

5.2. O momento da decisão

O momento de decidir o voto é uma fase crítica do comportamento eleitoral, pois revela a volatilidade das escolhas dos eleitores. Embora as decisões possam ser formadas anteriormente, elas permanecem suscetíveis a uma variedade de fatores até o último instante. Esse fenômeno evidencia a complexidade e a dinâmica do comportamento eleitoral, mostrando que as decisões de voto podem ser instáveis e estar sujeitas a mudanças até o momento da votação, que se desdobra em dois pontos principais: votar, ou não; e escolher em quem votar.

Ao analisarmos as mudanças no voto dos eleitores, constatamos que muitos mudaram as suas escolhas durante o processo eleitoral, mesmo aqueles que inicialmente tinham decidido por um candidato. As decisões dos entrevistados foram influenciadas desde o início da pesquisa até o dia da eleição. A formação da opinião e a decisão do voto passaram, portanto, por várias mudanças ao longo do processo eleitoral.

Nesse sentido, destacamos as mudanças no voto para o candidato Lula, que foram mais intensas; enquanto o voto dos que apoiam a Bolsonaro variou menos. Por exemplo: Alcione começou apoiando Lula, mudou para Ciro Gomes no primeiro turno, e votou em Bolsonaro no segundo turno. Já Valério começou indeciso, indicou voto em Ciro Gomes, votou em Lula no primeiro turno, disse que votaria em Lula no segundo turno, mas acabou se abstendo.

Outra maneira de analisar e identificar os comportamentos do entrevistado é através da “Inteligência Afetiva”,¹² que sugere que nossas decisões eleitorais são influenciadas por dois sistemas emocionais independentes. As emoções são essenciais para motivar os eleitores, ajudando-os a decidir quando votar em um candidato específico ou reconsiderar essa escolha.

¹² “Em suma, o modelo de Inteligência Afetiva estabelece que quando os sentimentos são de entusiasmo, os eleitores tendem a se guiar por suas predisposições. Entretanto, quando a ansiedade aumenta, considerações sobre os elementos que engendram tal sentimento são levadas à consciência e os eleitores passam a indagar se vale à pena ou não continuar a se pautar por seus hábitos” (Pimentel Júnior, 2006, p. 521).

Esse modelo descreve que as ações dos eleitores são guiadas por dois processos: “predisposições” e “vigilância”. As “predisposições” geram sentimentos de entusiasmo, levando pessoas predispostas à direita, por exemplo, a votar na direita; e aquelas inclinadas à esquerda, a votar na esquerda. Já a “vigilância” provoca ansiedade, fazendo com que os eleitores equilibrem as suas motivações e reflexões a respeito de suas escolhas.

Mesmo motivados a votar, os eleitores enfrentam dúvidas que podem complicar a decisão, causar demora, ou, dependendo do nível de reflexão em relação à motivação, levar à abstenção. Esses casos mostram como os eleitores mudaram as preferências durante a campanha e entre os turnos da eleição.

5.3. Orientação Ideológica

Compreendemos que a orientação ideológica consiste em um conjunto de crenças, valores e ideias que formam a visão de mundo dos indivíduos, influenciando significativamente o comportamento eleitoral, por exemplo, inclinando-o no que diz respeito à política para a direita ou para esquerda. Dessa forma, o comportamento eleitoral em 2022 refletiu uma escolha seletiva dos eleitores, que, em vez de aderirem a um único aspecto da orientação ideológica, optaram por questões específicas que apresentavam maior acordo com as suas próprias crenças e interesses.

Nesse cenário, o conservadorismo, a direita e o capitalismo compõem o cardápio de opções apresentado pela “nova direita”. Os eleitores então tiveram a opção de escolher as questões de seu interesse entre os vários aspectos disponíveis. O conservadorismo é uma ideologia social e cultural que valoriza a preservação de tradições, valores familiares e de normas sociais; já a direita é uma ideologia política que valoriza a liberdade individual, o mercado livre e a mínima intervenção do Estado, focando em propriedade privada, no empreendedorismo e na responsabilidade individual. Ademais, o aspecto econômico, que contrasta o capitalismo com o socialismo também foi mencionado nas justificativas, sinalizando uma contribuição para o conjunto de crenças dos eleitores.

Agora nos debruçaremos sobre a existência de orientação ideológica dos nossos entrevistados.

Tabela 4 – Orientação Ideológica

Orientação ideológica	Bolsonaro	Lula	Indecisos
Direita	5		2
Esquerda		2	
Não se posicionou	3	5	4

Fonte: elaborado pela autora (2024).

De acordo com a tabela 4, a maioria dos eleitores do candidato Bolsonaro se posicionou; enquanto a predominância dos votantes do candidato Lula optou por não se identificar neste aspecto político. Em uma análise mais aprofundada das respostas em relação aos dois posicionamentos à esquerda, esses entrevistados revelam que não seria uma questão de orientação ideológica, e sim de “lulismo”. Assim, eles se justificam com base na classe social, invocando a posição econômica e/ou os programas dos governos de Lula e Dilma.

De acordo com os cortes demográficos, foram organizadas tabelas para verificação de idiossincrasias sobre a orientação ideológica. Decidimos trazer essas duas tabelas, porque esse foi o único corte demográfico que apresentou diferenças quanto ao posicionamento ideológico quando relacionamos várias clivagens: o gênero foi o que chamou a atenção. Vamos aos achados.

Tabela 5. – Conceito de ideologia e posicionamento ideológico (em Bolsonaro gênero)

Voto em Bolsonaro (gênero)			
	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou
Homem	4		4
Mulher	1	3	1

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Tabela 6. – Conceito de ideologia e posicionamento ideológico (indeciso gênero)

Voto indeciso (gênero)			
	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou
Homem	1	2	0
Mulher	1	2	2

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Independentemente das clivagens de religião, raça ou inserção laboral, observamos na Tabela 5, entre os votantes de Bolsonaro, as mulheres não se posicionaram; enquanto todos os homens o fizeram. Contrariamente como observado na tabela 6. Entre os eleitores inicialmente indecisos, que posteriormente decidiram votar em Bolsonaro, aqueles que não se manifestaram foram os homens; enquanto as mulheres declararam a sua ideologia. O entendimento obtido foi que, a influência da orientação ideológica em relação ao tempo da formação da opinião e de escolha do eleitor para os que apoiaram a candidatura de Bolsonaro. As tabelas comparativas adicionais encontram-se no Apêndice 2.

5.3.1. Ideologia e o voto ao candidato Lula

A justificativa para o voto em Lula por parte de eleitores à esquerda passa por uma visão que privilegia a inclusão social, a defesa dos direitos dos trabalhadores e a crítica ao modelo econômico neoliberal. Esses eleitores tendem a enxergar Lula e o PT como garantidores de um Estado que, apesar de suas falhas e escândalos, atuou de forma concreta para reduzir desigualdades e melhorar as condições de vida dos mais pobres.

Sobre Pedro, com voto em Lula: quando questionado sobre o seu posicionamento, respondeu: “esquerda, porque sou pobre”. Apesar de se posicionar, a sua justificativa foge à dicotomia direita/esquerda, associando-se à classe econômica como característica do “lulismo” e desativando o posicionamento ideológico (direita/esquerda), o que realocaria os eleitores para um posicionamento (classe, geográfico).

Sobre esta questão das orientações ideológicas, nossas observações demonstraram que os votantes do candidato Lula compõem conjuntos de questões trazendo como elementos centrais o desempenho de governo e o custo voto em relação aos benefícios, referenciando uma escolha pragmática, descartando peremptoriamente o posicionamento ideológico direita/esquerda. Em vez disso, concentraram-se no desempenho do governo e nas políticas públicas do Partido dos Trabalhadores, que beneficiaram os mais pobres, associando esses aspectos à imagem do candidato.

5.3.2. Os eleitores em Lula que não se posicionaram

Sobre Leandro, pardo, com voto em Lula: As respostas do entrevistado sobre o posicionamento ideológico não têm relevância, como na citação: “Não quero opinar, para mim não tem relevância, não me posiciono ideologicamente”.

Isso significa dizer que, quando questionado sobre o posicionamento ideológico, o entrevistado alegou que esse aspecto da política não teria nenhuma relevância dentro dos seus conjuntos de fatores de formação da opinião para a decisão do voto.

5.3.3. Ideologia e o voto ao candidato Bolsonaro

Sobre Romeu, com voto em Bolsonaro: “Ser de direita, para mim, é priorizar valores de família, priorizar o direito e a diferença e não a obrigação de gostar ou achar certo algo que não

concordo, incentivar as pessoas a evoluírem mental e profissionalmente, para que tenham dignidade [...] buscar o melhor para si, sem depender de benefícios sociais por longos períodos”.

Este entrevistado, como vimos, agrupou vários aspectos da orientação ideológica em sua resposta, trazendo características como “ser de direita”, “ser conservador” e “ser capitalista”, abraçando todo o leque de opções da “nova direita”.

5.3.4. Ideologia e o voto dos Indecisos

Os eleitores indecisos frequentemente experimentam conflitos internos ao formarem as suas opiniões graças às influências contraditórias que um indivíduo pode enfrentar devido às suas múltiplas afiliações e lealdades (por exemplo, a lealdade à família, ao trabalho, à religião, etc.). Essas pressões podem levar ao desinteresse e à apatia política.

No entanto, é importante nos aprofundar nesta questão e entendermos que não são as “pressões cruzadas” que causam essa indecisão; mas os conflitos subjacentes a essas pressões. Esses conflitos podem ser de natureza pessoal, grupal ou informacional. É a presença desses conflitos que leva os eleitores a ponderarem as suas escolhas de maneira exaustiva, o que pode resultar na desmotivação para votar.

Quanto a Edna, com voto indeciso: Quando perguntada sobre o seu posicionamento ideológico, ela respondeu que era “a direita”; porém expressou ter ressalvas quanto à sua escolha: “À direita, tenho críticas a algumas coisas, como armas; mas concordo com as questões da família tradicional e [de] sua formação conservadora; críticas também a alguns discursos. Quanto à identificação com a direita [...] não totalmente a favor; mas sou completamente contra a esquerda”.

5.3. Os temas dos eleitores

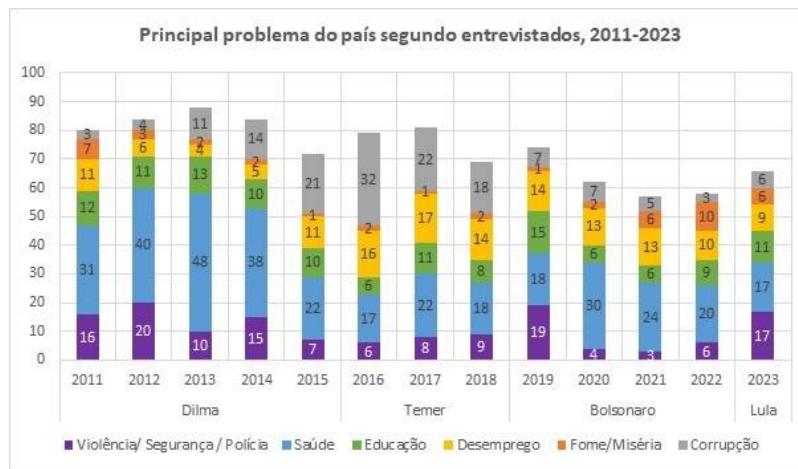
A partir daqui buscaremos entender o que possa nos mostrar o porquê desta dinâmica do voto, a fim de compor nossas conclusões sobre o recorte do município da pesquisa de campo. A ideia foi apresentar esta questão no primeiro questionário (Apêndice 1) e no quinto (Apêndice 1), com o objetivo de podermos enxergar a influência das campanhas eleitorais nas opiniões dos entrevistados.

Tabelas 7 – Setores de interesse dos eleitores

Área de interesse do próximo governo	1^a	2^a	3^a	4^a	5^a
(1) Educação	13				12
(2) Saúde	12				17
(3) Segurança	6				7
(4) Habitação					
(5) Transporte					
(6) Programas de criação de empregos e aumento da renda	7				6
(7) Programas sociais para os pobres	2				
(8) Aumento do crédito para o consumo					
(9) Meio ambiente	1				
(10) Combate à inflação	1				

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Figura 9 – Dados pesquisa data folha sobre os temas Salientes para os Brasileiros, 2011-2023



Fonte: (FONTE SEGURA-FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023)

Conforme indicado na Figura 8, que abrange anos eleitorais de 2014, 2018 e 2022, pesquisas nacionais apontam consistentemente a saúde como o principal tema de preocupação do eleitorado. Este dado, destacado na Tabela 7, confirma expectativas anteriores. De maneira similar, a educação sempre figura entre os temas prioritários, enquanto a segurança mantém-se alinhada ao que historicamente tem sido apresentado como um dos principais problemas enfrentados pelo país.

Ao longo das cinco rodadas de pesquisa, nota-se uma troca de posições entre saúde e educação, bem como entre segurança e criação de emprego, refletindo mudanças nas percepções e prioridades da população. Apesar dessas oscilações, os temas continuam a refletir o panorama atual, com maior variabilidade observada entre segurança e desemprego.

Na tabela seguinte, que apresenta dados agregados, é possível realizar uma análise mais detalhada ao separar os grupos de apoio aos candidatos Lula, Bolsonaro e os eleitores indecisos. Esses recortes permitem identificar achados específicos e tendências que diferem entre os segmentos analisados.

Na tabela 8 exposta na sequência, com dados agregados, podemos enxergar algumas diferenças entre os grupos no período eleitoral de 2022.

Tabela 8 – Setores de interesse dos eleitores – com dados agregados

Área de interesse do próximo governo	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a
(1) Educação	5 5 3				6 5 1
(2) Saúde	5 5 2				10 6 1
(3) Segurança	2 4				6 1
(4) Habitação					
(5) Transporte					
(6) Programas de criação de empregos e aumento da renda	2 2 3				4 1 1
(7) Programas sociais para os pobres	1* 1				
(8) Aumento do crédito para o consumo					
(9) Meio ambiente	1				
(10) Combate à inflação	1				
Voto em Lula:	■	Voto em Bolsonaro:	■		
Indeciso:	■	Abstenções:	■		

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Na Tabela 8, apenas um entrevistado destacou o meio ambiente como tema prioritário, associando-o claramente ao eleitorado de Lula e à agenda progressista defendida por sua campanha. Outros eleitores de Lula concentraram suas escolhas em temas como educação e saúde. Inicialmente, alguns chegaram a apontar a segurança como prioridade; no entanto, sob influência da campanha, deixaram de considerar esse tema na última rodada de entrevistas.

Entre os eleitores de Bolsonaro, os temas de saúde e educação permaneceram como prioridades predominantes. Verificou-se, ainda, que um dos votos se direcionou especificamente à valorização de programas sociais voltados para a população em situação de maior vulnerabilidade econômica. Ademais, ao longo das enquetes realizadas, foi identificado um incremento na preferência por questões relacionadas à geração de emprego e à melhoria da renda entre os apoiadores do candidato, evidenciando a influência direta exercida pela propaganda política bolsonarista sobre essas escolhas.

Nossa análise revela que os votos destinados a diferentes candidatos, embora possuam características distintas, elas não são engessadas. Eles formam conjuntos de questões variados e nem sempre óbvias, que são influenciados por fatores como a situação socioeconômica, o perfil demográfico e os aspectos socioculturais de cada indivíduo. Essas características moldam diferentes prioridades em contextos diversos, impactando a visão de mundo pessoal e originando conjuntos de crenças que se alinham, em geral, a dois sistemas principais: ideológico ou pragmático.

Um aspecto significativo identificado em nossa investigação de campo foi o impacto das dinâmicas familiares nas decisões eleitorais. Observou-se que, frequentemente, membros da família e amigos eram mencionados durante as discussões. Um exemplo ilustrativo foi o relato de um participante que, em tom humorístico, destacou as possíveis consequências de votar em Bolsonaro, dado que sua esposa preferia Lula. Em outras ocasiões, foi evidente a influência de familiares e amigos nas escolhas dos entrevistados, bem como a seleção de prioridades que frequentemente refletia uma preocupação em proteger ou beneficiar a família. Esse fenômeno se manifestou independentemente da preferência eleitoral dos participantes.

A religiosidade, igualmente influente, desempenhou um papel transversal nas respostas aos questionários, não se limitando apenas aos indivíduos evangélicos. Mesmo entre aqueles que se declaravam sem religião, temas como a legalização do aborto, as novas configurações familiares e a legalização de armas foram tratados como um tom carregado de respeito e temor por leis transcendentais, atribuídas a uma entidade superior e inefável, à qual sentiam-se obrigados a obedecer.

5.4.1. Identificação partidária e confiança Institucional

No questionário 1 (Apêndice 1), a pergunta nº 14 questiona o entrevistado quanto à simpatia por algum partido político. Sobre esse questionamento fizemos uma tabela com o intuito de observar a existência de uma relação entre o eleitor e os partidos.

Tabela 9 – Simpatia por partidos políticos

Voto	Sim	Não
Lula	6	1
Bolsonaro	4	4
Indecisos		6

Fonte: elaborado pela autora (2024).

Os resultados apresentados na Tabela 9 indicam que os apoiadores de Bolsonaro fizeram sua escolha com base em um conjunto de crenças ideológicas. Esse alinhamento não se deu por identificação partidária, mas pela percepção do candidato como um "outsider", ou seja, alguém fora do establishment político tradicional, que encarna uma ideologia própria, desvinculada do partido.

Por outro lado, os eleitores de Lula, embora também mostrem alinhamento ao candidato, o fazem em parte por sua conexão histórica com o PT. Ainda que nem todos os eleitores sejam necessariamente petistas, muitos utilizam a agenda progressista do partido como referência para justificar sua escolha, além de valorizarem a imagem consolidada de Lula como líder político.

Já os indecisos apresentam coerência em suas respostas, refletindo os conflitos internos que caracterizam esse grupo. Sua indecisão é gerada por fatores diversos, como dilemas pessoais, influências de grupo ou excesso de informações conflitantes. Esse cenário cria uma desconfiança que dificulta a formação de simpatias claras por candidatos ou partidos, reforçando sua posição de incerteza.

Tabela 10 –Posicionamento do eleitor sobre instituições e movimentos (Pergunta Fechada)

Questão	Negativo (1)	Positivo (2)	N/S – N/R
Governo Federal	8	9	4
Câmara dos Deputados	14	5	2
Assembleia Legislativa	9	8	4
Partidos Políticas	11	7	3
Poder Judiciário	8	11	2
Igrejas	6	13	2
Forças Armadas	3	18	

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A análise dos dados revela na Tabela 10, uma percepção amplamente positiva em relação às Forças Armadas, com 18 dos 21 entrevistados declarando ter uma imagem favorável dessa instituição. Na tabela11 os eleitores optaram para um apoio expressivo à participação de militares no governo, com15 dos 21 participantes posicionando-se a favor dessa atuação.

Em contraste, registra-se uma visão predominantemente negativa sobre a Câmara dos Deputados, com 14 dos 21 entrevistados manifestando-se desfavoravelmente. No tocante às igrejas, destaca-se uma percepção majoritariamente positiva, com 13 participantes indicando uma avaliação favorável.

Os resultados apresentam um panorama relevante, mas não permitem inferências generalizáveis devido às limitações da amostra. A análise se restringe às preferências observadas, com destaque para o fato de que todos os participantes expressaram suas percepções, favoráveis ou contrárias, sobre as forças armadas.

Tabela 11 – Posicionamento do eleitor sobre outros movimentos e instituições (Pergunta Fechada)

Questão	Negativo (1)	Positivo (2)	N/S – N/R
MST	11	4	6
Privatização de empresas	9	11	1
Democracia	4	16	1
Legalização do aborto	13	7	1
Legalização do porte de armas	12	9	
Participação dos militares na política	6	15	
Movimento LGBT	10	11	
Voto eletrônico	8	12	1

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A análise da tabela 11, sobre os posicionamentos em relação ao Movimento dos Sem Terra (MST), ao movimento LGBTQIA+ e ao aborto revela a influência da proximidade cultural, da exposição cotidiana e de princípios morais nas percepções dos participantes.

O MST enfrenta rejeição principalmente devido à desconexão entre a realidade agrária, foco de suas ações, e o cotidiano dos entrevistados, especialmente aqueles em áreas

urbanas. Essa distância reduz a identificação e torna as opiniões sobre o movimento menos enraizadas, sendo frequentemente mediadas por narrativas políticas ou midiáticas.

No caso do movimento LGBTQIA+, sua maior visibilidade e presença no dia a dia, tanto nas redes sociais quanto em espaços públicos e familiares, têm promovido maior aceitação. Essa normalização é mais evidente entre os jovens e em contextos urbanos, enquanto em regiões ou gerações mais conservadoras, a aceitação pode ser mais limitada.

Por fim, o aborto permanece como um tema amplamente rejeitado, especialmente entre os mais velhos, devido à influência de valores religiosos e culturais que enaltecem a proteção da vida e a estrutura familiar tradicional. Apesar disso, entre as gerações mais jovens, há indícios de maior abertura para debates sobre o tema.

Esses dados demonstram como a proximidade, a exposição e os valores culturais moldam as percepções em relação a temas sociais e políticos, destacando a complexidade das opiniões públicas.

5.5. Razões do voto

Entre as razões que justificam a importância do voto, destacamos o fortalecimento da democracia e da cidadania.

Tabela 12–Evolução do voto

	Intenção	Intenção	Voto	Intenção	Voto
Decisão do voto	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a
Voto em Lula	7	6	7	7	6
Voto em Bolsonaro	8	11	11	12	13
Outros candidatos	0	2	1		
Não sabe	6	2			
Se absteve			2		2

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A tabela 12 descreve a evolução do voto em nossa pesquisa de campo e foi obtida através dos questionários (Apêndice 1) durante do processo eleitoral para a presidência da República em 2022. Como vimos, as oscilações em relação ao voto estiveram presentes durante todo o período eleitoral, indicando que o período da campanha eleitoral tem influência sobre a formação e a escolha do voto dos eleitores. Outro ponto a ser destacado é o fato de essas mudanças causarem o decréscimo do voto no candidato Lula, e um aumento dos apoiadores de Bolsonaro.

Para que possamos buscar os motivos desta dinâmica, traremos agora os resultados das entrevistas divididas em suas escolhas para a presidência:

5.5.1. Razões do voto em Lula

- a) Lula: resposta do eleitor Leandro, voto em Lula, sobre a pergunta: “Por que o senhor decidiu votar neste Candidato?”: “É o único que transparece que vai mudar alguma coisa. Foi o governo em que as pessoas pobres passaram a ter acesso às coisas que não tinham antes. Foi um bom governo, os negros tiveram acesso às Universidades”.

Em outras palavras, o entrevistado, que respondeu com essa citação, apresenta, na realidade, o desempenho do governo Lula como resposta. Com essa fala, o entrevistado demonstrou enxergar não só a questão econômica quanto à atuação do governo Lula, mas também esse tinha políticas públicas para a promoção da equidade social. Ele deu, como exemplo dessa estrutura, dois fatores importantes: a melhora da qualidade de vida da população mais desassistida e a diminuição da pobreza que fez com que as pessoas tivessem acesso aos bens de consumo e às oportunidades, que, as pessoas desta classe social, que são majoritariamente negra e pardas, pertencentes à classe (C-) média baixa, D, ou E passaram a ter, como o acesso ao ensino superior, que, anteriormente, era dirigido, em sua maioria, às classes A, (B+), (B-), (C+), uma população majoritariamente branca.

Os brancos representam proporção bem maior nas classes AB em comparação com o total da população; as pessoas negras (pretas e pardas) são 2/3 dos brasileiros e chegam a 3/4 na classe DE.

Figura 10 – Panorama das classes ABCDE – Raça



Fonte Sintonia com a Sociedade (2022)

- a) Reposta da entrevistada Rosimeire, voto em Lula, sobre a pergunta: “Por que a senhora, decidiu votar neste Candidato?”: “Gosto do Lula. Sempre votei nele, independente desta história de ideologia, sempre olhei para o resultado de governo na prática”. Ao apresentar esta fala, a entrevistada relacionou a imagem do candidato ao desenho de governo.
- b) Reposta da entrevistada Margarida, voto em Lula, sobre a pergunta: “Por que a senhora, decidiu votar neste Candidato?”: “Porque ele já provou que tem um compromisso com os mais pobres e que consegue acabar com a fome”; “Porque ele fez um ótimo governo”. Em todas as rodadas de entrevistas, relacionando todas as respostas sobre o porquê votar neste candidato, esta entrevistada oscila quanto à questão econômica e a sua opinião sobre classificação da atuação do governo, como sendo “ótima”, sempre com o foco no desempenho de governo.
- c) Reposta do entrevistado Pedro, voto em Lula, sobre a pergunta: “Por que o senhor, decidiu votar neste Candidato?”: “Porque ele foi o único que deu chance ao pobre de ter uma vida melhor”; “A proposta do Lula é mais pro pobre”. Este entrevistado focou, como os outros, na candidatura de Lula, mencionando a figura do candidato Lula.

Ao expor esses vários depoimentos, buscamos mostrar a recorrência das justificativas com relação entre o candidato Lula e o seu desempenho em governos anteriores. De modo que pudemos verificar um apoio dessas respostas, tanto em questões econômicas, quanto em termos de indicar a promoção de políticas públicas desse governo em favor das minorias e dos menos favorecidos.

5.5.2. Razões do voto em Bolsonaro

- a) Reposta do entrevistado Edy, voto em Bolsonaro, sobre a pergunta: “Por que o senhor, decidiu votar neste Candidato?”: “É o candidato mais representativo, Bolsonaro tem um plano econômico factível e positivo; Bolsonaro não aceita as atuais ditaduras Latino-Americanas, é expressamente comprometido com as democracias e as liberdades”. O eleitor, sobre a escolha em quem votar, apresenta na fala as ditaduras latino-americanas, dito de outro modo: a Venezuela, que seria socialista, representando a esquerda; e o governo Bolsonaro (capitalista), como representante da democracia e das liberdades, as quais seriam representadas pela direita. Essa resposta é bastante autoexplicativa, pois traz uma clara visão de mundo, ideológica, englobando aspectos políticos e econômicos.

- b) Reposta da entrevistada Valentina, voto em Bolsonaro, sobre a pergunta: “Por que a senhora, decidiu votar neste Candidato?”: “Pelo cunho cristão”; “Por defender valores da família (homem e mulher) e do cristianismo”; “Por ter princípios compatíveis com a fé cristã”. Com esta resposta, a entrevistada estava interessada na proteção da família tradicional. Esta manutenção do *status quo*, através desses elementos tradicionais, está intimamente ligada às questões de proteção provenientes do conservadorismo como aspecto social e cultural da ideologia. Além disso, os “*frames*”, enquadramentos discursivos da família, correspondem a um sistema de crenças ideológicas.

Aqui também falamos sobre o conjunto dos depoimentos, ora, fundado pelo conservadorismo, ora por discursos que se formam na junção de todos os aspectos da orientação ideológica: direita; capitalismo; e conservadorismo; bem como sobre a sua ramificação principal, a tradição quanto a temas sociais importantes, como aborto, novas estruturas familiares e outros valores que tradicionalmente são passados de uma geração para a outra.

5..5.3. As razões da Indcisão

- a) Reposta da entrevistada Edna, voto indeciso, sobre a pergunta: “Por que a senhora, decidiu votar neste Candidato?”. Esta entrevistada declarou escolha a partir do 2º questionário (Apêndice 1): “Bolsonaro”. Entretanto, também criou ponderações sobre sua escolha: “Embora não concorde com todas as suas falas, é o que mais se aproxima do que acredito e creio”.
- b) Reposta do entrevistado Valério, voto indeciso, sobre a pergunta: “Por que o senhor, decidiu votar neste Candidato?”. Este entrevistado teve muitas mudanças no decorrer do processo eleitoral, declarando votar no candidato Ciro Gomes na 2º rodada de entrevistas, questionário 2 (Apêndice 1); porém, também trouxe ponderações sobre a escolha: “Pra mudar alguma coisa, apesar de achar que ele não vai ganhar. O que não quero é sentir remorso depois do voto. Mas, se no futuro, tiver o Lula e o Bolsonaro, vou votar no Lula”. Após essa declaração, e nas entrevistas posteriores, ele foi perdendo a coerência do seu voto, escolhendo Lula no 1º turno, questionário 3 (Apêndice 1) e, por fim, se abstendo no 2º turno, questionário 5 (Apêndice 1). O que traz à baila os conflitos gerados pelas “pressões cruzadas”, que causam não só a demora, mas também a desistência do voto.

5.6. Razões para oposição ao voto

A partir da segunda rodada de entrevistas, questionário 2 (Apêndice 1), acrescentamos a questão: “Qual o candidato o senhor (a) não votaria de jeito nenhum?”. Quanto a essa questão, serão divididos de acordo com a escolha do entrevistado quanto ao voto.

5.6.1. O antagonista do voto em Lula

- a) Entrevistado Leandro: “Não votaria no atual presidente, o candidato Jair Messias Bolsonaro, pois não tem preocupação com as causas mais urgentes do povo brasileiro”;
- b) Entrevistado Pedro: “Gera o ódio, e é presidente de rico”;
- c) Entrevistado F.F.: “Bolsonaro, porque ele não é bom para governar”; “porque ele não é uma boa pessoa”;
- d) Entrevistado Calebe: “Bolsonaro, porque vai contra meus princípios e não defende as causas que apoio”.
- e)

Nosso intuito, ao trazer várias respostas, é encontrar características passíveis de generalização de cada grupo. Ou seja, procedimentos que se repetem nas escolhas de voto, tanto na escolha do voto em Bolsonaro, quanto em indecisos. É interessante observarmos os mesmos traços, o que realça a ideia de que, mesmo que as respostas tenham características de racionalidade, se tivermos um olhar mais atento, veremos vestígios de crenças nessas respostas, o que não faz parte do modelo de escolha racional, tanto pelas razões de voto anteriormente descritas, como pelas justificativas, para um não alinhamento a determinado candidato. Embora as ideologias sejam frequentemente associadas a conjuntos rígidos de valores e princípios, até mesmo o pragmatismo, que foca em resultados práticos e na adaptabilidade, está fundamentado em certas suposições e crenças.

5.6.2. O antagonista do voto em Bolsonaro

Passamos agora às repostas:

- a) Entrevistado Romeu: “Nenhum da esquerda, porque demostram pregar valores éticos e morais diferentes dos meus”;
- b) Entrevista Valentina: “Lula, por suas ideologias”;
- c) Entrevistada Cecilia: “Lula, os princípios morais dele não conferem com um presidente”.

Os três entrevistados listados pertencem à clivagem dos evangélicos. Como vimos, justificam a resposta alegando que, tanto o candidato, quanto o PT não estão alinhados com sua visão de mundo, com suas crenças, ideologias, valores éticos e morais.

- a) Entrevistado Claudio: “Lula, ele não capacidade, nem competência para governar”. Essa foi a justificativa em três rodadas das quatro em que essa pergunta foi feita; em apenas uma a alegação do entrevistado foi: “Porque acho que ele é o pior do comunismo. A bandeira do Brasil é verde-e-amarela; não vermelha”, expondo o ideologismo como justificativa.
- a) Entrevistada Silvia: “Lula, porque ele acabou com o país, e é ladrão”;
- b) Entrevistado Edy: “Lula, porque é um candidato ladrão”;
- c) Entrevistado Saulo: “Porque é ladrão e ex-presidiário (...)”.

Ao cruzar as respostas dos entrevistados, observamos possíveis vestígios de que o “antipetismo” foi ativado durante o processo eleitoral de 2022, o que lança dúvidas sobre nossa hipótese inicial de que isso não ocorreria. Portanto, precisamos investigar mais detalhadamente para confirmar se esse fenômeno realmente se traduz em uma aversão ao PT. No capítulo, as hipóteses, apresentamos referências sobre outros estudos, que nos ajudarão a identificar a ocorrência do voto antagônico, que acontece quando o objetivo do eleitor é evitar a vitória de um candidato específico. Nossa investigação se baseia no estudo que define a resistência ao Partido dos Trabalhadores como uma identificação partidária negativa (Ribeiro; Carreirão; Borba, 2016).

Outro ponto a explorar são os casos de corrupção que marcaram a gestão dos governos petistas e que poderiam alimentar sentimentos antipetistas e incentivar a oposição. Embora os eleitores não tenham expressado explicitamente resistência ao PT em suas justificativas de voto, o “antipetismo” foi mencionado como um aspecto secundário, possivelmente, devido ao foco dos participantes em questões pessoais, conforme sugerido por suas respostas no estudo de campo. Além disso, é importante observar os escândalos de corrupção que afetaram o Partido dos Trabalhadores e outros partidos tradicionais, como o “mensalão” e a “Lava Jato”. No caso do “mensalão”, as denúncias e prisões não tiveram o impacto esperado nas eleições presidenciais de 2006, resultando na reeleição de Lula. No entanto, a “Lava Jato” teve consequências mais significativas, como o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016; e a prisão de Lula, em 2018.

Por fim, no capítulo sobre as hipóteses, abordamos o ressentimento em relação à gestão dos governos petistas, como um sentimento especialmente atribuído à classe média. Não obstante, esse ponto não foi relatado pelos entrevistados; desse dado, podemos inferir que os participantes não pertencem ao público descrito na literatura sobre este assunto, por não se

tratarem da classe média tradicional, o que conecta os eleitores dessa classe social a uma direita conservadora, a qual se aplicam outras dinâmicas, afastando a possibilidade de antipetismo.

5.6.3. Os Indecisos se opõem ao voto em?

- a) Entrevistado Valério: “Bolsonaro, não gostei do governo dele”;
- b) Entrevistado Walter: “Lula, porque segue as políticas [que] não são alinhadas com as minhas. Pautas em relação ao Brasil e [a]o mundo”;
- c) Entrevistada Amélia: “Lula, porque não foi honesto com o povo quanto à administração do dinheiro público”.

Ao analisar as respostas de vários eleitores indecisos, observamos que os entrevistados que optaram por votar no candidato Lula apresentaram as mesmas características típicas dos eleitores de Lula; enquanto aqueles que decidiram votar em Bolsonaro também exibiram as características associadas aos seus eleitores.

5.7. Relação candidato / tema

Tabela 13 – Questionário 5 (Apêndice 1): Explorando a relação :Candidatos e Temas no Brasil

Candidato	Lula	Bolsonaro	Outros	Nenhum
O mais preocupado com os mais pobres	10	6	1	4
O mais preocupado em fazer a economia crescer	6	11	0	4
O mais preocupado em combater a corrupção	6	13	0	2
O mais preocupado em resolver o problema da segurança	7	10	0	4

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A análise da Tabela 13, sem dados agregados, reafirma as tendências esperadas: o candidato Lula é amplamente reconhecido como o mais preocupado com os pobres, enquanto Bolsonaro se sobressai nos temas relacionados ao combate à corrupção e à segurança. No entanto, um aspecto relevante emerge da frequência observada na coluna "nenhum", que registra 4 entrevistados em 4 dos 5 temas avaliados e 2 entrevistados em 1 tema. Esses resultados indicam um sentimento de desesperança quanto à capacidade dos candidatos, caso eleitos, de abordar essas questões de maneira eficaz, sugerindo uma descrença na viabilidade das propostas ou no compromisso político em enfrentar tais desafios.

Tabela 14 – Questionário 5 (Apêndice 1). Tabela com dados discriminados. Independente do voto, qual candidato considera

Candidato	Lula	Bolsonaro	Outros	Nenhum
O mais preocupado com os mais pobres	6 3 1	6	1	3 1
O mais preocupado em fazer a economia crescer	6	7 4	0	1 2 1
O mais preocupado em combater a corrupção	6	8 5	0	1 1
O mais preocupado em resolver o problema da segurança	7	7 3	0	1 3

Voto em Lula:  Voto em Bolsonaro: 
 Indiciso: 

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A análise da Tabela 14 revela um caso atípico de comportamento eleitoral, no qual um apoiador de Bolsonaro, apesar de reconhecer Lula como o candidato mais preocupado com os pobres, manteve seu voto em Bolsonaro durante todo o pleito de 2022. Este eleitor, que havia votado no Partido dos Trabalhadores em eleições anteriores, demonstra uma estabilidade em sua escolha que contraria teorias sobre a influência de conflitos sociais, mudanças contextuais ou novas informações no comportamento eleitoral. O caso evidencia a necessidade de aprofundar o entendimento das dinâmicas entre percepções individuais, lealdade partidária e decisões eleitorais.

5.8. Inferências sobre a pesquisa de campo

Os eleitores do candidato Bolsonaro se dividiram em duas dinâmicas distintas: alguns seguiram uma predisposição ideológica (direita/esquerda); enquanto outros escolheram adotar certas questões e rejeitar outras presentes na agenda da direita.

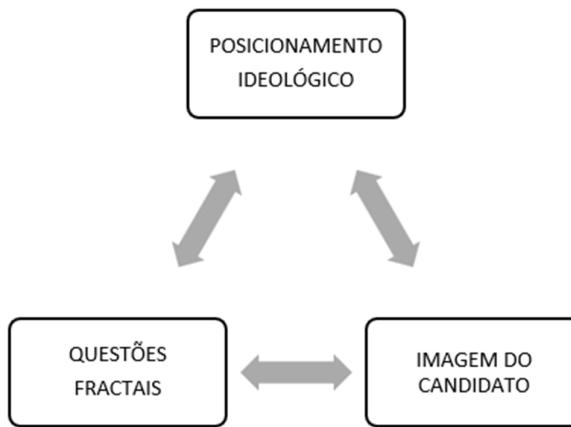
A estrutura eleitoral brasileira, composta por regras, instituições e práticas que regulam o processo democrático, está alicerçada em sistemas de crenças ideológicas que evoluem com o tempo. No contexto recente, o Partido dos Trabalhadores (PT), historicamente voltado para a igualdade social e direitos dos trabalhadores, viu a agenda política ser desafiada pela ascensão da "nova direita", representada por Jair Bolsonaro. Essa mudança incluiu a ênfase em questões como segurança pública, valores tradicionais de família e críticas ao comunismo, anteriormente ausentes nas pautas do PT.

Importante destacar a distinção entre Bolsonaro e o bolsonarismo. O primeiro é uma figura política específica, enquanto o bolsonarismo representa um fenômeno mais amplo e multifacetado, caracterizado por um movimento conservador que ultrapassa a figura do candidato Bolsonaro e que promove uma oposição ao "sistema tradicional" e às pautas progressistas.

Essas transformações refletem a dinâmica política e eleitoral, com novas formas de mobilização e polarização, impactando diretamente a estrutura do sistema eleitoral e as propostas de reforma política no Brasil. O fortalecimento de novas ideologias políticas, especialmente da direita, tem gerado tensões e transformações nas pautas dominantes, modificando o cenário eleitoral e político do país.

Desta forma nossa análise aponta para uma representação mais ampla, a qual reflete sua própria visão de mundo. Essa identificação está enraizada em seus princípios, ética, valores, modos de agir e interesses, além de representar um posicionamento coletivo, em que se insere o indivíduo. Assim, o voto pode ser entendido como um reflexo, um “espelho” que projeta a identidade e convicções do eleitor, configurando o que denominamos como “voto espelhado”.

Figura 9 - Ilustração do voto espelhado (voto em Bolsonaro)



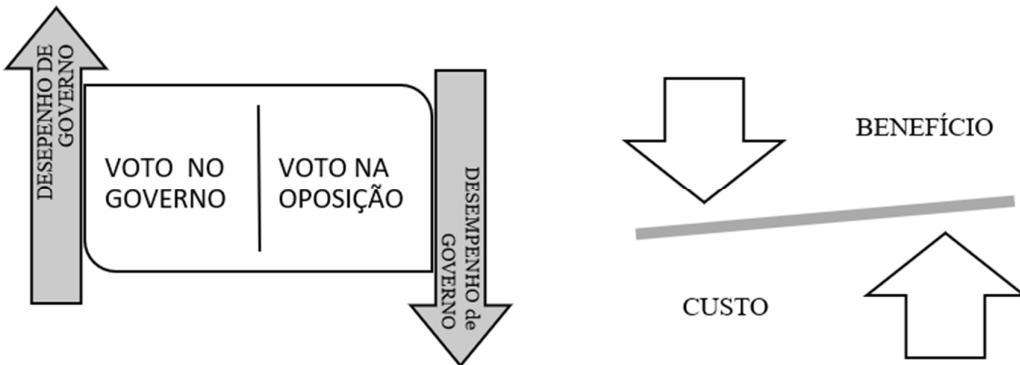
Fonte: elaborado pela autora (2024)

Na (Figura 9), temos um vislumbre representativo sobre as razões do voto no candidato Bolsonaro, que aderem às orientações ideológicas (direta e o conservadorismo) e à imagem do candidato de forma conjunta. Isso formará uma imagem única, que se refletirá nas questões fractais.

Ao levarmos em conta que o sistema de crenças pragmático preservou as duas características fundamentais da escolha racional (Figura-10), o desempenho governamental e a

relação custo-benefício, ele ainda carrega um peso emocional significativo. Em essência, ele provoca a ativação de sentimentos como esperança, nostalgia e bem-estar, gerando certo ativismo nesse grupo.

Figura 10 - Desempenho de Governo - modelo (Voto Pragmático) e relação custo-benefício



Fonte: elaborado pela autora (2024).

O surgimento e do declínio do “lulismo” fez emergir um sistema pragmático responsável por despertar emoções positivas, como esperança, saudade, gratidão e bem-estar; e, contrariamente, sensações negativas, como ressentimento, desconfiança, traição e desânimo. Esses sentimentos, sejam benéficos ou prejudiciais, estão mais associados à figura do candidato, vinculando a sua imagem ao desempenho governamental e às expectativas dos eleitores em relação ao voto. O fenômeno político conhecido como “lulismo”, cujas características foram detalhadas pelos autores presentes em capítulos anteriores, é o principal responsável pelo advento desse sistema de crenças pragmático. Apesar da introdução desse novo sistema, o antigo sistema ideológico, não foi eliminado; apenas adormeceu durante o período de governo do PT.

Esses aspectos foram notados ao tentarmos entender certas inconsistências na formação de opinião dos eleitores indecisos. As tendências de voto, influenciadas por questões imediatas durante a eleição, podem reduzir o entusiasmo de alguns votantes, levando-os a reconsiderar suas opções. Contudo, outros eleitores podem desconsiderar esses elementos passageiros e reafirmar preferências habituais.

A análise do comportamento eleitoral dos “trocadore”, por exemplo, revela a complexidade e a dinâmica intrínseca ao processo de decisão dos eleitores. De acordo com pesquisadores da década de 1940, esses eleitores incluem aqueles que, em uma eleição anterior, votaram em um candidato e, na eleição subsequente, votaram em um candidato de oposição. A dinâmica adotada por esses eleitores pode causar conflitos internos, levando-os a iniciar o

processo eleitoral com uma intenção de voto diferente daquela da eleição anterior, mas, eventualmente, terminam por votar no mesmo candidato do pleito pregresso.

Neste estudo, observamos três eleitores “trocadores”, cada um demonstrando padrões distintos de mudança de voto entre as eleições de 2018 e 2022:

Eleitor 1, Edy: Este indivíduo iniciou o período eleitoral decidido a votar de maneira contrária à sua escolha de 2018, quando votou no Partido dos Trabalhadores (PT). Para as eleições de 2022, pretendia votar em Jair Bolsonaro. Apesar de haver disparidades entre os interesses deste eleitor, como ser a favor do movimento LGBT, e por considerar Lula mais preocupado com os mais pobres; essas discordâncias não o fizeram mudar de escolha ou se desinteressar pelo processo eleitoral.

Eleitor 2, Valério: Este entrevistado votou em Jair Bolsonaro em 2018. Durante o processo eleitoral de 2022, começou indeciso e mudou a opção de voto duas vezes. Inicialmente, declarou que votaria em Ciro Gomes; votou em Lula no primeiro turno. Para o segundo turno, expressou a intenção de votar em Lula, mas não compareceu às urnas.

Eleitor 3, Alcione: Este eleitor foi o que mais se aproximou dos postulados dos pesquisadores da década de 1940. Iniciou o período eleitoral com a intenção declarada de votar em Lula; depois, mudou para Ciro Gomes, em quem votou no primeiro turno. Em seguida, voltou a ficar indeciso e terminou votando em Jair Bolsonaro, repetindo o voto de 2018.

Na elaboração do nosso estudo, observamos que os antipetistas se dividiram entre “ressentimento” e “conservadorismo”. Os que votaram em Bolsonaro em 2018, num contexto eleitoral diferente, marcado pela dicotomia PSDB *vs.* PT, não se dividiram e tenderam ao voto de direita com a ascensão do “bolsonarismo”, que culminou na vitória do candidato conservador.

Em contraste, em 2022, com ambos os fenômenos já estabelecidos desde o começo do processo eleitoral, o cenário mudou e o “antipetismo” se fragmentou. Com um ressentimento atenuado, aqueles influenciados por um sistema de crenças pragmático voltaram a buscar os seus interesses, muitos se alinhando ao candidato Lula. Isso não significa que todos apoiaram o candidato de esquerda, pois, neste sistema flexível, votos para outros candidatos, ou mesmo para a oposição, são possíveis. Por outro lado, os antipetistas conservadores, fortalecidos pelo fenômeno político consolidado, foram assimilados pelo “bolsonarismo”. Sem a necessidade de antagonizar o PT, adotaram um conjunto próprio de crenças ideológicas. Esses eleitores direcionaram seus votos ao candidato Bolsonaro. Eles são representados por um sistema que possui características conservadoras clássicas, tais como a preservação da família tradicional, valores éticos e morais tradicionais, o liberalismo de mercado, hierarquias sociais, fundamentos

religiosos, nacionalismo, entre outros, bem como elementos do conservadorismo moderno associados à “nova direita”, como a liberação da posse de armas (para proteção pessoal e familiar), a insegurança social, a flexibilização das leis ambientais, a participação dos militares na política, entre outros. É importante entender que nem todos os grupos adotam todas essas questões, mas selecionam, dentro de um leque oferecido pela “nova direita”, os tópicos que estão alinhados com os sistemas de crenças保守adoras de cada clivagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como estabelecido previamente, o objetivo desta pesquisa não era explorar todas as complexidades da dinâmica do voto, uma das áreas mais desafiadoras da ciência política; e sim trazer uma contribuição para elucidar os debates atuais sobre o tema. Assim, coube-nos apresentar, por meio de “pesquisa de painel”, os elementos que influenciaram a formação de opinião e a decisão de voto nas eleições presidenciais do Brasil, em 2022, circunscrita à cidade de São João de Meriti, na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A análise dos dados coletados revelou que tratar o eleitor como racional, ou ideológico, representa uma simplificação excessiva. Notamos um eleitorado com limitada sofisticação política, que tentou minimizar custos, utilizando atalhos informacionais e cognitivos. Também constatamos a influência de emoções e de sentimentos nas justificativas das escolhas eleitorais. Parece-nos, nesse sentido, essencial enfatizar que, em certos contextos, a interação pode ser mais determinante para as ações do indivíduo do que o evento em si. Em resumo, a forma como as pessoas percebem a si mesmas e ao ambiente à sua volta pode influenciar fortemente as suas ações. Assim, teremos a seguinte dinâmica: representação → motivação → avaliação → decisão. A pesquisa de campo corrobora essa constatação, pois todas as motivações estavam alinhadas com as emoções dos participantes e eram oriundas de suas crenças. Isso resultou em percepções moldadas por suas visões de mundo e por relações de pertencimento.

A escolha do município para o estudo provou ser muito profícua, dado que entendemos que as razões do voto são influenciadas pelo círculo social do eleitor e que indivíduos que trabalham ou vivem juntos tendem a votar no mesmo candidato, e ainda que pessoas que compartilham situações sociais semelhantes têm maior probabilidade de interagir se vivenciam diariamente circunstâncias locais parecidas e tendem a ter problemas e desejos similares, compartilhando uma cosmovisão e crenças, bem como ações comuns. Assim, podemos definir que as predisposições à direita são capturadas mediante o pertencimento, que serviu como estímulo externo para a direita em relação ao voto.

Sobre as hipóteses, antes de tudo, devemos entender que tanto o “antipetismo” quanto a despolarização são vetores ligados ao “lulismo” e ao “bolsonarismo” e que, a depender do contexto do processo eleitoral, podem ser acionados ou não.

Com base nos resultados de pesquisa de campo disponíveis no capítulo sobre os resultados e com o respaldo da literatura sobre o assunto descrita no capítulo sobre as hipóteses, concluímos que:

- a) o “antipetismo” não foi acionado em 2022; neste novo contexto, houve um desmembramento do “antipetismo”, sendo uma parte desativada com a volta de Lula ao circuito eleitoral, e outra sendo incorporada ao “bolsonarismo”, que é um fenômeno muito mais complexo e multifacetado que o antagonismo ao PT;
- b) a despolarização confirmou a sua continuidade para o eleitorado de Lula, sob a alegação de irrelevância e/ou desconhecimento sobre o assunto. A partir de características coletadas com base na pesquisa de campo, constatamos que esse voto por proximidade/identificação aconteceu com relação ao que o eleitor deseja/espera com o voto, que é composto por crenças pragmáticas que se constroem fora do aspecto ideológico.

Destacamos quanto à formação da opinião que as influências dos meios de comunicação (a televisão, a internet e o diálogo com familiares e amigos) estabeleceu uma distinção entre o impacto qualitativo e quantitativo. Observamos que, embora a televisão e a internet predominem em quantidade, ocupando o primeiro e segundo lugares respectivamente em termos de influência; o diálogo com familiares e amigos, qualitativamente e apesar de estar em terceiro lugar, demonstrou ter uma interferência significativamente maior na decisão do voto devido às suas características de confiança e familiaridade.

Ressaltamos também a divergência entre a demora na tomada de decisão e a abstenção do voto da relação quanto ao nível de interesse. As peculiaridades das eleições de 2022 são notáveis, pois constatamos que foi quase impossível os eleitores não terem considerações sobre a escolha. Então, o que determinou a lentidão, ou a desistência do voto durante o processo eleitoral, foi a importância que cada eleitor atribuiu a essas considerações, gerando conflitos a votar.

A constatação de inclinação ideológica foi claramente identificada nos relatos dos entrevistados que optaram pelo voto em Bolsonaro. Contudo, até entre os eleitores pragmáticos, alinhados com o voto a Lula, devido a fatores como cultura local, legado familiar ou convicções éticas e morais próprias, observamos uma certa tendência conservadora. Isso demonstra que, enquanto sistema de crenças, o ideário pode ser surpreendentemente adaptável aos contextos sociais e culturais.

No âmbito pessoal, as escolhas eleitorais são moldadas por três componentes: a identidade; a compreensão singular do mundo; e a sensação de conexão com determinados grupos. Esses fatores orientarão as suas preferências em relação a “questões temáticas”. Dentro de temas tradicionalmente conservadores, como ideologia de gênero, legalização do aborto, família tradicional, liberalismo econômico; e questões associadas a Jair Bolsonaro, como

legalização de armas, ou a visão sobre minorias. Os eleitores formaram opiniões considerando o contexto específico, acionando os seus sistemas de crenças.

As razões do voto

Os indivíduos firmados no ideologismo procuram reduzir o custo da decisão por “*frames* semânticos”, sendo a família o principal deles; e, em seu sistema de crenças, “questões temáticas” da “nova direita”. Da mesma forma, o eleitorado pragmático buscou reduzir custos por meio de temas econômicos de interesse e de seu sistema de crenças, tanto as “questões econômicas”, quanto aquelas ligadas a políticas públicas de bem-estar social, as quais são características do “lulismo”. Essa forma heurística para a decisão do voto fundamentado em sistemas de crenças oferece aos eleitores uma maneira eficiente de diminuir o custo do voto, pois esses indivíduos formam as representações e as motivações para votar, sustentados por uma rede de ideias preexistentes.

A pesquisa destaca a relevância das crenças na dinâmica das eleições de 2022, que realmente fornece *insights* valiosos sobre a formulação do voto e sobre as escolhas dos eleitores. Esse fator enriquece o debate político ao oferecer uma visão crítica das estratégias eleitorais e auxilia na compreensão precisa das motivações e das preferências dos eleitores no contexto político atual.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, S. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. In: ABRANCHES, S. (org.). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje.** São Paulo: Companhia Das Letras, 2019. pp. 11-34.

ALBUQUERQUE, J. A. G. Identidade , oposição e pragmatismo: uma teoria política do voto. **Lua Nova**, n. 26, p. 53-79, 1992. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/lng/a/x8pvKnv8Y7RL3RSPczhfnTq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 fev. 2024.

ALBUQUERQUE, M.; MEDEIROS, J. A crise da democracia no Brasil: do lulismo ao bolsonarismo. In: LIMA, M. R. S.; PINHEIRO, L.; ALBUQUERQUE, M., GONÇALVES, F. N.; NIÑO, A. L. (orgs.). **América do Sul no século XXI:** desafios de um projeto político regional. Rio de Janeiro: Multifoco, 2020. pp. 52-69.

ALERJ-ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. LEI COMPLEMENTAR Nº 184, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2018, DO RIO DE JANEIRO. **JUSBRASIL**, 2018. Disponível em:
<https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/2921607131/lei-complementar-184-18-rj>. Acesso em: 12 fev. 2023.

ALVES, J. C. S. **Dos barões ao extermínio:** uma história da violência na Baixada Fluminense. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

AMAGLOBELI, G. Analysis of georgian political discourse according to george lakoff's framing theory. **Journal in Humanities**, Tbilisi, 6, p. 7-9, 2017. Disponível em:
<https://jh.ibsu.edu.ge/jms/index.php/SJH/article/view/341/360>. Acesso em: 22 mar. 2024.

ANDERSON, D. M. Review: [Untitled]. **The Journal of Politics**, 49, n. 3, agost 1987. 871-873. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2131285>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

ANTUNES, R. J. D. S. **Identificação partidária e comportamento eleitoral:** factores estruturais , atitudes e mudanças no sentido do voto. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10316/12275>. Acesso em: 20 dez. 2021.

APURAÇÃO por zona eleitoral: Rio de Janeiro. **G1**, 28 out. 2018a. Eleições 2018 no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/apuracao-zona-eleitoral-presidente/rio-de-janeiro/2-turno/>. Acesso em: 23 out. 2024.

APURAÇÃO por zona eleitoral: São João de Meriti. **G1**, 28 out. 2018b. Eleições 2018 no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/apuracao-zona-eleitoral-presidente/sao-joao-de-meriti/2-turno/>. Acesso em: 23 out. 2024.

AQUINO, J. A. D. Conservadorismo e ressentimento: duas fontes do antipetismo. In: SILVA, E. F. D.; FROTA, F. H. S.; SILVA, M. A. L. **Atores políticos e dinâmicas eleitorais.** Fortaleza: Edmeta, 2020. p. 232-273.

AVELAR, I. Genealogia discursiva do bolsonarismo. **Aisthesis**, n. 70, p. 169-198, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/aisthesis/n70/0718-7181-aisthesis-70-0169.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2024.

AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. Sistema de crenças: uma conceituação. **Protestantismo em Revista**, v. 43, n. 2, p. 237-255, jul./dez. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322780115_Sistema_de_crenças_uma_conceituacao/. Acesso em: 9 abr. 2024.

BALDAIA, F. et al. **O BOLSONARISMO E O BRASIL PROFUNDO: A DIMENSÃO SOCIOCULTURAL DO FENÔMENO E SEUS ELEMENTOS FORMATIVOS**. Iguatu: Quipá editora, 2024. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/870560/2/O%20BOLSONARISMO%20E%20O%20BRASIL%20PROFUNDO.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2024.

BARROS JÚNIOR, O. C. Geografia Da Saúde E Saneamento Básico Na Baixada Fluminense: O Contexto De São João. **Terceiro Incluído**, v. 10, p. 189-207, dez. 2020.

BARROS, C. R. PT é quem sobrou para resolver velhos problemas e os criados por Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, 31 dez. 2022. Poder. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/12/pt-e-quem-sobrou-para-resolver-velhos-problemas-e-os-criados-por-bolsonaro.shtml>. Acesso: 28 fev. 2023.

BELLO, E.; CAPELA, G.; KELLER, R. J. Operação Lava Jato: ideologia, narrativa e (re)articulação da hegemonia. **Direito e Praxis**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 1645-1678, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2020/53884>. Acesso em: 21 out. 2024.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política A-Z**. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BOLOGNESI, B.; RIBEIRO, E. A.; CODATO, A. Esquerda, centro ou direita? Como classificar os partidos no Brasil. **UOL**, 24 nov. 2020. Observatório das Eleições. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/observatorio-das-eleicoes/2020/11/24/esquerda-centro-ou-direita-como-classificar-os-partidos-no-brasil.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 23 out. 2024.

BRAGA, M. D. S.; ZOLNERKEVIC, A. Padrões de votação no tempo e no espaço: classificando as eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, v. 26, n. 1, p. 1-33, jan-abr 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-019120202611>. Acesso em: 21 out. 2024.

BRAGANÇA, D. O que é (e o que não é) uma milícia? **ORBIS- Boletim do LEPEB/UFF**, Niterói, 2, n. 5, Janeiro/Abril 2024. 5-8. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/orbis/issue/view/3094>>. Acesso em: 2024 out. 16.

BURNHAM, W.D. **Critical elections and the mainsprings of American politics**. New York: W. W. Norton & Company, 1970.

CALEIRO, J. P. No Rio de Janeiro a milícia não é um poder paralelo. É o Estado. **Revista EXAME**, 31 jan. 2019. Brasil. Disponível em: <https://exame.com/brasil/no-rio-de-janeiro-a-milicia-nao-e-um-poder-paralelo-e-o-estado/>. Acesso em: 2 set. 2023.

CAMINO, L.; SILVA, E. A. D.; SOUZA, S. M. D. Primeiros passos para a elaboração de um Modelo Psicossociológico do Comportamento Eleitoral: estudo dos eleitores de João Pessoa na campanha de 1992. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 1, jun. 1998, p. 7-33. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000100002>. Acesso em: 1 jun. 2023.

CAMPBELL, A. E. A. **The American Voter**. Chicago: University of Chicago, 1960.

CARRANÇA, T. Como onda de saques por fome deu origem à milícia em município do RJ. **BBC News Brasil**, 23 jul. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62272917>. Acesso em: 28 jun. 2024

CARREIRÃO, Y. D. S. A decisão do voto nas eleições presidenciais no Brasil (1989 a 1998): a importância do voto por avaliação de desempenho. 2000. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/4053/2000_carreirao_decisao_voto_eleicoes.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 28 jan. 2023.

CERQUEIRA, C. Eleitor aponta economia, questões sociais e saúde como principais problemas, diz Quaest. **CNN Brasil**, 31 out. 2022. Política. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/eleitor-aponta-economia-questoes-sociais-e-saude-como-principais-problemas-diz-quaest/>. Acesso em: 10 fev. 2023

COISSI, J. Eleitor ratifica bolsonarismo e lulismo, diz editora. **Folha de São Paulo**, 5 out. 2022. TV. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tv/2022/10/eleitor-mostrou-que-ratifica-bolsonarismo-e-lulismo-diz-editora-sobre-disputa-nos estados.shtml>. Acesso em: 22 fev. 2023.

COSTA, M. M. P.; ALCANTARA, D. D. Mobilidade na periferia metropolitana fluminense. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Rio de Janeiro, p. 3-19, dez. 2020.

DAGEOP. São João de Meriti. **DAGEOP**, 2018. Disponível em: <https://www.dageop.com.br/sao-joao-de-meriti>. Acesso em: 23 out. 2024.

DALTON, R.; WATTENBERG, M. The not so simple act for voting. In: FINIFTER, A. (org.). **State of political Science II**. Washington: American Political Science Association, 1993. p. 193-218.

DMJRACIAL. Mapa da geopolítica do poder cotidiano em São João de Meriti. **DMJ Racial**, 31 maio 2023. Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial. Disponível em: <https://dmjracial.com/2023/05/31/mapa-da-geopolitica-do-poder-cotidiano-em-sao-joao-de-meriti/>. Acesso em: 23 out. 2024.

DOWNS, A. **Uma teoria econômica da democracia**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1999.

DUARTE, F. A árvore genealógica dos partidos políticos do Brasil. **Revista Instigada**, set. 2016. Disponível em: <https://revistainstigada.blogspot.com/2016/09/a-arvore-genealogica-dos-partidos.html>. Acesso em: 23 out. 2024.

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Anpoll**, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015. Disponivel em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902>. Acesso em: 22 mar. 2024.

FERRAZ, S. E. Voto e Classe: notas sobre alguns estudos recentes. **Opinião Pública**, v. 15, n. 2, p. 451-477, nov. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/wfCkx59z6TQGx4Qm6fyr5QP/?format=pdf>. Acesso em: 16 jul. 2023.

FIGUEIREDO, M. **A decisão do voto**. São Paulo: Sumaré, 1991.

FONSECA, T. A. D. "À sombra do Rio de Janeiro violência e poder político na Baixada Fluminense, contada por um dos seus" Resenha do Livro : Dos Barões Ao Extermínio Uma História Da Violência Na Baixada Fluminense. TERCEIRO MILÊNIO- Revista Crítica de Sociologia e Política, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 271-279, Setembro/Dezembro 2023. Disponível em: <<https://www.revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/300>>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FONTE SEGURA-FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Entre Altos e Baixos: a questão da Segurança Pública no ranking dos principais problemas brasileiros. **FONTE SEGURA**, 2023. Disponível em: <<https://fontessegura.forumseguranca.org.br/entre-altos-e-baixos-a-questao-da-seguranca-publica-no-ranking-dos-principais-problemas-brasileiros/>>. Acesso em: 10

FÓRUM NACIONAL DE ENTIDADES METROPOLITANAS. Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RJ). **Fórum Nacional de Entidades Metropolitanas**, 2018. Disponível em: <https://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-do-rio-de-janeiro-rj/>. Acesso em: 23 out. 2024.

FRANÇA, L. B. A genealogia do Lulismo. **Academia.edu**, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/33523710/A_Genealogia_do_Lulismo. Acesso em: 23 out. 2024.

FRESSATO, S. B. O comportamento da classe média e o declínio da democracia. **Sens publi**, 1079467, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1079467ar>. Acesso em: 25 fev. 2023.

FUNDO BRASIL. Significado da sigla LGBTQIA+. **Fundo Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>. Acesso em: 24 out. 2024.

IBGE. São João de Meriti. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2022. Cidades e Estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rj/sao-joao-de-meriti.html>. Acesso em: 23 out. 2024.

INGLEHART, R. The Persistence of Materialist and Post-Materialist Value Orientations: Comments on Van Deth's Analysis. **European Journal of Political Research**, Ann Arbor, 11, 03 1983. 81-91. Disponível em: <<https://ejpr.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-6765.1983.tb00044.x>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

ISABELLE, P. Pesquisa por questionário. In: POUGAN, S. **A pesquisa Sociologica**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 85-101.

Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. **G1**, 29 out. 2018. Eleições 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghml>. Acesso em: 23 out. 2024.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Disponível em:
https://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf. Acesso em: 27 abr. 2024.

JORGE, V. L.; FARIA, A. M. T. D.; SILVA, M. G. D. Posicionamento dos partidos políticos brasileiros na escala esquerda-direita: dilemas metodológicos e revisão da literatura. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 33, p. 1-44, 2020. ISSN 227686. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/XNBnwhWwbSsMPFrj4zmHQsG/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 22 set. 2024.

KEY, V. O. **The responsible electorate**: rationality in presidential voting, 1936-1960. New York, Random House, 1966.

LAGO, I. C.; ROTTA, E. Política e cultura: a relação entre indivíduo e estrutura na perspectiva das teorias do comportamento eleitoral. **Textos & Con textos**, v. 22, p. 1-10, jan-dez. 2023. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/43631/28141>. Acesso em: 29 mar. 2024.

LAKOFF, G. **The political mind**: why you can't understand 21st-century politics with an 18th-century brain. 1. ed. New York: Viking, 2008.

LAVAREDA, A. Neuropolítica: O papel das emoções e do inconsciente. **Revista USP**, n. 90, p. 120-146, jun./ago. 2011. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34811/37549>. Acesso em: 22 mar. 2024.

LAYTON, M. L.; SMITH, A. E.; MOSELEY, M. W.; COHEN, M. J. Demographic polarization and the rise of the far right: Brazil's 2018 presidential election. **Research and Politics**, v. 1, n. 8, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2053168021990204>. Acesso em: 10 jan. 2022.

LAZARSFELD, P. F.; BEREISON, B.; GAUDET, H. **The People's Choice**. Columbia: Columbia University Press, 1948.

LIPSET, S. M. **O Homem Político**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

LIPSET, S. M.; ROKKAN, S. **Party systems and voter alignments**: cross-national perspectives. New York: Free Press, 1967.

LOPES, M. S.; LOPES, P. R. S. Interfaces entre antipetismo e bolsonarismo: uma análise da narrativa eleitoral no segundo turno da eleição presidencial de 2018. In: SILVA, E. F. D.; FROTA, F. H. D. S.; SILVA, M. A. L. D. **Atores Políticos e Dinâmicas Eleitorais**. Fortaleza: Edmeta, 2020. p. 274-318.

MAGALHÃES, J. F. L. O estado de mal estar social: uma análise da política neoliberal e seus sustentáculos militaristas e igrejistas. **Revista Estudos Libertários**, v. 4, n. 11, jul. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/50225>. Acesso em: 21 out. 2024.

MANSO, B. M. **A REPUBLICA DAS MILICIAS**: Dos Equadões de Morte era Bolsonaro. 1^a. ed. São Paulo: TODAVIA, 2020.

MANSOUR, N. Introduction to the Work and Ideas of George Lakoff. **NonviolenceNY Network**, 24 abr. 2021. Disponível em: <https://www.nonviolenceny.org/post/introduction-to-the-work-and-ideas-of-george-lakoff>. Acesso em: 4 abr. 2024.

MARCELINO, G. H. Fredric Jameson, teórico da pós-modernidade. *Práxis Comunal*, v. 2, n. 1, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/praxiscomunal/article/view/20008>. Acesso em: 24 out. 2024.

MARTINO, L. M. S. Lendo “The People’s Choice” no seu 70º “líder de opinião” aos “influenciadores digitais”. **Intercom-RBCC**, v. 41, p. 1-12, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844201831/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

MATOS FILHO, R. D. S. Do mensalão à lava jato: a ascensão da barganha e da colaboração premiada no processo penal. **Revice - Revista de Ciências do Estado**, v. 2, n. 2, p. 411-421, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2525-8036.2017.5077>. Acesso em: 21 out. 2024.

MEDEIROS, J. O significado do lulismo na vida política brasileira: direitos e institucionalização das lutas à luz da Constituição de 88. **Revista Estudos Políticos**, v. 11, n. 22, p. 160-188, fev. 2020. Disponível em:
https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/50423. Acesso em: 25 jan. 2024.

MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 187-201, jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000200012>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL (Brasil). **Caso Lava Jato: entenda o caso**, [2018]. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/casos-historicos/lava-jato>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MINAYO, M. D. S.(org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa social teoria método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NERI, M. (coord.). **A nova classe média**. Rio de Janeiro: FGV Social; IBRE; CPS, 2008. Disponível em: https://www.cps.fgv.br/ibrecps/M3/M3_TextoFinal.pdf. Acesso em: 25 fev. 2023.

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou a direita**. Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

OKADO, L. T. A.; RIBEIRO, E. A.. Mudança de valores em países latino-americanos: comparando os índices de pós-materialismo e valores emancipatórios. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 24, p. 7–48, set. 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/SN8RpWdHx4CJ887BBdTbD6f/?lang=pt#>. Acesso em: 22 out. 2024.

OLIVEIRA, M. Após um ano e meio e 69 sessões, STF conclui julgamento do mensalão. **G1**, 15 mar. 2014. Política. Disponível em

<https://g1.globo.com/politica/mensalao/noticia/2014/03/apos-um-ano-e-meio-e-69-sessoes-stf-conclui-julgamento-do-mensalao.html>. Acesso em: 28 fev. 2023.

OPAS-ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Histórico da pandemia de COVID-19. OPAS, 31 dez. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/fr/node/79443>. Acesso em: 27 dez. 2022.

OPAS-ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Países devem estar atentos à "trípla ameaça" da COVID-19, influenza e VSR à medida em que as férias se aproximam, diz diretora da OPAS. ONU, 16 nov. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/16-11-2022-paises-devem-estar-atentos-tripla-ameaca-da-covid-19-influenza-e-vsr-medida-em#:~:text=A%20diretora%20da%20OPAS%20destacou,qual%20n%C3%A3o%20existe%20vacina%20atualmente...> Acesso em: 28 dez. 2022.

OPAS-ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Disponível em: [https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento25naprevalenciaansiedadeidepressaoem#:~:text=2%20de%20mar%C3%A7o%20de%202022,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20\(OMS\)](https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento25naprevalenciaansiedadeidepressaoem#:~:text=2%20de%20mar%C3%A7o%20de%202022,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20(OMS)). Acesso em: 28 dez. 2022.

PIMENTEL JUNIOR, J. T. Razão e emoção no voto: o voto na eleição presidencial de 2006. **Opinião Pública**, v. 16, n. 2, p. 516-541, nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/Ds9xspCM5kXQdc6MYcxJRvp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 mar. 2024.

POUGAM, S. **Pesquisa Sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015.

QUÉRÉ, L. La fabrique des émotions. Paris: PUF, 2005.

REBELLO, M. M. Ideologias partidárias no governo Lula: A percepção do eleitor. **Civitas**, 12, n. 2, p. 298-320, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2012.2.11930>. Acesso em: 18 jun. 2023.

REIS, T. Ceteris Paribus: entenda o que é e como aplicar esse conceito econômico. **Suno**, 14 nov. 2018. Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/ceteris-paribus/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

RENNÓ, L.; CABELLO, A. As bases do lulismo: a volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 74, p. 39-60, out. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000300003>. Acesso em: 24 jan. 2024.

RENNÓ, L. Bolsonarismo e as eleições de 2022. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 36, p. 147-163, 22 Dez. 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/205987/189563>>. Acesso em: 12 jul. 2024.

RENNÓ, R. L. The Bolsonaro Voter: Issue Positions and Vote Choice in the 2018 Brazilian Presidential Elections. **Latin American Politics and Society**, v. 62, v. 4, p. 1-23, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/lap.2020.13>. Acesso em: 19 dez. 2023.

RIBEIRO, E. A consistência das medidas de pós-materialismo: testando a validade dos índices propostos por R. Inglehart no contexto brasileiro. **Sociedade e Estado**, v. 22, n. 2, p.

371-400, 05-07 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922007000200006>. Acesso em: 14 fev. 2024.

RIBEIRO, E.; CARREIRÃO, Y.; BORBA, J. Sentimentos partidários e antipetismo: condicionantes e Covariantes. **Opinião Pública**, v. 22, n. 3, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-01912016223603>. Acesso em: 10 fev. 2023.

RIBEIRO, G. Entre armas e púlpitos: a necropolítica do Bolsonarismo. **Continentes**, n. 16, p. 463-485, jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/288>. Acesso em: 31 mar. 2024.

RIBEIRO, A. Deus, Pátria e Família: o integralismo na política brasileira. **Politize!**, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/integralismo-brasileiro-2>. Acesso em: 27 abr. 2024

ROCHA, A. S. Os efeitos da reestruturação econômica metropolitana na Baixada Fluminense: apontamentos sobre o “novo” mercado imobiliário da região. **Espaço e Economia**, n. 6, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.1677>. Acesso em: 23 out. 2024.

ROCHA, L. Casos de ansiedade e depressão cresceram 25% durante pandemia, diz OMS. **CNN Brasil**, 2 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/casos-de-ansiedade-e-depressao-cresceram-25-durante-pandemia-diz-oms/>. Acesso em: 3 maio 2024.

ROMA, C. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO PSDB ENTRE 1988 E 1999. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, v. 17, p. 71-92, jun. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbc soc/a/DBMr6vWB7RckDb74YrPVmJh/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2024.

ROMANO, C. Bolsonarismo e bolsonaristas no Brasil contemporâneo: antecedentes históricos, percursos políticos. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 27, n. 1, p. 151-159, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/4124/4529>. Acesso em: 15 jan. 2024.

SALLES, N. Do paradoxo à competição: o lugar da dimensão programática nas disputas eleitorais. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasilia, n. 32, p. 93-134, Maio-Agosto 2020. ISSN 10.1590/0103-335220203203. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbc pol/a/WJc6yfmmrk4Z6shmyhjtJBs/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SARTORI, C. Datafolha mede a influência de Lula e Bolsonaro no berço do bolsonarismo. **Veja**, 1 jul. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/datafolha-medida-a-influencia-de-lula-e-bolsonaro-no-berco-do-bolsonarismo>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SARTORI, G. Politics, ideology, and belief systems. **The American Political Science Review**, Cambridge, v. 63, p. 398-411, jun. 1969.

SEGOVIA, C. Decidiendo por quién votar. Evidencia experimental del efecto de las emociones en el voto. **Colombia Internacional**, n. 107, p. 3-28, jul./set. 2021. Disponível em: <https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/colombia-int/article/view/2957/1710>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SILVA, F. O fim da pandemia? **Espaço do conhecimento UFMG**, 12 maio 2023. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/o-fim-da-pandemia/>. Acesso em: 20 maio 2024.

SILVA, M. T. D. Acontecimento: evocando sentidos, provocando ações: uma análise do “Mensalão”. **Intexto**, n. 30, p. 72-92, jul. 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/47822>. Acesso em: 22 out. 2024.

SINGER, A. **Os sentidos do lulismo**: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SINGER, A. **O lulismo em crise**: um quebra-cabeças do período Dilma (2011-2016). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SINGER, A. A Reativação da direita no Brasil. **Opinião Pública**, v. 27, n. 3, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-01912021273705>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SINTONIA COM A SOCIEDADE. Panorama das classes ABCDE. **Globo Gente**, 3 ago. 2022. Disponível em: <https://gente.globo.com/infografico-pesquisa-panorama-das-classes-abcd/>. Acesso em: 23 out. 2024.

SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In: ABRANCHES, S. (org.). **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019. pp. 307-321.

SOUTHIER, D. **O populismo lulista**: crítica ao hegemonismo de esquerda. Tese (doutorado em Sociologia e Ciência Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234728>. Acesso em: 24 jan. 2024.

TAROUCO, G. D. S.; MADEIRA, R. M. PARTIDOS, PROGRAMAS E O DEBATE SOBRE ESQUERDA E DIREITA NO BRASIL. **Sociologia e Política**, v. 21, n. 45, p. 149-165, mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/JK9SrZwCBvgwNB8DgR5m4yN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

TEATRO MUNICIPAL DO PORTO. Do acontecimento Louis Queré. Teatro Municipal do Porto, nov. 2021. Disponível em: <https://www.teatromunicipaldoporto.pt/pt/programa/do-acontecimento-louis-quere/>. Acesso em: 24 out. 2024.

TEITELBAUM, B. R. **Guerra Pela Eternidade**: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. São Paulo: Unicamp, 2020.

TOLEDO, E. Taboão da Serra continua sendo a cidade com maior densidade populacional do Brasil. **O Taboanense**, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.otaboanense.com.br/taboao-da-serra-continua-sendendo-a-cidade-com-maior-densidade-populacional-do-brasil/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Sistema de divulgação de candidaturas das Eleições 2022 já está disponível. **Portal do TSE**, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/sistema-de-divulgacao-de-candidaturas-das-eleicoes-2022-ja-esta-disponivel>. Acesso em: 21 jun. 2024.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Calendário das Eleições 2022 é aprovado pelo TSE. **Portal do TSE**, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Dezembro/calendario-das-eleicoes-2022-e-aprovado-pelo-tse>. Acesso em: 21 jun. 2024.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Eleições 2022: propaganda eleitoral está liberada a partir de hoje (16). **Portal do TSE**, 24 nov. 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Agosto/eleicoes-2022-propaganda-eleitoral-esta-liberada-a-partir-de-hoje-16>. Acesso em: 21 jun. 2024.

VEIGA, L. Economic voting in an age of growth and poverty reduction: electoral response in Latin America (1995-2010). **Center for the Study of Democracy**, p. 1-25, 5 jun. 2013. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/8r683983> . Acesso em: 16 set. 2023.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIOS

QUESTIONÁRIO - 1:

Questionário (1)- Este questionário foi o que nos arremeteu, a uma gama maior de objetivos, pois além das perguntas que foram recorrentes as 5 rodas de entrevistas que foram: sobre os níveis de interesse, aquisição de informação, intenção de voto e voto, bem as justificativas da escolha como objetivo ultimo de analisar e discutir as ondulações existentes ou não inerentes a estes pontos, buscando elementos de composição da formação da opinião e da razões do voto, representadas pelas questões (12) , (13), (17).

Outras perguntas tiveram como objetivo montar o perfil dos entrevistados, de acordo com o recorte de pesquisa nos propomos a apresentar, as questões referentes a este propósito, são sendo elas: de (1) à (10);

Outras ainda para identificar predisposições, compostas pelas questões, (11), (14), (15), (16), (18), (20) e (21);

Dados do Entrevistado Nome:_____ Data:____/____/____.

Telefone:_____

P1. SEXO:

(1) MASCULINO

(2) FEMININO

P2. IDADE:

(1) (16/24)

(4) (45/59)

(2) (25/34)

(5) (60 OU +)

(3) (35/44)

P3.O senhor (a) se autodeclara:

(1) Branco

(2) Negro

(3) Pardo

(4) Indígena

P4. Qual o seu grau de estudo?

- (1) Ensino fundamental incompleto/completo;
- (2) ensino Médio incompleto/completo;
- (3) ensino superior incompleto/completo
- (4) outros
- (5) Não Respondeu

P5. RENDA FAMILIAR:

- (1) até 1 salário mínimo
- (2) De 1 a 3 salários mínimos
- (3) De 3 a 5 salários mínimos
- (4) De 5 a 10 salários mínimos
- (5) Não Respondeu

P6. Qual a sua situação de trabalho?

R:

P7. Qual a sua RELIGIÃO?

- (1) NÃO TEM
- (2) EVANGÉLICA
- (3) ESPÍRITA
- (4) CATÓLICA
- (5) OUTRA:_____

P8. É BENEFICIÁRIO OU TEM ALGUM PARENTE EM SUA CASA BENEFICIADO PELO PROGRAMA AUXÍLIO-BRASIL:

- (1) SIM
- (2) NÃO
- (3) Não Respondeu

P9. COMPROU NO ÚLTIMO ANO ALGUM DESSES BENS DE CONSUMO? QUAIS?

Geladeira, fogão, televisão, carro, outros eletros-domésticos:

R:

P10. No último ano, sua renda familiar aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?

- (1) Aumentou
- (2) Diminuiu
- (3) Permaneceu a mesma
- (4) Não sabe / Não Respondeu

P11. Em termos gerais, você se considera muito interessado, mais ou menos interessado, pouco interessado ou completamente desinteressado por assuntos políticos?

- (1) Muito Interessado
- (2) Mais ou Menos Interessado
- (3) Um pouco interessado
- (4) completamente desinteressado
- (5) Não sabe / Não Respondeu

P12. E em relação às eleições deste ano, até o momento o senhor(a), diria que vem acompanhando a disputa com muito interesse, pouco interesse, nenhum interesse?

- (1) Muito Interesse
- (2) Pouco Interesse
- (3) Nenhum interesse
- (4) Não sabe/não respondeu

P13. As pessoas se informam sobre a política de diversas maneiras. Gostaria de saber de você quais são os dois principais meios pelos quais você se informa sobre a política e eleições (ler alternando a ordem e MARCAR DUAS RESPOSTAS)

- | | |
|-------------------------------------|--|
| (1) Televisão | (6) No ambiente de trabalho |
| (2) Rádio | (7) No ambiente educacional |
| (3) Jornais | (8) mídias digitais: Redes sociais, you tube, podcasts, etc... |
| (4) Conversa com a família e amigos | |
| (5) No ambiente Religioso | (9) Outros: _____ |

P14. Com relação aos partidos políticos, o Senhor(a) tem simpatia, por algum?

() não () sim , Qual:

P15. Na política, as pessoas falam muito de esquerda e direita. O que significa ser de direita ou ser de esquerda, para o Senhor (a)?

R:

P16. O senhor(a) se acha mais identificado(a) com a esquerda ou com a direita? Por que?

R:

P17. Este ano teremos eleição para presidente. Se as eleições fosse hoje, em quem o SENHOR (A) votaria? (listar todos os candidatos)

- | | |
|----------------------------|--------------------------------------|
| (1) LULA (PT) | (8) SOFIA MANZANO (PCB) |
| (2) BOLSONARO (PL) | (9) LEONARDO PÉRICLES (UP) |
| (3) CIRO GOMES (PDT) | (10) ROBERTO JEFERSON (PTB) |
| (4) SIMONE TEBET (MDB) | (11) SORAYA THRONICKE (UNIÃO BRASIL) |
| (5) FELIPE D'ÁVILA (NOVO) | |
| (6) VERA LÚCIA (PSTU) | (12) PABRO MARÇAL (PROS) |
| (7) JOSÉ MARIA EYMAEL (DC) | (13) NÃO SABE/NÃO RESPONDEU |

P18. Por que o Senhor(a), votaria nesse candidato?

R:

P19. Em sua opinião, quais são as duas áreas que devem receber mais atenção e investimentos do próximo presidente da república? (Estimulada – Mostrar Cartão – marcar duas opções)

- | | |
|-----------------|---|
| (1) Educação | (6) Programas de criação de empregos e aumento da renda |
| (2) Saúde | (7) Programas sociais para os pobres |
| (3) Segurança | (8) Aumento do crédito para o consumo |
| (4) Habitação | (9) meio-ambiente |
| (5) Transportes | (10) Combate à Inflação |

(11) não sabe/não responder

P20. Gostaria de saber agora se o senhor (a, é contra ou a favor das instituições/movimentos que vou citar:

MST	(1) contra	(1) a favor	(3) não sabe/NR
Privatização de empresas	(1) contra	(1) a favor	(3) não sabe/NR
Democracia	(1) contra	(1) a favor	(3) não sabe/NR
Legalização do aborto	(1) contra	(1) a favor	(3) não sabe/NR
Legalização do porte de armas	(1) contra	(1) a favor	(3) não sabe /NR
Participação dos militares na Política	(1) contra	(2) a favor	(3) não sabe /NR
Movimento LGBT	(1) contra	(2) a favor	(3) não sabe /NR
Voto eletrônico	(1) contra	(2) a favor	(3) não sabe/NR

P21. Gostaria de saber a imagem que você tem sobre as seguintes instituições/organizações:

Governo Federal	(1)negativa	(2) Positiva	(3)não sabe/NR
Câmara dos Deputados	(1)negativa	(2)Positiva	(3)não sabe/NR
Assembleia Legislativa	(1)negativa	(2)Positiva	(3)não sabe/NR
Partidos Políticos	(1)negativa	(2)Positiva	(3)não sabe/NR
Poder Judiciário	(1)negativa	(2)Positiva	(3)não sabe/NR
Igrejas	(1)negativa	(2)Positiva	(3)não sabe/NR
Forças Armadas	(1)negativa	(2)Positiva	(3)não sabe/NR

QUESTIONÁRIO 2

Além de objetivar, nossa pesquisa painel, ou seja, verificar mudanças, nas opiniões e escolhas dos entrevistados, durante o processo eleitoral, correspondendo a este propósito as questões: (1) a (4);

A partir deste questionário, inserimos uma questão, que na qual, perguntamos em qual candidato o entrevistado não votaria? e por quê? (Questão - 5), no sentido de enxergar quais, motivos não levariam o eleitor a escolher determinado candidato. O que parece infrutífero, mas que nos trouxe reflexões interessantes, as quais nos debruçaremos durante o capítulo -4.

Troucemos também neste questionário questões no sentido de perceber, mudanças de opinião durante do processo eleitoral (questão -6). E também entre eleições.

QUESTÕES – 7

Trancemos outras questões, onde nosso objetivo era observar de forma geral, qual as representações, cada candidato trazia, como expectava de governo, (questões -8– 11).

DADOS DO ENTREVISTADO:

NOME _____ **DATA** _____

P1. As pessoas se informam sobre a política de diversas maneiras. Gostaria de saber do senhor(a), quais são os dois principais meios pelos quais você se informa sobre a política e eleições (MARCAR DUAS RESPOSTAS)

- (1) Televisão
- (2) Jornais
- (3) Conversa com a família e amigos
- (4) Discussão na Igreja
- (5) Propaganda partidária
- (5) Rádio
- (6) Internet
- (7) Outra resposta: _____

P2. Estamos chegando a três semanas de horário de propaganda gratuita pela televisão e o rádio. O senhor (a) tem assistido aos programas de propagandas eleitorais?

- (1) Sempre
- (2) Quase sempre
- (3) de vez em quando
- (4) raramente
- (5) nunca
- (6) não sabe/não respondeu

P3. Este ano teremos eleição para presidente. Se as eleições fosse hoje, em quem o senhor(a) votaria?

- (1) LULA (PT)
- (2) BOLSONARO (PL)
- (3) CIRO GOMES (PDT)
- (4) SIMONE TEBET (MDB)
- (5) FELIPE D'ÁVILA (NOVO)
- (6) VERA LÚCIA (PSTU)
- (7) JOSÉ MARIA EYMAEL (DC)
- (8) SOFIA MANZANO (PCB)
- (9) LEONARDO PÉRICLES (UP)
- (10) SORAYA THRONICKE (UNIÃO BRASIL)
- (11) PABRO MARÇAL (PROS)
- (12) NÃO SABE/NÃO RESPONDEU

P4. Por que o Senhor(a), pretende votar nesse candidato

R:

P5. Nas eleições deste ano para presidente, qual o candidato que o Senhor(a) não votaria? Por quê?

R:

P6. Do início da campanha deste ano até o momento, o Senhor(a), mudou a sua opinião sobre qual candidato votar para presidente?

- (1) Não
- (2) Sim, por quê?

P7. O senhor(a), poderia dizer em qual partido ou candidato, votou para presidente, nas últimas eleições?

- (1). 2014: _____
- (2). 2018: _____
- (3). Não sabe / Não Respondeu

P8. Independente do seu voto para presidente, qual desses candidatos considera

- P9. O mais preocupado com os mais pobres?
- (1) Lula
 - (2) Bolsonaro
 - (3) Outro
 - (4) NS / Nenhum

P 10. O mais preparado para fazer a economia crescer?

- (1) Lula
- (2) Bolsonaro
- (3) Outro
- (4) NS / Nenhum

P11. O mais preocupado em combater a corrupção?

- (1) Lula
- (2) Bolsonaro
- (3) Outro
- (4) NS / Nenhum

P12. O mais preocupado em revolver o problema da segurança?

- (1) Lula

- (2) Bolsonaro
- (3) Outro
- (4) NS / Nenhum

QUESTIONÁRIO -3

Foi o que recolheu informações do resultado do 1º turno das eleições para presidente, além de objetivar, nossa pesquisa painel, ou seja, verificar mudanças, nas opiniões e escolhas dos entrevistados, durante o processo eleitoral, correspondendo a este propósito as questões: (1) a (6); a questão número (7), trouxemos de novo, qual candidato não seria votado e quais as justificativas.

Questionário de Retorno após as eleições 1º turno

Nome : _____ **Data** ____ / ____ / ____

P1. Você votou no domingo passado?

(1) Sim

(2) Não, por quê? _____

P 2. Gostaria de saber do senhor(a), quais foram os dois principais meios pelos quais você se informou sobre as eleições (MARCAR DUAS RESPOSTAS**)**

(1) Televisão

(2) Jornais

(3) Conversa com a família e amigos

(4) Discussão na Igreja

(5) Propaganda partidária

(5) Rádio

(6) Internet

(7) Outra resposta: _____

P3. O senhor (a) assistiu aos programas de propagandas eleitorais?

(1) Sempre

(2) Quase sempre

(3) de vez em quando

(4) raramente

(5) nunca

(6) não sabe/não respondeu

P4. Em quem o senhor(a) votou para presidente, neste ano 2022?

- | | |
|----------------------------|---|
| (1) LULA (PT) | (8) SOFIA MANZANO (PCB) |
| (2) BOLSONARO (PL) | (9) LEONARDO PÉRICLES (UP) |
| (3) CIRO GOMES (PDT) | (10) SORAYA THRONICKE (UNIÃO
BRASIL) |
| (4) SIMONE TEBET (MDB) | (11) PABRO MARÇAL (PROS) |
| (5) FELIPE D'ÁVILA (NOVO) | (12) NÃO SABE/NÃO RESPONDEU |
| (6) VERA LÚCIA (PSTU) | |
| (7) JOSÉ MARIA EYMAEL (DC) | |

P5. Quando você decidiu votar neste candidato?

- (1) Desde o início do ano eleitoral
- (1) Mais de um mês antes das eleições
- (2) Mais de uma semana antes das eleições
- (3) Na semana da eleição
- (4) No dia da eleição

P6. Por que você votou neste candidato?

R:

P7. Nas eleições deste ano para presidente, qual o candidato que o Senhor(a) não teria votado de forma alguma? Por que?

R:

QUESTIONÁRIO 4

Além de objetivar, nossa pesquisa painel, ou seja, verificar mudanças, nas opiniões e escolhas dos entrevistados, durante o processo eleitoral, correspondendo a este propósito as questões: (1) a (5); Na questão-7), recorremos a mesma pergunta. Qual o candidato não seria escolhido de forma alguma, por quê? A pergunta (8), buscamos buscar mudanças na opinião do eleitor.

Questionário - pré 2º turno

Nome: _____ Data: ____ / ____ / _____.

P1. As pessoas se informam sobre a política de diversas maneiras. Gostaria de saber do senhor(a), qual seu principal meio para se informar sobre a política e eleições:

- (1) Televisão
- (2) Conversa com a família e amigos
- (3) Internet
- (4) Jornais (impressos e digitais)
- (5) Rádio
- (6) Outra resposta: _____

P2. Estamos novamente com horário de propaganda eleitoral gratuita pela televisão e o rádio. O senhor (a) tem assistido aos programas de propagandas eleitorais?

- (3) Sempre
- (4) Quase sempre
- (3) de vez em quando
- (4) raramente
- (5) nunca
- (6) não sabe/não respondeu

P3. Nas eleições para presidente no segundo turno. Em quem o senhor(a) pretende votar?

- (1) LULA (PT)
- (2) BOLSONARO (PL)
- (3) NÃO SABE
- (4) NÃO RESPONDEU

P4. Por que o Senhor(a), pretende votar nesse candidato?

R:

P5. Quando o senhor(a), decidiu votar neste candidato?

- (1) Antes das Eleições de 1º turno
- (2) Após as Eleições de 1º turno
- (3) Não sabe
- (4) Não respondeu

P6. Nas eleições presidenciais de segundo turno, qual o candidato que o Senhor(a), não votaria?

R:

Por quê?

R:

P7. Do início da campanha deste ano até o momento, o Senhor(a), mudou a sua opinião sobre qual candidato votar para presidente?

- (1) Não
- (2) Sim, por quê? _____

QUESTIONÁRIO 5

Além de objetivar, nossa pesquisa painel, ou seja, verificar mudanças, nas opiniões e escolhas dos entrevistados, durante o processo eleitoral, correspondendo a este proposito as questões: (1) a (4). Na questão (5), foi para verificação do nível de interesse; a (questão- 6), perguntamos o momento da decisão final. (Na questão- 7) procurou mudanças na opinião. A questão (8) a recorrência de verificação de quem não seria votado pelo eleitor e justificativas da resposta. Questão (9) quais as áreas de interesse dos eleitores sobre o governo.

QUESTIONÁRIO pós eleições Presidencias /

Nome: _____ Data: ____ / ____ / ____.

P1. As pessoas se informam sobre a política de diversas maneiras. Gostaria de saber do senhor(a), qual seu principal meio para se informação durante o período eleitoral sobre a política e eleições:

- (1) Televisão
- (2) Conversa com a família e amigos
- (3) Internet
- (4) Jornais (impressos e digitais)
- (5) Rádio
- (6) Outra resposta: _____

P2. O senhor (a) assistiu aos programas de propagandas eleitorais?

- (1) Sempre
- (2) Quase sempre
- (3) de vez em quando
- (4) raramente
- (5) nunca
- (6) não sabe/não respondeu

P3. Na eleição para presidente no 2º turno. Em quem o senhor(a) votou?

- (1) LULA (PT)
- (2) BOLSONARO (PL)
- (3) NÃO SABE
- (4) NÃO RESPONDEU

P4. Por que o Senhor(a), votou nesse candidato? _____

P5. O senhor (a) acompanhou a apuração dos votos do 2º turno?

- (1) DESDE O INÍCIO DA APURAÇÃO
- (2) EM ALGUNS MOMENTOS DA APURAÇÃO
- (3) SOMENTE O RESULTADO FINAL
- (4) NÃO ACOMPANHEI EM MOMENTO ALGUM
- (5) NÃO SABE
- (6) NÃO RESPONDEU

P6. Quando o Senhor(a), decidiu votar neste candidato?

- (1) HÁ MUITO TEMPO (MAIS DE UM MÊS ANTES DAS ELEIÇÕES)
- (2) MAIS DE UMA SEMANA ANTES DAS ELEIÇÕES
- (3) NA SEMANA DA ELEIÇÃO
- (4) NO DIA DA ELEIÇÃO

P7. Em algum momento durante a campanha eleitoral, o Senhor(a) , pensou em votar em outro candidato para presidente?

- (1) Não
- (2) Sim

P8. Nas eleições de 2º turno para presidente, qual o candidato que o Senhor(a) não votaria?

R:

Por quê?

R:

P9. Em sua opinião, quais são as duas áreas que devem receber mais atenção e investimentos do próximo presidente da república? (marcar duas opções)

- | | |
|---|---------------------------------------|
| (1) Educação | (7) Programas sociais para os pobres |
| (2) Saúde | (8) Aumento do crédito para o consumo |
| (3) Segurança | (9) meio-ambiente |
| (4) Habitação | (10) Combate à Inflação |
| (5) Transportes | (11) não sabe/não respondeu |
| (6) Programas de criação de empregos e aumento da renda | |

APÊNDICE 2 – TABELAS

As tabelas do questionário (1) foram divididas em: montagem de perfil para o nosso recorte de pesquisa, buscando dados como: os votos (Lula, Bolsonaro e indecisos), e categorias como: raça, gênero e religião. As tabelas foram organizadas de acordo com as candidaturas iniciais escolhidas pelos entrevistados. Realizamos uma análise mais minuciosa dos entrevistados, uma vez que este questionário foi aplicado no início do "jogo político", para analisar as crenças e tecer observações pontuais e aprofundamento

1 TABELAS SOBRE CONCEITO DE IDEOLOGIA E POSICIONAMENTO IDEOLÓGICO (PERGUNTA ABERTA)

Voto Bolsonaro (gênero)				
	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou	Não se posicionou
Homem	4		4	
Mulher	1	3	1	3

Observação: Enquanto os homens tendiam mais à direita, as mulheres focavam em temas como princípios cristãos, estrutura familiar tradicional e assuntos conservadores.

Assim, elas escolheram um conjunto específico que atendia suas demandas, e descartaram outros tópicos.

Ambos os grupos formam suas opiniões com base nos temas, no posicionamento e na imagem do candidato, mas a ordem desses fatores varia.

Ao passo que os homens, em geral, começam selecionando suas demandas, refletem sobre o retrato feito pelo do candidato e então se posicionam.

As mulheres, por outro lado, começam com seu conjunto de questões, refletem sobre o posicionamento ideológico e, por fim, consideram a imagem do candidato.

Voto Bolsonaro (raça)				
	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou	Não se posicionou
Branca	3	1	3	1
Negra		1		1
Parda	2	1	2	1

Observação: Nesta tabela conseguimos novamente enxergar, a diferença sobre os homens e mulheres, pois independente da raça todos na coluna (não conceituou e não se posicionou) são mulheres.

	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou	Não se posicionou
Evangélico	2	3	2	3
Não Evangélico	3		3	

Observação: Novamente independente da questão da religião, todos na coluna (não conceituou e não se posicionou), são mulheres.

Voto Bolsonaro (inserção laboral)

	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou	Não se posicionou
Setor primário				
Setor secundário				
Setor terciário	5		5	
Desempregado		3		3

Observação: a única mulher a (conceituar e se posicionar) era a única que está empregada.

Voto Lula (gênero)

	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou	Não se posicionou
Homem	2	2	2	2
Mulher		3		3

Observações: O voto ao candidato Lula, como se trata de perguntas abertas foi possível se verificar que a respostas sobre as duas questões, revelaram-se estarem ligada ao “lulismo”, bem-estar-social. “defender as reais necessidades da população¹³”.

Sendo respostas alinhadas a classe social “ser pobre¹⁴” ou a demandas ligadas ao estado de

¹³ (...) ao meu ver, 2002 pode ser o marco inicial de uma fase prolongada no Brasil, como aconteceu nos EUA, com a ascensão de Franklin Delano Roosevelt. Em 1932, nos EUA, assim como em 2002 no Brasil, numa típica eleição de alternância, forma-se nova maioria. Em 2006, em pleito de continuidade, há relevantes trocas de posição social no interior da coalizão majoritária: em função das opções governamentais tomadas no primeiro mandato de Lula, a classe média se afasta e contingentes pobres ocupam seu lugar. (Singer, 2012, p.

¹⁴ “(...) o lulismo faz uma rearticulação ideológica, que tira centralidade do conflito entre direita e esquerda, mas reconstrói uma ideologia a partir do conflito entre ricos e pobres” (Singer, 2012, p. 32);

Voto Lula (raça)				
	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou	Não se posicionou
Branca	1	3	1	3
Negra		1		1
Parda	1**	1	1	1

Observação: A religião não mostrou como mobilizador para os eleitores do Lula, pardo que se posicionou e conceituou, assim como o branco, trouxeram em suas justificativas elementos voltados para o lulismo e não para a orientação ideológica.

Voto Lula (religião)				
	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou	Não se posicionou
Evangélico	1	1	1	1
Não Evangélico	2	3	1	4

Observações: A religião não mostrou como mobilizador para os eleitores do Lula, o evangélico que se posicionou e conceituou, assim como o não evangélico, trouxeram em suas justificativas elementos voltados para o lulismo e não para a orientação ideológica.

Voto Indeciso (gênero)				
	Conceituou	Não conceituou	Se posicionou	Não se posicionou
Homem	1	2		3**
Mulher	1	2	2*	1

Observação: Este grupo quanto ao gênero, (*) as duas mulheres, que depois se decidiram votar em Bolsonaro se posicionaram. (**) Enquanto nenhum homem se posicionou mesmo o homem que votou em Bolsonaro não se posicionou alegando irrelevância, os outros homens, um assinalou que votaria no candidato Ciro gomes no 1º turno, mas votou em Lula e se absteve no 2º turno. Já o outro que as características coletadas nas suas repostas. Indicava que votaria em Bolsonaro acabou por se absteve, tanto no 1º quanto no 2º turno. No caso das mulheres, como já observado nas tabelas de (conceito/posicionamento), do candidato Bolsonaro, tomam as “questões temáticas” como atalho abraçando umas e rejeitadas outras, porém aquelas que são rejeitadas, acabam por se transformar em “pressões cruzadas”, o que causa um atraso na

decisão. O que no caso dos homens, fez com estes não se posicionassem, enquanto as mulheres se posicionassem.

2 TABELAS SOBRE POSICIONAMENTO DO ELEITOR SOBRE (CONTRA OU A FAVOR DAS INSTITUIÇÕES E MOVIMENTOS) CITADOS: (PERGUNTA FECHADA)

Eleitores do candidato Bolsonaro			
Questão	Contra (1)	A favor (2)	N/S – N/R
MST	6		2
Privatização de empresas	2	5	1
Democracia		7	1
Legalização do aborto	8*		
Legalização do porte de armas	3	5	
Participação dos militares na política	1	7	
Movimento LGBT	6	2**	
Voto eletrônico	2	5	1

Observações: (*) - a única questão que os entrevistados foram unâimes, foram contra a legalização do aborto. (**) – a questão sobre o movimento LGBT, foram a favor dois entrevistados não-evangélicos. Já o homem não evangélico, que votou no PT em 2018 e em 2014.

Eleitores do candidato Lula			
Questão	Contra (1)	A favor (2)	N/S – N/R
MST	3	3	1
Privatização de empresas	4	3	
Democracia	1	6	
Legalização do aborto	2*	4*	1
Legalização do porte de armas	5	2	
Participação dos militares na política	5	2	
Movimento LGBT		7**	
Voto eletrônico	1	5	1

Observação: (*) - os eleitores não foram unânimes quanto a legalização do aborto, as duas divergências, foram os entrevistados de maior faixa etária.

(**) - já o movimento LGBT, houve unanimidade independente da religião ou faixa etária.

Eleitores indecisos			
Questão	Contra (1)	A favor (2)	N/S – N/R
MST	3		3
Privatização de empresas	3	2	1
Democracia	2	2	2
Legalização do aborto	5	1*	1
Legalização do porte de armas	3	3	
Participação dos militares na política	3	3	
Movimento LGBT	4	2**	
Voto eletrônico	4	2	

Observação: (*) – O único que decidiu votar no candidato Lula no 1º turno e se absteve no 2º turno foi também o único se colocou a favor da legalização do aborto.

(**) – Nesta questão o eleitor descrito acima, se colocou contra o movimento LGBT. Enquanto 2 entrevistados que decidiram votar no candidato Bolsonaro, foram a favor do movimento LGBT. Cabe ressaltar que foi uma mulher e um homem. A mulher evangélica e sendo esta sua primeira eleição, assim não tendo pleitos anteriores, para serem colocados como parâmetro.

*Refletindo sobre o assunto, o importante é se entender que determinada identificação de posicionamento, como "conservador", não impede de fato, incorporar uma mentalidade progressista em determinadas questões. Em contraste, aqueles que se rotulam como "pragmáticos" podem apresentar um pensamento mais conservador em algumas áreas temáticas.

3 TABELAS SOBRE A IMAGEM DO ELEITOR SOBRE AS SEGUINTE S INSTITUIÇÕES/ORGANIZAÇÕES

(Pergunta Fechada) - Eleitor do candidato Lula			
Questão	Negativo (1)	Positivo (2)	N/S – N/R
Governo Federal	5*		2
Câmara dos Deputados	3	2	2
Assembleia Legislativa	1	4	2
Partidos Políticas	2	4*	1
Poder Judiciário		6*	1
Igrejas	3	3	1
Forças Armadas	1	5**	1

Observação: (*) - como esperado tanto a visão sobre o governo e o poder judiciário, que suscitaram vários episódios de crise entre as casas governamentais, durante o governo Bolsonaro, bem como o mau desempenho do governo foi mostrado na questão proposta. Porém a visão sobre os partidos políticos pendeu para o positivo.

(**) – Quanto as forças armadas apesar se mostrarem contra sua participação no governo, a imagem sobre a instituição, pendeu para positivo tendo (5) de (7) votos.

Eleitor do candidato Bolsonaro			
Questão	Negativo (1)	Positivo (2)	N/S – N/R
Governo Federal		8*	
Câmara dos Deputados	6	2	
Assembleia Legislativa	5	3	
Partidos Políticas	5	3*	
Poder Judiciário	4	4**	
Igrejas	2	6	
Forças Armadas		8***	

Observação: (*) - como esperado houve uma total aprovação do desempenho do Governo.

Quanto aos partidos a visão pendeu para o aspecto negativo.

(**) - quanto ao poder judiciário como houve um empate, pode-se dizer a existência de uma neutralidade sobre o assunto.

(***) – Quanto as forças armadas a aprovação tanto da sua imagem, quanto a sua participação no governo foi positiva. Foi observado ainda que os eleitores pertencentes a este grupo, não escolheram, a opção (Não sabe/ Não respondeu). Ao que merece exame, sobre este fato.

Eleitores indecisos			
Questão	Negativo (1)	Positivo (2)	N/S – N/R
Governo Federal	3*		3
Câmara dos Deputados	4		2
Assembleia Legislativa	4		2
Partidos Políticas	5*		1
Poder Judiciário	4**	1	1
Igrejas	2	2	2
Forças Armadas	2	4***	

Observação: (*) – apesar de 4 eleitores indecisos optarem por votar no candidato Bolsonaro, não houve uma escolha positiva sobre o governo. (**) – porém indicaram ser contra as atitudes do Judiciário. A reflexão considerada a mais importante é o fato de todos os grupos (Lula, Bolsonaro ou indecisos) terem uma visão positiva sobre as forças armadas, apesar dos votantes do Lula e Bolsonaro discordarem da participação dos militares no governo, nesta questão os indecisos permaneçam neutros, sendo (3) conta e (3) a favor.